

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



PROFLETRAS

UNIDADE CÁCERES



PROFLETRAS

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

LÍDIA TAGARRO COSTA PEREIRA

**LITERATURA E FOTOGRAFIA: POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA A
PRODUÇÃO DE LEITURA E ESCRITA DE POEMAS NA ESCOLA**

**CÁCERES - MT
2018**

LÍDIA TAGARRO COSTA PEREIRA

**LITERATURA E FOTOGRAFIA: POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA A
PRODUÇÃO DE LEITURA E ESCRITA DE POEMAS NA ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, para a obtenção do título de Mestra em Letras, sob a orientação da Prof^a. Dra. Elizete Dall’Comune Hunhoff.

**CÁCERES – MT
2018**

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

PEREIRA, Lídia Tagarro Costa.

P436l Literatura e Fotografia: Possibilidades Metodológicas para a Produção de Leitura e Escrita de Poemas na Escola / Lídia Tagarro Costa Pereira - Cáceres, 2018.
143 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.

Orientador: Elizete Dall' Comune Hunhoff

1. Estética da Recepção. 2. Letramento Literário. 3. Ensino. 4. Tecnologia. I. Lídia Tagarro Costa Pereira. II. Literatura e Fotografia: : Possibilidades Metodológicas para a Produção de Leitura e Escrita de Poemas na Escola.

CDU 801.8

LÍDIA TAGARRO COSTA PEREIRA

LITERATURA E FOTOGRAFIA: POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA A
PRODUÇÃO DE LEITURA E ESCRITA DE POEMAS NA ESCOLA

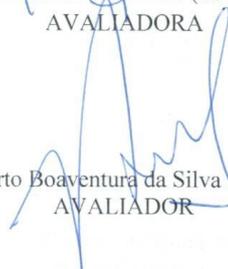
BANCA EXAMINADORA



Dra. Elizete Dall' Comune Hunhoff (UNEMAT)
ORIENTADORA



Dra. Marta Helena Cocco (UNEMAT)
AVALIADORA



Dr. Roberto Boaventura da Silva Sá (UFMT)
AVALIADOR

Dra. Olga Maria Castrillon Mendes (UNEMAT)
SUPLENTE

APROVADO EM 05/02/2018

Ao meu sobrinho Deivid,
Às minhas sobrinhas Isabelle,
Sthefany e Renatinha: Amor que não se mede.

AGRADECIMENTOS

À Elizete Dall'Comune Hunhoff, minha orientadora, pelos ensinamentos e pela dedicação com que guiou-me nesse caminho de pesquisa e escrita, a minha gratidão e admiração;

Aos professores Marta Cocco e Roberto Boaventura, pelas preciosas contribuições, por ocasião da Qualificação do projeto, que só enriqueceram o meu trabalho;

Aos meus professores da Educação Básica ao Mestrado, merecedores da minha homenagem pelo conhecimento passado e pela coragem com que enfrentam as dores e os sabores da profissão, o meu reconhecimento;

À minha família que, de uma forma ou de outra, moldou o meu caráter.

A todos os colegas do Profletras, em especial, as amigas preciosas de Cláudia Barros Schuenquener, Keila Costa Massavi e Simone Berte, pelos conselhos, pelas trocas de experiências, pelas risadas, pelos laços estreitados e pela partilha de tantos momentos inesquecíveis durante o curso, meu carinho e gratidão;

À amizade da colega Ângela Malta, *in memoriam*, pessoa iluminada que tão cedo partiu, mas deixou-nos ensinamentos preciosos sobre coragem, motivação, gratidão e resiliência;

Aos meus queridos alunos, motivo da minha dedicação e esperança por uma Educação melhor;

À equipe gestora da Escola Estadual Paulo Freire, pela disponibilidade em ajudar-me.

À SEDUC/MT, pelo afastamento permitido;

À UNEMAT, pela oferta de pós-graduação a estudantes do interior do estado.

À CAPES, pela bolsa concedida.

A poesia
tem tudo a ver
com tua dor e alegrias,
com as cores, as formas, os cheiros,
os sabores e a música
do mundo.

A poesia
tem tudo a ver
com o sorriso da criança,
o diálogo dos namorados,
as lágrimas diante da morte,
os olhos pedindo pão.

A poesia
tem tudo a ver
com a plumagem, o voo e o canto,
a veloz acrobacia dos peixes,
as cores todas do arco-íris,
o ritmo dos rios e cachoeiras,
o brilho da lua, do sol e das estrelas,
a explosão em verde, em flores e frutos.

A poesia
- é só abrir os olhos e ver -
tem tudo a ver com tudo.

(Elias José, Tem tudo a ver, 2002)

RESUMO

Nesta dissertação apresentamos uma proposta de leitura e escrita de poemas, na qual utilizamos a tecnologia da fotografia como meio motivador do processo de leitura e de escrita para a produção de textos poéticos, em classe. O objetivo foi proporcionar, aos alunos do Ensino Fundamental, possibilidades de formação literária a partir da interação entre as linguagens verbal e não verbal. Dessa forma, propusemos aos educandos atividades de leituras, interpretações e produções de textos poéticos e imagéticos, por meio de poemas e fotografias sobre a temática “a cidade”. A leitura do texto literário foi planejada e sustentada a partir dos estudos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), das Orientações Curriculares para Mato Grosso (2012), dos estudos da Estética da Recepção, proposta por Hans Robert Jauss (1994) e do Letramento literário, de Rildo Cosson (2012); e das inserções sobre poesia propostas por Hélder Pinheiro (1995). A aplicação do projeto se deu em uma escola estadual do município de Primavera do Leste, MT, com uma turma de sétimo ano. Levamos em conta dois grandes focos: leitura e interpretação de poemas; e leitura e interpretação de imagens. Na primeira etapa, trabalhamos com os alunos os elementos poéticos e os sentidos presentes nos textos, por meio de rodas de leitura. Na segunda etapa, trabalhamos a leitura de imagens, por meio da atividade de interpretação de fotografias, posteriormente, os alunos fotografaram a cidade e escreveram poemas inspirados nessas imagens. Na sequência, os alunos montaram um *E-book* e fizeram filmagens com suas declamações dos poemas. Como resultado final das análises, pudemos notar que as atividades de leitura, interpretação, explanação de conceitos, pesquisas fotográficas, entre outros, contribuíram positivamente nas produções textuais dos alunos. A outra situação diz respeito ao uso da fotografia como meio motivador do processo de escrita do poema, sobre o qual pudemos inferir que os alunos, realmente, sentiram entusiasmo nas atividades de passeio fotográfico, tendo em vista que iriam escrever sobre as imagens capturadas por aparelhos celulares. Ao observarmos, tanto a produção imagética, quanto a produção poética dos educandos, sentimos que o trabalho realizado atingiu plenamente os objetivos propostos. E, ancoradas nas análises do material obtido, e após as reflexões teóricas e literárias, podemos afirmar com certa propriedade aos possíveis leitores desta pesquisa que unir a tecnologia ao ensino de língua pode favorecer e melhorar o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa nas escolas.

Palavras-chave: Estética da recepção. Letramento literário. Ensino. Tecnologia.

RESUMEN

En esta disertación presentamos una propuesta de lectura y escritura de poemas, en la que utilizamos la tecnología de la fotografía como medio motivador del proceso de lectura y de escritura para la producción de textos poéticos en clase. El objetivo fue proporcionar a los alumnos de la enseñanza fundamental las posibilidades de formación literaria a partir de la interacción entre el lenguaje verbal y el no verbal. De esta forma, propusimos a los educandos actividades de lecturas, interpretaciones y producciones de textos poéticos y de imagen, por medio de poemas y fotografías sobre la temática “la ciudad”. La lectura del texto literario fue planificada y sostenida a partir de los estudios de los Parámetros Curriculares Nacionales (1998), de las Directrices Curriculares para Mato Grosso (2012), de los estudios de la Estética de la Recepción, propuesta por Hans Robert Jauss (1994) y del Letramento literario, de Rildo Cosson (2012); y de las inserciones sobre poesía propuestas por Hélder Pinheiro (1995). La aplicación del proyecto se dio en una escuela estadual del municipio de Primavera del Este, en Mato Grosso, con una clase de séptimo año. Tomamos en cuenta dos grandes focos: lectura e interpretación de poemas; y lectura e interpretación de imágenes. En la primera etapa, trabajamos con los alumnos los elementos poéticos y los sentidos presentes en los textos, por medio de ruedas de lectura. En la segunda etapa, trabajamos la lectura de imágenes, por medio de la actividad de interpretación de fotografías, posteriormente, los alumnos sacaron fotos de la ciudad y escribieron poemas inspirados en esas imágenes. En seguida, los alumnos montaron un *E-book* e hicieron filmaciones con sus declamaciones de los poemas. Como resultado final de los análisis, pudimos notar que las actividades de lectura, interpretación, explicación de conceptos, investigaciones fotográficas, entre otros, contribuyeron positivamente en las producciones textuales de los alumnos. La otra situación se refiere al uso de la fotografía como medio motivador del proceso de escritura del poema, sobre el cual pudimos inferir que los alumnos, realmente, sintieron entusiasmo en las actividades de paseo fotográfico, visto que iban a escribir sobre las imágenes capturadas por sus móviles. Al observar, tanto la producción de imagen como la producción poética de los educandos, sentimos que el trabajo realizado alcanzó plenamente los objetivos propuestos. Después de las reflexiones teóricas y literarias, basadas en el análisis del material obtenido, podemos decir con cierta propiedad a los posibles lectores de esta investigación que unir la tecnología a la enseñanza de la lengua puede promover y mejorar el proceso de enseñanza y aprendizaje de la Lengua Portuguesa en las escuelas.

Palabras clave: Estética de la recepción. Lectura literaria. Enseñanza. Tecnología.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OC – Orientação Curricular.

PCN – Parâmetro Curricular Nacional.

PPP – Projeto Político Pedagógico.

SEDUC/MT – Secretária Estadual de Educação de Mato Grosso.

Proletras – Mestrado Profissional em Letras

UNEMAT – Universidade Estadual de Mato Grosso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A ESCOLA E A CIDADE	15
1.1. Escola Estadual Paulo Freire: estrutura, regime e contexto	16
1.2. A cidade de Primavera do Leste, MT.....	19
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	24
2.1. Como nasceu a proposta	24
2.2. A leitura e os documentos oficiais: PCN e OC	26
2.2.1. O hábito de leitura dos brasileiros	27
2.2.2. O que dizem os documentos oficiais?.....	32
2.3. Leitura do texto literário na escola.....	35
2.3.1. A poesia.....	39
2.4. A tecnologia aliada ao ensino.....	41
2.4.1. A fotografia: fator motivador na escrita de poemas.....	42
2.4.2. Motivação auditiva para as atividades de leitura de poemas e motivação visual para a produção escrita.....	45
2.5. Fase preparatória da proposta de intervenção	46
3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES E ANÁLISE DOS RESULTADOS	51
3.1. Reflexões didáticas sobre a aprendizagem dos alunos por meio de poemas musicados e letras de música.....	51
3.1.1. Primeiro contato.....	51
3.1.2. Os sentidos do texto – poemas musicados.....	55
3.1.3. Sentido figurado e a metáfora.....	58
3.1.4. A imagem dentro do texto – explorando a temática “a cidade”	63
3.1.5. Os sentidos do texto – a intertextualidade.....	65
3.1.6. Recitação e a visita do poeta.....	68
3.2. Leitura de imagens: reflexões sobre os dados aplicados e coletados.....	70
3.2.1. A poesia dentro da imagem – explorando a leitura de imagens fotográficas.....	70
3.3. Como as atividades de fotografia e o tema “cidade” contribuíram para motivar a escrita de poemas.....	79
3.3.1. Refletindo sobre a cidade.....	79
3.3.2. Um olhar estético sobre a cidade – o passeio fotográfico.....	80
3.3.3. Produções textuais sobre a cidade.....	82
3.4. Alegrias e percalços no caminho.....	91
CONCLUSÃO	96
REFERÊNCIAS	99
ANEXO A Projeto e plano de aula.....	103
ANEXO B Poemas e letras de música trabalhadas em sala	121
ANEXO C Amostra das atividades da roda de leitura	135
ANEXO D Amostra dos poemas escritos pelos alunos.....	138
ANEXO E Amostra de fotografias das atividades do projeto.....	140

INTRODUÇÃO

Esta dissertação provém de uma proposta didática concebida a partir das minhas inquietações como profissional da educação. Por esse motivo, convém expor, de forma breve, minha trajetória pessoal e profissional. Sou rondoniense, entretanto, minha família é natural dos estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Nos anos 80, em pleno “Sonho do Eldorado” rumo ao norte do país, meus pais foram, recém-casados, para o estado de Rondônia seguindo a leva populacional do processo de povoamento da região, na contramão do êxodo rural que já ocorria em outras regiões. Como não havia terra para todos, meus pais se encontravam na miserável condição de sem-terra quando nasci. Desde a infância, encontrei muitos desafios para estudar, pois as instalações da escola ficavam à 20 km da minha casa. Estrada sem pavimentação e com muitas pontes que alagavam na época das chuvas. Quando o transporte oficial quebrava, meu irmão e eu íamos de bicicleta ou nos instalávamos na casa de algum conhecido da vila. Na adolescência, entre idas e vindas de um estado para outro (interior de São Paulo, Espírito Santo, Rondônia e Minas Gerais) minha família e eu nos instalamos na cidade de Vilhena, Rondônia. Nesta cidade, havia um *campus* da Universidade Federal de Rondônia-UNIR onde pude prestar o vestibular para o curso de Letras/Língua Portuguesa e Literatura.

Desde a infância, possuía o desejo de ingressar num curso superior, pois bem cedo aprendi que a única forma de melhorar a minha vida seria por meio dos estudos. Tive um ensino público fundamental e médio precário, como a maior parte dos brasileiros. Porém, minhas notas bimestrais eram altas, principalmente, na disciplina de Língua Portuguesa. Assim que ingressei na Universidade Federal de Rondônia, apaixonei-me pelo curso, pois gosto de leitura e escrita, embora, nessa época, não pensasse em ser professora.

Em 2007, deixei um concurso em Vilhena/Rondônia e fui morar em Cuiabá onde concluí meu curso pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e passei no concurso da Secretaria de Educação, em 2010. Enquanto aguardava a chamada para a posse no concurso, fiz o ENEM e ingressei no curso de Letras/Língua Inglesa, com aproveitamento das disciplinas do curso anterior. Neste novo curso, ingressei no programa de iniciação à docência PIBID, onde aprendi a fazer pesquisa na escola: recolher e analisar dados. Tal conhecimento colaborou na aplicabilidade do meu projeto de intervenção no curso de Especialização que fiz anos depois.

Em 2011, tomei posse numa escola do município de Várzea Grande, mas logo fui removida para o município de Primavera do Leste. A escola em que fui lotada era recém-

criada e se encontrava anexa às instalações de outros estabelecimentos escolares, sem prédio próprio. Não havia biblioteca, nem mesmo livros literários, o que para uma professora de Português é bastante complicado, não sobrando outra alternativa a não ser o livro didático.

Em 2015, concluí a especialização em Gênero e Diversidade na Escola, pela UAB/UFMT de Rondonópolis, MT., em que aprendi a aplicar um projeto de intervenção. Devido a boa aceitação do meu trabalho perante a banca, compreendi que era capaz de ir mais longe. No mesmo ano, tentei o Mestrado Profissional em Letras - ProfLetras e passei, mas tive dúvidas se faria a matrícula devido à distância entre Cáceres e Primavera do Leste, onde resido e aos altos custos envolvidos. No entanto, felizmente, fiz a matrícula, pois estava disposta a superar as dificuldades advindas dessa distância para realizar o sonho de cursar o mestrado.

Durante as disciplinas do curso, estudei e refleti acerca das teorias educacionais que dão suporte às inquietações que tanto afligem os professores. Inquietações sobre a leitura feita em sala de aula: acesso aos textos, seleção de textos, estratégias de ensino, escrita e avaliação. Esse estudo ampliou o olhar para um diagnóstico mais assertivo sobre as possíveis falhas docentes no ensino da leitura e, conseqüentemente, abriram-se possibilidades teórico-metodológicas para a inovação no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Com base no que foi aprendido, uma proposta didática foi planejada, como requisito do curso. Esta foi pensada, qualificada e, posteriormente, aplicada numa turma de sétimo ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Paulo Freire, localizada no município de Primavera do Leste/MT.

O projeto de trabalho desenvolvido consistiu na apresentação à turma de textos que promoveram a leitura, a interpretação e a escrita literárias de poemas, cuja temática foi “a cidade”, retratada pelos alunos em textos verbais e não verbais – a fotografia. A aplicação se deu no primeiro semestre de 2017, numa turma do 7º ano, composta por trinta e dois alunos, a princípio.

O objetivo foi proporcionar, aos alunos do Ensino Fundamental, possibilidades de ampliar-lhes a formação literária, a partir de atividades de produção de leitura de textos poéticos e de fotografia, com linguagem verbal e não verbal e tendo como temática “a cidade”, como já enunciamos. O recurso da fotografia foi empregado como elemento motivador para o processo de escrita dos poemas acerca da temática urbana.

Visto que as avaliações nacionais e internacionais demonstram certo fracasso no ensino de leitura na escola e, possivelmente, uma das causas desse panorama é a falta de motivação dos alunos diante de atividades de leitura escolar, propusemos atividades de leitura

e escrita que visaram a amenizar as falhas de estratégia e método, trazendo o aluno para mais perto do texto.

Diante disso, a leitura do texto literário foi planejada e sustentada a partir dos estudos da Estética da Recepção proposta por Hans Robert Jauss (1994), entre outros, pois, Jauss coloca o leitor como agente na produção de sentido ao dialogar com a obra. O leitor deixa de ser considerado um simples receptor passivo e passa a participar da construção do texto. “A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete” (JAUSS, 1994, p.25). Ou seja, o leitor torna-se integrante de uma relação colaborativa formadora da tríade autor-obra-leitor envolvida na transmissão e recepção da obra literária.

Trabalharemos com a premissa principal de Jauss, o horizonte de expectativas, que versa sobre a recepção do público diante do texto. Quando o leitor projeta certa expectativa em relação à obra ele aciona, na leitura, seu saber prévio, seu repertório cultural. Essa expectativa pode tanto ser atendida, como pode ser rompida durante a leitura. Por isso, o horizonte de expectativa, ou seja, a reação do leitor frente ao texto é determinada pela sua vivência e cultura. Isso acontece pelo processo de identificação do leitor com a obra, o que leva à experiência estética.

A satisfação ao ler e analisar um texto literário advém dessa relação que o leitor faz da obra lida com a sua vida.

A satisfação que o texto literário pode proporcionar ao leitor é comentada por Roland Barthes em “O prazer do texto” (1996) quando define “texto de prazer” e “texto de fruição”. Segundo o autor o texto de prazer é “[...] aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura.”. Enquanto que o texto de fruição é “[...] aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta” (IBIDEM, p. 21-22).

Para Barthes, o texto de prazer é aquele que dá satisfação, acalenta a alma, sua “leitura é confortável”, não tem a pretensão de romper com o que está posto. Ao contrário do texto de fruição, que abala as estruturas culturais, mexe com as convicções do indivíduo e suscita um posicionamento deste. O texto de fruição é desconcertante, rompe com os padrões estabelecidos, põe dúvidas às certezas do sujeito e pode gerar desconforto e indignação, “[...] faz entrar em crise sua relação com a linguagem”. (IBIDEM, p. 21-22).

No entanto, segundo Roberto Figurelli (1988, p.271), “Se é verdade, por um lado, que *Le plaisir du texte* foi construído com base na distinção entre *plaisir* e *jouissance*, por outro

lado, Barthes joga conscientemente com a ambiguidade dos dois termos [...]” Para o autor, Barthes faz a distinção entre prazer e fruição, e ainda reforça que “[...] o *plaisir* é dizível, a *jouissance* não o é”. Entretanto, provoca ambiguidade quando ele próprio afirma a existência da mesma:

Prazer do texto, texto de prazer: estas expressões são ambíguas porque não há nenhuma palavra francesa que recubra simultaneamente o prazer (o contentamento) e a fruição (o desfalecimento). Portanto o "prazer" aqui tanto é (e sem poder prevenir) extensivo à fruição, como lhe é oposto. (BARTHES, 1986, p. 56, *Apud* FIGURELLI, 1988, p. 272).

Para Figurelli (1988), Barthes está consciente dessa ambiguidade dos conceitos que, ora se aproximam, ora se afastam em seus significados. Ainda, segundo Figurelli, Hans Jauss, em contrapartida, prefere se afastar de tal ambiguidade e fixar-se na distinção entre os termos, optando pelo termo “fruição”, em artigo “La Jouissance Esthétique”, publicado na revista *Poétique*, em 1979. “Entre *plaisir* e *jouissance*, a opção de Jauss é nítida: *jouissance*. E, ao optar pelo termo *jouissance*, ele se opõe a Barthes.” (1988, p. 272).

Diante da explanação acima, entendemos as premissas de Barthes e suas contribuições para os estudos da recepção da obra literária, no entanto, preferimos usar as considerações teóricas de Jauss referentes ao tratamento do prazer do texto. Jauss fixa-se no conceito de fruição (*jouissance*) ao tratar da experiência estética do leitor frente ao texto, e, por isso, o termo “prazer”, empregado em seus vários escritos, tem o sentido de *jouissance*. Sendo assim, tal conceito será usado nesta dissertação em conformidade com Jauss.

Além dos estudos citados, valemo-nos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e das Orientações Curriculares para Mato Grosso (2012); do Letramento literário, de Rildo Cosson (2012); das inserções sobre poesia propostas por Hélder Pinheiro (1995); dos multiletramentos na escola, de Rojo e Moura (2012), entre outros que complementam a bibliografia.

Esta dissertação encontra-se dividida em três partes. O primeiro capítulo apresenta a escola e a cidade, ambiência da nossa pesquisa. Comentamos o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e sua relação com a comunidade circunvizinha, bem como, o contexto social da cidade de Primavera do Leste, temática do projeto dessa dissertação.

No segundo capítulo, debruçamo-nos sobre o suporte teórico que sustentaram nossa pesquisa e escrita. Tratamos de reflexões a respeito da leitura e da literatura na escola, assim como, dos meios metodológicos que possibilitaram a prática pedagógica com o texto literário.

E no terceiro capítulo procuramos descrever e analisar as atividades desenvolvidas na

sala de aula, tomadas na relação entre teoria e prática. Analisamos as atividades de leitura de poemas e de imagens fotográficas, além das produções escritas dos alunos, as quais culminaram no produto final que consistiu no *e-book* e nos vídeos declamatórios dos alunos acerca da cidade. Tais produções encontram-se nos anexos finais, para possíveis leituras dos leitores que se interessem em pesquisar nesta importante área: ensino de literatura.

Assim, nesta dissertação, possivelmente, o leitor interessado em melhorar sua práxis profissional encontrará muitas possibilidades e um bom debate reflexivo sobre os variados planos e problemas contextuais que envolvem o universo escolar, ligado ao ensino da Língua Portuguesa.

CAPÍTULO I

A ESCOLA E A CIDADE

Ainda hoje, século XXI, presenciamos escolas que não possuem biblioteca ou um espaço reservado à leitura, como é o caso da Escola Estadual Paulo Freire, onde aplicamos o projeto “Produção de leituras de poemas e de fotografias: a cidade vista pelo olhar estético do aluno”. No entanto, entendemos que não basta ter tal lugar, é preciso ali desenvolver atividades de leitura para que o acesso discente seja atrativo e garantido. O papel da família no processo de aquisição do gosto das crianças pela leitura é imprescindível. É importante que elas, as crianças, desde muito pequenas tenham contato com o universo das palavras e vejam na leitura um processo natural, ato que faz parte da vida e que pode ser prazeroso. No entanto, sabemos que a realidade de muitas delas equivale a não possuir um único livro em casa e nunca verem um adulto lendo, muito menos, lendo para elas.

Com esse cenário, o papel da escola se faz primordial nesse primeiro contato das crianças com os livros. Afinal, é dever da família e do Estado – por meio da instituição escolar – prover a educação. Assim, se a família não possui condições de prover as bases da primeira educação, cabe à escola a dupla função de educar e ensinar, como vemos hoje. Por isso, a realidade reserva grandes desafios para a escola, e o principal deles é superar o fato de que o Brasil é um país de proporções continentais que possibilitam inúmeras realidades distintas de acesso à leitura. Por vezes, numa mesma cidade, há escolas equipadas com bibliotecas, salas de leitura, auditório, sala de informática, laboratório de ciência, etc. e outras bem precárias, que convivem até com a falta de água e outros recursos básicos, como a falta de ventilador de teto para o calor tropical que paira na estação do verão, nas salas de aula, lotadas, fato que aflige tanto aos professores quanto aos alunos. Além disso, a heterogeneidade das turmas exige do profissional da educação certa flexibilidade didática, dinamismo intelectual e pragmático em suas aulas, a fim de atender a todos nos seus mais variados níveis de aprendizagem.

O acesso à leitura fora da escola é ainda um fator complicado para a maioria dos estudantes, haja vista o valor financeiro elevado que afugenta os pais e a ausência da cultura ao ato de ler da família, que não vê importância na compra de livros aos filhos. A leitura *on line*, que poderia ser uma alternativa em tempos de grandes avanços tecnológicos, também é desigual na medida em que o acesso não chegou a todos. Além do mais, os alunos precisam ser estimulados e direcionados na difícil tarefa de selecionar leituras pertinentes dentro de um redemoinho de informações soltas na Internet.

Como pudemos ver, a grande maioria das escolas públicas enfrenta desafios no processo de acessibilidade à leitura e à escrita para seus educandos. Na Escola Estadual Paulo Freire, onde lecionamos e desenvolvemos nosso projeto de intervenção e pesquisa, o cenário não é diferente.

1.1 Escola Estadual Paulo Freire: estrutura, regime e contexto

A Escola Estadual Paulo Freire está localizada no município de Primavera do Leste, MT, a 230 Km da capital do Estado. Localiza-se à Rua Pinheiro, 900, Bairro Buritis, Primavera do Leste – MT, CEP: 78850-000. Segundo seu Projeto Político Pedagógico – PPP (2010), a escola foi fundada pelo Decreto Estadual Nº. 2535, com efeito retroativo a 08 de fevereiro de 2010, com CNPJ 12.127.975/0001 – 64 com o objetivo de suprir a grande demanda por vagas de matrículas do município, dado a crescente onda populacional que chegava a cidade a cada ano. Atende o terceiro ciclo do ensino fundamental e o ensino médio, nos horários matutino e vespertino.

Possui aproximadamente setecentos e vinte estudantes matriculados e atende ao 3º Ciclo do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio. A escola é relativamente nova, foi fundada em 2010 com a promessa governamental de instalações próprias futuras, por isso, seu funcionamento se deu, por cinco anos, no complexo de salas de uma universidade particular da cidade. Sem prédio próprio, nos dois últimos anos funcionou dividida com salas anexas em duas outras escolas.

Nessa trajetória errante, o governo estadual, no ano 2016, construiu, em outro bairro, uma escola provisória com treze salas, as quais não comportam o contingente de alunos que recebia anteriormente. No mesmo ano, a construção da nova escola foi embargada devido às irregularidades no uso da verba estadual. Com o atraso das obras, a escola iniciou o ano letivo de 2017 dividindo espaço com outra escola, no centro da cidade. No mês de maio do atual ano letivo, 2017, o governador inaugurou o prédio, que começou a funcionar na semana seguinte, precariamente quanto à estrutura: sem quadra esportiva, mesas e cadeiras de refeitório, condicionadores de ar, laboratório de informática e instalação de Internet, sala de leitura, sala de vídeo, sala de articulação pedagógica, laboratório de ciência e auditório, como algumas escolas têm.

Mesmo faltando muitos recursos, até mesmo, básicos, agora temos um lugar próprio para exercer nossa profissão, dignamente. Sem nos sentirmos intrusos, devedores de favor, inferiorizados por sermos “a escola sem escola”, dependente, por mais de sete anos, de

instalações alheias. Comemoramos por, enfim, termos nosso próprio espaço e poder modificá-lo conforme eventuais necessidades, sem ter que pedirmos autorização para mudar uma mesa de lugar ou pegamos um livro emprestado, sem provocar com isso um clima de constrangimento. Sem sermos expostos à condição desfavorecida que quem nunca teve uma biblioteca própria, nem mesmo carteiras e cadeiras próprias. Por isso, foi motivo de comemoração e de emoção essa nossa nova condição de trabalho. Mas, o que deixou os professores de Língua Portuguesa satisfeitos foi, sem dúvida, a existência de uma biblioteca nessa nova escola.

Durante anos, desde a sua fundação, a escola não possuía um local apropriado e convidativo à prática de leitura, como uma biblioteca ou sala de leitura. Os poucos livros literários que possuía, acomodados em caixas de papelão, eram levados pelas professoras para a sala de aula, lidos e, depois, recolhidos. Assim, a Escola estadual Paulo Freire era mais uma escola onde as dificuldades de acesso à leitura literária se sobrepunham ao direito à literatura (CÂNDIDO, 2004, p. 169–191), essencial à formação do indivíduo.

A nova biblioteca contempla, predominantemente, livros didáticos. No entanto, daquele dia em diante, pela primeira vez, tínhamos um espaço próprio para expor livros e incentivar a leitura. Foi nesse espaço produtivo que passamos várias tardes - e algumas manhãs - com grupos de alunos interessados no aprimoramento de seus poemas e na edição das fotografias e vídeos, conforme os objetivos propostos em nosso projeto do programa de mestrado.

A escola mudou-se para um bairro mais retirado do centro, perdeu clientela, mas ganhou muitos outros alunos dos bairros circunvizinhos. A escola nova ficou muito bonita e os alunos gostaram bastante. Havia certo medo, por parte dos professores, em relação à violência difundida no bairro, que se refletisse na sala de aula, uma vez que esse bairro onde a escola está inserida é conhecido historicamente na cidade por esse tipo de conduta. No entanto, percebemos, com o comportamento dos novos alunos, que o “boato” era um exagero, possivelmente de cunho preconceituoso, já que o bairro foi criado por “invasores” de terras que foram relocados para aquela região, bem distante do centro urbano. Na época, uma possível alternativa encontrada pelo poder público municipal para ficar bem distante do problema, chamado Sem-teto. Quase vinte anos depois, os filhos e netos dessas pessoas relocadas estão na nossa escola, tentando encontrar um sentido de futuro ali, e esperança para melhorar sua condição de vida, enquanto uma parcela destes já se encontra enlaçada pelo poder da rede crescente de crimes relacionados a furtos e tráfico de drogas.

Por esse motivo, a escola, inserida na comunidade, possui um papel desafiador e

imprescindível na formação dos que a frequentam, dado que, para essas crianças e adolescentes, talvez, ela seja a única alternativa para a realização do sonho de terem uma vida melhor. Assim, para atender as demandas sociais locais, como as citadas acima, o Projeto Político Pedagógico (PPP) de uma instituição escolar deve fomentar propostas alinhadas com a realidade do entorno escolar, para a partir disso promover o desenvolvimento da comunidade da qual faz parte.

O PPP da Escola Estadual Paulo Freire reforça a função social da escola quando afirma que o projeto político pedagógico deve:

[...] trabalhar valores culturais, morais e físicos; integrar elementos da vida social aos conteúdos trabalhados; e compreender este aluno como um cidadão que deve ser um agente transformador da sociedade, além de crítico, responsável e participante. (2010, p. 7).

Planejar significa pensar as ações pedagógicas possíveis a partir da realidade do aluno. Não há como a escola ignorar o seu entorno, a origem e a necessidades do seu público alvo. De forma, faz-se necessário, “Conhecer o aluno, observar e categorizar as suas necessidades e a partir dessa constatação, pensar em um planejamento concreto que faça a relação das vivências para o conhecimento científico” (IBIDEM, p. 11). Há de se considerar o conhecimento prévio do aluno nas atividades de leitura, para que este possa partir de leituras simples para outras mais complexas, e assim, ampliar seu horizonte cultural.

Foi pensando nessa integração escola-comunidade e no processo de identificação do sujeito com o lugar onde vive, que a proposta desse trabalho foi desenvolvida em sala de aula, tendo como temática “a cidade”. Acreditamos que o trabalho com os discentes acerca dos aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais da cidade possa ter contribuído no processo de escrita dos alunos. Então, conheceremos um pouco da cidade de Primavera do Leste.

1.2 – A cidade de Primavera do Leste, MT.

O município de Primavera do Leste, MT, é referencial na produção agrícola de Mato Grosso, destacadamente na produção algodoeira.

A história da região de Primavera do Leste remonta os tempos das linhas telegráficas estendidas pela Comissão Rondon. O primeiro traçado telegráfico entre Cuiabá e Barra do Garças passava pela região de Primavera do Leste. Ainda assim, segundo Gleiton Luiz de Lima, autor do livro História de Primavera do Leste (2012, p. 10): “[...] a região permaneceu aguardando as oportunidades e condições econômicas, principalmente com a derrocada da expansão da extração da borracha e do megaempreendimento da Fordlândia na Amazônia Legal”.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, renasceram novas perspectivas de desenvolvimento da região sul da Amazônia Legal e de todo o interior do Brasil. Em 1953, nasceu a Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia (SPVEA) que devia promover a seleção das áreas geográficas em condições de receber investimentos econômicos. Época marcada principalmente pelo projeto de nova capital federal na região Centro-oeste.

Mas, com o golpe militar, em 1964, novos projetos nacionalistas dos militares, que, em defesa da soberania do país, propuseram a integração nacional sob o lema “integrar para não entregar”.

Com esse objetivo fora criada a Sudam – Superintendência para o desenvolvimento da Amazônia –, que no governo do militar-presidente Humberto de Alencar Castelo Branco definiu o modelo de ocupação de toda a Amazônia Legal, pautado pela abertura das rodovias capaz/es de ligar o norte do país aos centros econômicos e financeiros [...] (LIMA, 2012, p.11).

Havia um apelo publicitário para atrair populações de todo o território nacional por meio de farta distribuição de áreas de florestas aos que se dispusessem a explorá-las economicamente. “Seduzidos pelo que então se apelidou de Milagre Econômico Brasileiro, centenas de milhares de brasileiros deixaram suas casas no Sul em busca das terras do Norte, em uma das maiores epopeias da História.” (IBIDEM, p.11)

O crescimento econômico e social de Primavera do Leste tem origem direta na euforia da ocupação amazônica, seguida dos benefícios dos programas do governo federal e pelo programa Polo-Centro, de ocupação do Cerrado Brasileiro, que distribuiu incentivos fiscais e empréstimos aos recém-chegados habitantes. As grandes dificuldades enfrentadas em terras estranhas eram amenizadas pelas políticas públicas que os supriam de condições técnicas e

pelos financiamentos oferecidos pelos bancos estatais. “Rapidamente novos grupos eram atraídos em busca de terra e trabalho, colaborando na formação daquele que seria o próspero e progressista município de Primavera do Leste.” (IBIDEM, p.12).

Conta a memória popular que uma senhora chamada Joana fora a mais antiga habitante da localidade onde hoje é o município de Primavera do Leste. Viajava, corajosamente, até Cuiabá (230 km) e Poxoréo (40 km) para realizar suas compras em carro de boi, por trilhas, enfrentando o cerrado. Os poucos moradores e viajantes denominaram o local como Cabeceira da Velha Joana, além da denominação já existente de Bela Vista das Placas. Seu falecimento ocorreu por volta de 1955. Foi homenageada, postumamente, dando o nome a um rio local e ao Festival de teatro da cidade.

Nessa fase da cidade, era comum a presença dos índios xavantes, que estavam em fase de catequização pelos padres salesianos de Cuiabá, curiosamente, sem relato de nenhum incidente.

A década de 1960 sinalizou tempos de mudança com a demarcação da rodovia BR-070. Aos poucos, aventureiros foram chegando e explorando a terra. No final da década, em 1968, os primeiros migrantes do Rio Grande do Sul começaram a chegar à região dispostos a adquirir propriedades de terra e enfrentar as dificuldades do cerrado. Vários projetos de fazendas foram idealizados ao longo da rodovia MT-130.

Em 1971 foram os empresários paulistas que chegaram à região da BR-070 para iniciar o grande projeto agropecuário com base nas estratégias desenvolvidas pela SUDAM – Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia. “Com um corpo técnico capacitado, recursos em grande parte originários de empréstimos em instituições de fomento agrícola, logística planejada e incorporação de modernas tecnologias, foi estruturado o projeto da fazenda Primavera, cuja base empreendedora e mantenedora ficou a cargo da empresa Primavera D’Oeste S.A.” (LIMA, 2012, p.18-19). O governo federal empreendeu esforço de infraestrutura e logística rodoviária capazes de escoar a produção, através de programas com o PIN – Programa de Integração Nacional, e de instituições como a Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Desse processo, cidades da região foram interligadas entre si e, toda a região, aos grandes centros econômicos. Deste modo, essa região do cerrado tornou-se viável ao progresso da agricultura brasileira.

Em 1972 foi a vez dos empresários do Estado do Paraná darem início a outro projeto agroindustrial com base de sustentação nas pesquisas e levantamentos desenvolvidos pela Sudam. A interligação das cidades da região e a infraestrutura investida na abertura e melhoria de estradas, balsas, subestação e termelétricas somadas à ligação das áreas de jazidas de

calcário aos centros carentes do produto para correção do solo e a viabilização dos transportes pela interligação das rodovias MT-110, BR-158 e BR-070 deram novo fôlego à produção e ao escoamento das safras de toda a região.

Em 1973, um grupo de gaúchos da cidade de Frederico Westphalen, no Rio Grande do Sul, aportou nessa localidade, atraído pela aquisição de terras na região. Foi nesse período que surgiu a matriz do Posto Barril - primeira empresa de Primavera do Leste, registrada no ano de 1975. O Posto Barril, que fica no entroncamento das rodovias MT-130 e BR-070, é considerado marco importante da cidade, desde quando esta era chamada de Bela Vista das placas e Cabeceira da Velha Joana. Esse posto era o local de parada para abastecimento dos viajantes. Nas suas proximidades iniciou-se uma grande movimentação que daria origem a outras pequenas empresas, comércios e instituições.

O grupo crescente de migrantes aumentava as dificuldades viscerais da região quanto a transporte, saúde, combustíveis e alimentação (...). Atraídos pela possibilidade de empreender na região sul da Amazônia, em que predominava o cerrado, os grupos de migrante eram mais constantes e maiores a cada ano (LIMA, 2012, p. 26)

Em 1976, nascia a primeira escola, denominada Escola Municipal Monteiro Lobato, às margens da BR-070. Em 1978, um jovem administrador, Edgard Consentino, destinou 205 hectares da área de sua fazenda Nova Esperança para o projeto Loteamento Cidade Primavera, cujo lote foi o marco inicial do projeto que deu nome ao município. Em 1979, uma família de migrantes russos, vindos do Mato Grosso do Sul, deu início a Colônia Russa, na fazenda Massapé, no município de Primavera, que hoje conta com cerca de 50 famílias.

Nesse período havia muitas dificuldades, entre elas a falta constante de energia elétrica, de água encanada, do telefone, etc. O vilarejo era totalmente dependente dos municípios de Rondonópolis e Cuiabá. Anos depois, apenas em 1981, seria inaugurado um P.S. (Posto de Serviço Telefônico) no local. Nessa mesma data foi comemorada a elevação do Loteamento Cidade Primavera à categoria de distrito de Poxoréo (cidade vizinha a 40 Km.)

Em 1986, o vilarejo foi desmembrado dos municípios de Poxoréo, Cuiabá e Barra do Garças. Com a emancipação política, a nova cidade cresce em ritmo acelerado, atraindo a atenção de novos imigrantes de todo o Brasil.

Projetos de iniciativa privada também contribuíram para o desenvolvimento do município, com destaque para o PRONAR – Projeto Nacional de Armazenagem, de 1989. Esse projeto incentivou as safras da região, pois os agricultores agora podiam armazenar as toneladas de grãos que produziam. Da mesma forma, empresas como a Tamil Indústria e

Comércio de Milho e Derivados Ltda (1995) e Unicotton – Cooperativa dos Produtores de Algodão do Sudeste de Mato Grosso (1998) colaboravam com o crescimento econômico da região ao contar com laboratórios de experimentos alimentares e ao estabelecer convênios com instituições públicas e privadas, de cooperação tecnológica, financeira, treinamento de produtores e implantação de sistemas modernos de administração.

Assim, o município se tornou referência em produção agroindustrial e crescimento econômico entre as mais importantes economias do Estado e do Brasil. O processo crescente de industrialização atraiu novos investidores e estabeleceu parcerias entre grandes empresas. Atualmente, empresas como a Cargill e a Granja Mantiqueira trazem emprego aos primaverenses e expansão econômica para a região.

O progresso trouxe benefícios, mas também grandes mazelas. Segundo o último levantamento do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o município possui, na estimada de 2017, 59.293 habitantes e cada ano aumenta mais esse contingente. Após uma reportagem do programa global “Globo Repórter”, em março de 2013, intitulada “Primavera do Leste (MT) é uma terra de oportunidades e de vida tranquila”¹, a população aumentou rapidamente. Como num “novo eldorado”, pessoas de todas as regiões do país viram oportunidade de melhorar de vida em terras desconhecidas. A reportagem, convém dizer, com adjetivos gloriosos para a cidade, disseminou a ideia de terra das “oportunidades” e da “tranquilidade”. A cidade cresceu exponencialmente em população nos últimos anos, mas, como já se previa, o poder público não suportou a demanda. Faltam escolas, policiais e viaturas, há muitos furtos e violência, tráfico de drogas, moradores em situação de rua, pobreza e desemprego. Além do mais, há dados (não oficiais) que informam sobre o uso desenfreado de agrotóxicos nas lavouras, e isso provoca problemas respiratórios em toda população. E isso o vídeo de 2013, e todos os outros que o sucederam, não mostraram. As escolas estão abarrotadas, os migrantes que chegam à cidade após período de matrícula, enfrentam uma verdadeira odisséia em busca de vaga para seus filhos. Não raro, recorrem ao ministério público para tal. O tráfico de drogas cresce praticamente sem nenhuma interferência do poder público, algumas vezes chegando às escolas. Por causa dele, os furtos e a violência avançam. Há poucos policiais efetivos nas ruas para tanta demanda. E com a crise política e econômica que passa o país, o nível de desemprego aumentou. Além disso, os migrantes nordestinos, principalmente os maranhenses, que chegaram em grande número, sofrem toda sorte de preconceito, assim como o povo indígena da reserva circunvizinha. Tais

¹ Reportagem disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/03/primavera-do-leste-mt-e-uma-terra-de-oportunidades-e-de-vida-tranquila.html>>. Acesso em 22 de setembro de 2017.

problemas sociais existem em todas as cidades de Mato Grosso, não é privilégio de Primavera do Leste.

Porém, quem mora nessa cidade parece não se iludir, os próprios alunos se dão conta da realidade da cidade. Sabem que há bairros bastante ricos e prósperos, mas também há bairros muito pobres, porque a prosperidade não alcançou a todos. Por isso, além das características positivas da cidade, ressaltadas na reportagem, também discorremos, em sala de aula com os alunos os aspectos negativos da mesma. Afinal, é função da escola desenvolver a comunicação e o poder argumentativo baseando-se no senso crítico e leituras dos discentes, para que os mesmos não sejam enganados pelo poder público ou por centrais midiáticas irresponsáveis.

CAPÍTULO II

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Neste capítulo, procuramos refletir sobre a aplicação do projeto na escola com o viés do embasamento teórico referencial, também comentamos acerca dos documentos oficiais educacionais; o hábito de leitura no Brasil; a leitura literária no ambiente escolar, além do uso da tecnologia aliada ao ensino.

2.1 – Como nasceu a proposta

Temos percebido que nas séries escolares iniciais, as crianças têm contato com a literatura, principalmente a oral, e parecem gostar e se divertir com essa forma de linguagem, sem saberem o que é e para que serve. São motivadas a cantarem cantigas de rodas, canções folclóricas, parlendas, ouvirem causos, adivinhas, a lerem e recitarem poemas. No entanto, por alguma razão, nas séries seguintes, aos poucos tal motivação se esvai de forma que, ao chegarem às classes de aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, tais atividades já parecem esvaziadas de sentido, trazendo-lhes certo prejuízo intelectual e cultural. De acordo com Graça Paulino e Rildo Cosson:

As crianças parecem ser mais felizes no processamento escolar e familiar em sua relação com a literatura, quando nem sabem o que é isso e apenas se entregam aos prazeres rítmicos de poemas, aos suspenses de tramas às vezes milenares que lhes chegam, sem cobranças, e à invenção de palavras que misturam sons e sentidos mal compreendidos, sem “atividades” pedagógicas, na educação infantil. (*Apud* ZILBERMAN; RÖSING, 2009, p. 73).

Parece-nos que, na educação infantil, o gosto pela leitura literária existe porque não há cobranças e atividades pedagógicas enfadonhas que minam essa possibilidade. Assim, podemos compreender que, nas séries finais do Ensino Fundamental, “[...] o caráter de obrigação das tarefas disciplinares” (PAULINO; COSSON, 2009, p 73) acaba por boicotar “o prazer da descoberta do mundo encenado na literatura” (IBIDEM, p. 73). Há uma lacuna entre as séries iniciais e as finais a ser preenchida de forma a superar esse afastamento do aluno e o texto literário. Segundo Zilberman, nesse processo,

[...] a escola pode ou não ficar no meio do caminho: se cumprir sua tarefa de modo integral, transforma o indivíduo habilitado à leitura em um leitor; se não o fizer, arrisca-se a alcançar o efeito inverso, levando o aluno a afastar-se de qualquer leitura. (ZILBERMAN, 2009, p. 30).

Muitas vezes o aluno compreende bem o código linguístico e é leitor proficiente em tipos de textos outros, mas parou no meio do percurso, pois não possui, ainda, o letramento literário necessário para um tipo de leitura diferenciada que exige mais maturidade do leitor.

Além de a literatura geral ser trabalhada de forma ineficiente e precária em sala de aula, por uma grande maioria de profissionais, vimos a situação particular da poesia ser pouco estimulada, nesse contexto. Tem-se percebido que a leitura de poemas com a prática de atividades que visam à experiência estética é, muitas vezes, negligenciada nas aulas de Língua Portuguesa nas escolas, parece haver uma preferência entre os professores em trabalharem com narrativas em prosa, uma vez que, nesta, os aspectos estruturais são mais perceptíveis, tais como: o narrador, as personagens, o enredo, etc. Os elementos da narrativa, geralmente, são considerados mais visíveis e assimiláveis aos alunos. A poesia, no entanto, é mais abstrata, livre, sensitiva, não se deixa limitar, abre portas para a subjetividade do leitor desenvolver sua imaginação, sua criatividade, seu encanto. Por isso, para ser trabalhada na sala, exige certa competência e preparo didático-pedagógico prévio do professor para ser o elo entre o texto poético e o leitor – o aluno.

A nossa preocupação, quando elaboramos a proposta do conteúdo deste projeto, foi possibilitar aos alunos reflexões acerca do texto literário por meio da oferta e convivência com textos estéticos, também com a finalidade de proporcionar a eles experiências literárias, ampliando os sentidos de leitura e, assim, promover o letramento literário.

A intenção maior foi dar aos alunos acesso à experiência estética, em linguagem verbal e não verbal, por meio da leitura e interpretação do texto literário. Permitir ao leitor acessar sua subjetividade e deixá-lo extrair significado próprio ao texto são objetivos ainda pouco explorados nas atividades pedagógicas de leitura no meio escolar, ao que observamos. Em detrimento disso, vimos que as atividades superficiais ao crescimento intelectual, ou de enfoque conteudista, lideram no trabalho com a literatura. Sobre isso, Colomer (2007, p.64) comenta: “Em geral, nós docentes dedicamos muito pouco tempo para saber que autoimagem, como, leitores, têm os alunos e como lhes afetam as obras que leem.” E mais a frente pondera, “[...] ensina-se a dar respostas objetivas e a ocultar a subjetividade, passando à imagem do enlace do texto com o mundo do leitor” (p. 64). Assim, a escola acaba por interditar o acesso a

uma verdadeira experiência literária.

Diante disso, a escolha por trabalhar com a poesia pareceu-nos imensamente pertinente, pois, de acordo com Hélder Pinheiro:

A experiência que o poeta nos comunica, dependendo do modo como é transmitida ou estudada, pode possibilitar (ou não) uma assimilação significativa pelo leitor. O modo como o poeta diz – e o que diz – ou comunica – sua experiência, permite um encontro íntimo entre leitor-obra que aguçarás as emoções e a sensibilidade do leitor. (1995, p. 18).

Assim, nossa proposta pedagógica foi buscar trabalhar atividades de leitura que proporcionasse experiência literária para o aluno, na tentativa de contribuir para a formação do leitor no letramento literário.

2.2 – A leitura e os documentos oficiais

A leitura propicia ao leitor uma maneira de fazer parte do mundo civilizado, de participar ativamente do seu contexto, exercer efetivamente a cidadania e lutar pelos direitos. Ser letrado é uma forma de se representar no mundo. Segundo Zilberman e Rösing (2009, p. 30), “Compreendida de modo amplo, a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca”. Dessa forma, a leitura pode servir para informação utilitária, conhecimentos científicos, históricos e culturais, leitura do mundo e também para o prazer. Como competência das mais valorizadas pela sociedade, o ato de ler, para quem não o possui, pode significar exclusão social. Podemos ler para escolher o ônibus, para nos informar, para entretenimento, para adquirir conhecimento, ter acesso aos bens culturais, bem como, ler o olhar ou o comportamento das pessoas, ter percepção do que lhe rodeia.

No entanto, a cada ano deparamo-nos com dados estatísticos das mais diversas instituições de pesquisa sobre a leitura, que deixam o profissional da educação preocupado com o ensino neste país, questionando-se se a contribuição do seu trabalho faz alguma diferença no ensino. A situação parece, às vezes, não melhorar e os esforços empenhados parecem ser em vão. Citamos uma dessas recentes pesquisas cujos dados podem nos ajudar a entender a gravidade do problema e as possíveis soluções para ele. A referida pesquisa pode ser encontrada no *site* do Instituto Pró-livro².

² Disponível em: <prolivro.org.br/home/.../2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>

2.2.1 – O hábito de leitura dos brasileiros

A pesquisa intitulada “Retratos da Leitura no Brasil”, realizada pelo IBGE Inteligência, a pedido do Instituto Pró-Livro, publicada em 2016 - últimos estudos disponíveis sobre o tema - revelou as características leitoras atuais do país. A pesquisa que ocorre a cada quatro anos, mostrou um aumento do número de leitores no Brasil se comparada à pesquisa anterior, de 2011. Se em 2011 os leitores representavam 50% da população, em 2015 eles somaram 56%. Foi considerado leitor, para a pesquisa, o indivíduo que leu, total ou parcialmente, um livro nos últimos três meses.

Alguns dados convêm serem comentados, no que se refere a cultura leitora dos brasileiros, a leitura em meios digitais e o hábito de leitura dos professores. Mesmo que o índice geral da pesquisa tenha melhorado em relação à pesquisa anterior, já adiantamos que a realidade dos dados ainda é deficitária.

Os dados foram retirados do próprio *site* do Instituto Pró-Livro. A pesquisa é ampla e traz uma enormidade de informações bastante pertinentes para o público docente. Quanto à ausência da cultura leitora:

- 1 - O brasileiro lê apenas 4,96 livros por ano. A média anterior eram 4 livros anuais.
- 2 - 30% dos entrevistados nunca comprou um livro.
- 3 - A leitura ficou em 10º lugar entre as opções escolhidas para se fazer no tempo livre. Até mesmo a opção “não fazer nada, descansar e dormir” (15%) ganharam do ato de ler.
- 4 - 30% gostam muito de ler. 43% gostam um pouco e 23% não gostam de ler. Os dados melhoraram em relação à última pesquisa.
- 5 - A falta de tempo figura como fator determinante na resposta dos entrevistados (32%). E Não gosta de ler (28%).

Os dados demonstram que os brasileiros leem pouco e que não manifestam interesse em comprar livros. Vale ressaltar que o acesso aos livros ainda é bastante limitado no país devido, entre outros motivos, ao alto preço e às condições das bibliotecas públicas, por vezes, precárias e/ou defasadas. De todo modo, o acervo que está disponível também não é lido pela ausência de interesse, como podemos concluir do terceiro dado apresentado, o qual evidencia que o ato de ler não é visto como prazeroso, nem mesmo parece importante na aquisição de informações e conhecimento. Mesmo que 30% dos leitores entrevistados gostem muito de ler (e leem pelo prazer), outros assustadores 23% afirmam que não gostam, ou seja, nunca leem livros em seu tempo livre.

De modo geral, percebemos nos dados da pesquisa que o hábito de leitura dos

brasileiros é culturalmente raso, limitando, assim, o acesso que teriam ao conhecimento e a tudo que a ele envolve: capacidade de comunicação; capacidade de raciocínio, análise e debate sobre diversos assuntos; conhecimento dos direitos e deveres; atuação cidadã na sociedade; consciência política e criticidade dos fenômenos sociais.

É como nos afirma Gregorin Filho (2009, p. 51), “Aprender a ler e utilizar-se da literatura como veículo de informação e lazer promove a formação de um indivíduo mais capaz de argumentar, de interagir com o mundo que o rodeia e tornar-se agente de modificações na sociedade em que vive”. Ou seja, o repertório cultural do indivíduo fica comprometido se ao invés do ato de ler, ele prefere “não fazer nada, descansar e dormir”, como nos mostra o terceiro dado apresentado acima, presente na referida pesquisa.

Entendemos que para sair do “poço da ignorância” é preciso ter apreço pelo conhecimento, pela ciência, pela história, pela cultura geral. Visitar teatros, museus. Apreciar um bom livro, uma boa música. Ter curiosidade em observar e aprender sempre, em saber conduzir seu discurso, em se posicionar politicamente, ouvir e analisar os discursos alheios. Saber qual é o seu papel, sua função na sociedade.

Isso requer leitura, não apenas de livros, mas também leitura de mundo, conhecimento geral. E isso, a literatura é capaz de fazer: “[...] a experiência da literatura proporciona uma forma singular, diferenciada, de dar sentido ao mundo e a nós mesmos. É por isso que o contato com a literatura é tão fundamental ao desenvolvimento do ser humano” (ZILBERMAN; RÖSING, 2009, p. 70). Basta o indivíduo tomar a atitude de tirar o livro da prateleira empoeirada da alienação.

A alienação cultural é responsável por fabricar indivíduos apáticos, zumbis sociais incapazes de contribuir para uma sociedade melhor; indivíduos estes que se deixam ludibriar pelos discursos falastrões e votam em políticos corruptos; que são lesados em seus direitos por não conhecê-los; que são direcionados pelo senso comum; que reproduzem os discursos alheios pela ausência de criticidade para formar o seu próprio. Esse indivíduo vai deitar e dormir o sono dos ignorantes, enquanto o mundo lá fora fervilha e alguém toma decisões por ele. Vemos, aqui, um círculo vicioso: se o indivíduo não lê, seu repertório cultural fica comprometido. E se não há repertório cultural, não vê valor nos hábitos de leitura. Às instituições educacionais, sejam escolas ou universidades, é dada a complexa missão de romper com esse ciclo pernicioso. Para Zilberman:

A questão é saber se a escola brasileira, hoje, está preparada para o exercício

dessa tarefa. A menção à crise da leitura, tão frequente em diagnósticos de procedência diversa (Pisa, Saeb entre outros), reflete uma crise da escola em decorrência da parceria historicamente estabelecida entre o ensino e a aquisição das habilidades de ler e escrever. (*Apud* ZILBERMAN; RÖSING, 2009, p. 28).

A crise da leitura reflete a crise da escola como um todo. A escola, muitas vezes vista como uma instituição social ultrapassada, sobretudo em seus métodos de ensino, deve conseguir lidar com a concorrência das novas tecnologias que ganham na disputa por atenção dos jovens alunos.

Voltando à pesquisa, alguns dados nos causaram preocupação quando apontaram para o que os brasileiros estão lendo, em relação aos títulos/gêneros:

No quesito “Últimos livros mais lidos”, a “Bíblia” é o livro mais lido, seguido de “Diário de uma banana”. O restante da lista é predominantemente da linha autoajuda e religioso: “Casamento Blindado”, “A culpa é das estrelas”, “Cinquenta Tons de Cinza”, “Ágape”, “Esperança”, “O monge e o executivo”, “Ninguém é de ninguém”, “Cidades de papel”, etc. Entre os livros mais marcantes, além dos religiosos que lideram a lista, encontram-se, felizmente, clássicos da literatura infantojuvenil, como “O pequeno príncipe”, “Turma da Mônica”, “O sítio do Pica-pau amarelo”, “Meu pé de Laranja Lima”, e outros mais modernos, como “Harry Potter”, “Crepúsculo” e o, já citado, “Diário de um Banana”.

Contudo, existe progresso e parece que o hábito de leitura está crescendo, realmente. Entre as principais motivações para ler um livro, aparece o gosto pela leitura vem em primeiro lugar (25%). Os dados mostram, ainda, surpreendentemente, que adolescentes entre 11 e 13 anos são os que mais leem por gosto (42%). Essa informação nos mostra que o prazer na leitura é o elemento motivador que leva, tanto adultos, quanto adolescentes a lerem. Talvez esse seja o ponto que a escola deve se atentar, uma vez que os alunos só leem se o ato de leitura for significativo para eles. Não adianta forçar leituras, mas partir das que mais lhes atraem.

Assim, uma das alternativas seria atrair a atenção desse público para obras mais complexas, valendo-se da curiosidade inerente à infância e à adolescência, mas, isso dependeria da habilidade metodológica do professor em abordar obras menos populares de forma que desperte nos alunos a curiosidade sobre elas. As crianças e adolescentes leem, mas não o que queremos que leiam.

Muitas vezes, os obrigamos a ler livros do cânone, que para eles são cansativos e enfadonhos devido ao vocabulário referente a uma época remota, e até mesmo a ausência de maturidade leitora. Isso não significa que o professor deve apresentar para seus alunos apenas

livros de fácil leitura (tais como, os clássicos adaptados). Segundo Gregorin Filho,

A resposta é simples: só se forma leitores por meio de atividades de leitura, e estas devem ser compatíveis com a competência de leitura do indivíduo, **mas devem oferecer meios e estímulos para que o leitor vença outras etapas**, consiga decifrar novos códigos e se torne cada vez mais plural. (2009, p. 89). (Grifos nossos).

Por isso, o avanço deve ser de forma gradual, considerando a competência leitora dos alunos, oferecendo-lhes uma leitura prazerosa, descontraída. E, à medida que desenvolvem sua competência leitora, então, devem ser-lhes apresentadas as obras mais complexas que podem levá-los às camadas de leitura mais profundas. Textos que sejam capazes de mexer com o “horizonte de expectativa”³ dos alunos e lhes proporcionar experiência estética, por meio da identificação deles com essas obras (JAUSS, 1994, p.28).

Outros dados da pesquisa sobre o uso da tecnologia para o ato de leitura se mostraram interessantes: 59% dos entrevistados nunca tinham ouvido falar em *e-book*, portanto, a maioria dos brasileiros ainda não conhece o livro digital. Mesmo assim, houve crescimento no uso desse recurso: em 2011 eram 30% que já tinham ouvido falar; em 2015, 41%. Dos que leem digitalmente, usam como dispositivo de leitura o smartphone (56%). Dos e-books baixados, na sua grande maioria gratuitamente, 47% são de literatura, seguidos dos técnicos, 33%. Ponto para a literatura! Mesmo assim, considerando que estamos em plena Era Digital, os dados acusam que nem todos têm acesso ao universo da Internet. Ou, se têm, não o utiliza para a leitura.

Um dado positivo para o digital é que um em cada três leitores do total da pesquisa declararam ter lido um *e-book*. Vale lembrar que a pesquisa abrangeu leitores e não leitores. Sendo os primeiros considerados os indivíduos que leram, total ou parcialmente, um livro nos últimos três meses.

Sobre os hábitos de leitura dos professores, o resultado da pesquisa mostrou:

- 1 - Na pergunta sobre qual último livro lido ou que está lendo, o primeiro lugar, disparado, foi a Bíblia (22%), seguidos de títulos de autoajuda e religiosos.
- 2 - 50% dos professores declararam que não estão lendo livro algum no momento.
- 3 - 63% dos professores gostam muito de ler. E 31% declararam gostar um pouco. Enquanto que 6% disseram não gostar de ler.
- 4 - 67% dos entrevistados alegaram que não houve uma pessoa que os incentivasse à leitura

³ Discorreremos sobre “horizonte de expectativa”, termo usado por Jauss, no subcapítulo 2.3.

em sua trajetória. Mas, dos 33% restantes que tiveram incentivo para a leitura, a mãe ou representante do sexo feminino, foi a principal responsável (11%), seguida pelo professor (7%).

Os dados estatísticos acima falam por si e renderiam muitas reflexões, porém, nos afixaremos a alguns deles. A pesquisa dá indícios de que em seu tempo livre, o professor raramente lê, assim como a maioria dos brasileiros, ou seja, o perfil dos professores é muito parecido com o dos demais entrevistados. E os poucos que leem, citaram como preferidos os títulos de autoajuda e religiosos. Ou seja, os livros de literatura e de atualização profissional, imprescindíveis na profissão, são, lamentavelmente, relegados.

Se o professor não tem o hábito de leitura, como poderá contribuir na formação leitora de seu aluno? O professor tem o poder de influenciar nos hábitos de leitura, mas precisará, antes, ser um professor-leitor apto a despertar o interesse de leitura nos seus alunos: ter um repertório para indicar; sugestão adequada a cada faixa etária e ao nível de leitura dos alunos, etc. “O papel daquele que trabalha com educação é fomentar todas as possibilidades de visão de arte e de mundo”. (GREGORIN Filho, 2009, P. 76). Mas, como fazer isso, se o agente responsável por essas transformações nos alunos, também não foi atingido por essas transformações em sua formação?

Pensamos que a figura do professor deveria ter mais influência sobre a formação dos hábitos de leitura de seus alunos. No entanto, segundo a pesquisa, apenas 7% do total de entrevistados viram o professor como incentivador da sua formação leitora. Esse último dado somado à cultura não leitora do profissional da educação, explica, em parte, o motivo pelo qual os índices de leitura são desastrosos e os esforços investidos para amenizar o problema trazem resultados mínimos.

Dentre os possíveis motivos para essa realidade acima anunciada podemos enumerar: formação deficiente na graduação; falta de tempo suficiente para o preparo das aulas, ocasionado pela dupla jornada dos profissionais para compensar os baixos salários; e pouco incentivo do poder público. Mas, entre muitos outros motivos, podemos, ainda, citar o de cunho cultural. Grande parte dos brasileiros não tem a cultura do hábito de ler. Não valoriza a leitura, não vê importância nesse ato tão importante para a aquisição de conhecimento e ampliação da consciência. Aliás, no geral, não valoriza a escola, os estudos e os professores. Muitos não acreditam que a escola pode salvá-los da sua situação de pobreza, tanto financeira, quanto cultural. O grande desafio é romper com essa realidade, a qual condena o indivíduo, muitas vezes, a uma vida igualmente sofrida e alienada quanto a de seus pais. É nesse sentido que a escola, por meio da literatura, pode promover a transformação desses indivíduos em

peessoas mais conscientes de sua realidade e de seu papel no mundo, tornando-os capazes de acreditar em si mesmos como agentes transformadores da sociedade. Mas, antes, o empenho das políticas públicas para uma possível solução do problema da pouca leitura, no nosso entendimento, deve ser direcionado à formação contínua e valorização dos professores. De forma que estes possam ser capacitados no sentido de desenvolver nos estudantes o gosto pela leitura e a competência leitora dos mesmos.

2.2.2 – O que dizem os documentos oficiais?

No contexto do ambiente escolar, a leitura compreende competência primordial a ser desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) destinados ao Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental preveem a seguinte proposição em relação à leitura:

No processo de leitura de textos escritos, espera-se que o aluno: leia, de maneira autônoma, textos de gêneros e temas com os quais tenha construído familiaridade; compreenda a leitura em suas diferentes dimensões, o dever de ler, a necessidade de ler **e o prazer de ler**. (PCN, 1998, p. 50 – 51). (grifos nossos).

Isso é reforçado pelo que recomenda as Orientações Curriculares (OC) para o Estado de Mato Grosso para o 3º Ciclo do Ensino Fundamental:

O desenvolvimento de capacidades de leitura e de escrita é indispensável no processo da compreensão da realidade para o exercício da cidadania como uma das condições para a transformação social. Pela leitura, o estudante tomará contato não apenas com conhecimentos produzidos à sua volta, podendo construir um panorama da realidade em que vive, e empregá-los nos textos que vier a produzir, **mas também com o prazer estético proporcionado pelos textos literários**. (2012, p. 44). (Grifos nossos).

Vimos nas duas citações dos documentos acima, dentre critérios igualmente pertinentes, como capacidade linguística e exercício da cidadania, o prazer de ler também é destacado, pois constitui agente motivador para as práticas de leitura em sala de aula.

Outro documento educacional que norteia as práticas pedagógicas é o “Orientativo Pedagógico”⁴, repassado anualmente para as escolas e pode ser encontrado no *site* da

⁴ MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. Objetivos de aprendizagem para escolas de ensino fundamental 2017. In: **Orientativo Pedagógico 2017**. Disponível em:

SEDUC/MT. Nele, entre outras orientações de ordem pedagógica, encontra-se referência aos Objetivos de Aprendizagem, sobre o qual discorreremos a seguir.

O método avaliativo das escolas de Ensino Fundamental no Estado de Mato Grosso compreende o preenchimento de relatórios bimestrais ou semestrais acerca da vida escolar dos alunos. As anotações avaliativas que compõem o Relatório de Avaliação Diagnóstica do Estudante compreendem conceitos avaliativos que determinam se o aluno estará apto ou inapto para a progressão escolar, ao final do ano letivo. Tais conceitos avaliativos devem ancorar-se nos Objetivos de Aprendizagem, inseridos no Sigeduca, módulo GED⁵ para registros acerca da frequência e avaliações dos discentes. Lembramos que o sistema escolar do Estado de Mato Grosso trocou, há anos, o antigo método de Progressão Escolar Seriado pela Progressão Escolar Ciclada, no Ensino Fundamental, a qual dividiu os nove anos dessa etapa escolar em três ciclos de três anos. Ao término de cada ciclo o aluno poderá ser retido, caso não alcance o percentual mínimo de frequência ou que seja considerado inapto nos conceitos avaliativos.

Compreendemos ser necessário mencionar aqui, brevemente, os objetivos de aprendizagem, pois é neles que o direcionamento do ensino é pautado, nessa etapa escolar. Os Objetivos direcionam o método, os critérios avaliativos e até o conteúdo que os professores utilizarão durante o ano letivo. No módulo GED constam vinte objetivos de aprendizagem para a disciplina de Língua Portuguesa no 3º Ciclo do Ensino Fundamental, sendo, apenas, quatro deles específicos para a literatura. Os demais objetivos perpassam conteúdos direcionados à gramática (pontuação, coesão, etc), aos gêneros textuais e à interpretação textual.

Vejamos os quatro objetivos de aprendizagem que constam no módulo GED o ano de 2017:

<<http://cos.seduc.mt.gov.br/upload/permanente/Arquivo/ORIENTATIVO%20PEDAG%C3%93GICO%20201661242977566625.pdf>>. Acesso em: 12 de maio de 2017.

⁵ GED - Plataforma do sistema da SEDUC/MT.
Disponível em: <<http://sigeduca.seduc.mt.gov.br/geral/hwlogin2.aspx>>

**Detalhamento dos Objetivos de Aprendizagem Língua Portuguesa
3º ciclo do Ensino Fundamental/2017**

7º ANO	8º ANO	9º ANO	Objetivo a ser atingido no final do 3º ciclo *Esses objetivos são os que constam no Sigeduca
Reconhece a leitura literária como fonte de apreciação .	Compreende, interpreta e identifica as características dos gêneros literários.	Reconhece os gêneros literários e os recursos de estilo presentes nesses gêneros.	Lê, compreende, interpreta e identifica as características de textos literários .
Produz textos literários expressando emoções através de recursos expressivos e de estilo da linguagem poética .	Elabora textos narrativos utilizando recursos próprios de textos literários.	Produz textos literários que retratam as práticas sociais e culturais da região mato-grossense.	Produz textos literários , utilizando-se de recursos próprios da linguagem literária que retratam as práticas sociais da cultura regional e nacional.
Reconhece o efeito de sentido decorrente da escolha de determinada palavra ou expressão .	Difere o sentido conotativo e denotativo das palavras no texto.	Identifica o efeito de sentido decorrente do uso das figuras de linguagem.	Reconhece e interpreta a linguagem figurada em textos literários.
Identifica nos textos poéticos os versos, estrofes, a rima, a métrica, o ritmo, a sonoridade, as repetições expressivas de palavras ou sons.	Identifica os elementos característicos de textos narrativos.	Identifica os elementos que caracterizam os textos literários em versos ou em prosa.	Compreende as características e elementos de diversos gêneros literários incluindo a literatura regional .

Fonte: Orientativo Pedagógico 2017. (Grifos nossos)

Os objetivos de aprendizagem não contemplados podem ser inseridos pelos professores, portanto, os vinte objetivos que contavam no primeiro bimestre letivo podem ter aumentado, de acordo com a necessidade. Como a turma escolhida para aplicação do nosso projeto é uma turma de 7º Ano, pertencente à primeira fase do terceiro ciclo, direcionaremos nossa atenção a ela.

Ao observar os objetivos, pudemos constatar que todos os quatro foram contemplados em nossas aulas. Os alunos tiveram a oportunidade de: apreciar a leitura literária; produzir textos literários expressando suas emoções em linguagem poética; reconhecer que a escolha vocabular determina os sentidos; e identificar e usar em seus textos os versos, as rimas, as repetições, etc.

Interessante notar também que, na última coluna, vemos os objetivos a serem atingidos no final do ciclo (9º Ano), os quais nos mostram que estamos no caminho certo, pois, vários deles foram contemplados, o que podemos comprovar pelas atividades de leitura e nos poemas dos alunos, analisados no terceiro capítulo desta dissertação.

2.3 - Leitura do texto literário na escola.

Nossa proposta de trabalho com o texto literário foi sustentada pela vertente teórica da Estética da Recepção (1994), a partir da abordagem desenvolvida por Hans Robert Jauss, em 1967, como foi mencionado anteriormente. Os estudos da recepção ampliou o espaço do leitor, dando-lhe relevância como elemento constitutivo da tessitura literária - antes restrito ao autor e a obra – oferecendo-lhe protagonismo em relação à produção de sentidos de uma obra. O texto literário não sobrevive sem um público, uma vez que este - a princípio - é o destinatário daquele.

Dessa forma, ao considerar a figura do receptor no processo da leitura do texto literário, as sete teses de Jauss propostas nos seus fundamentos cumprem papel fundamental no sistema literário por entender a Literatura numa relação dinâmica entre autor, obra, leitor baseando-se no carácter estético e histórico da literatura.

[...] a relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estéticas quanto históricas. A implicação estética reside no fato de já a recepção primária de uma obra pelo leitor encerrar uma avaliação de seu valor estético, pela comparação com outras obras já lidas. A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética (JAUSS, 1994, p. 23).

O leitor deixa de lado seu papel passivo diante do texto e passa a ter uma competência para além do simples ato de ler. Advém dele a interpretação e a constituição dos sentidos do texto.

Um dos postulados básicos de Jauss (1994) trata do horizonte de expectativa, marcado pelo conhecimento prévio do público leitor. Tal conhecimento determina a recepção da obra, de forma que, para Jauss (1994, p. 31), quanto maior for a distância entre a expectativa do leitor e a obra, maior poderá ser seu valor artístico, uma vez que a característica inovadora e provocativa da literatura dialoga com as experiências do leitor. Portanto, a obra pode provocar estranhamento ou rompimento dessa expectativa promovendo, assim, a experiência estética.

A maneira pela qual uma obra literária, no momento histórico de sua apreciação, atende, supera, decepciona ou contraria as expectativas de seu público inicial oferece-nos claramente um critério para a determinação de seu valor estético (JAUSS: 1994, p.31).

A sétima tese do autor faz uma relação entre literatura e vida em que a primeira cumpre uma missão social devido ao seu caráter emancipador e abre caminho para a experiência estética.

A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo, e, assim, retroagindo sobre seu, comportamento social. (JAUSS, 1994, p. 50).

Dessa forma, a experiência estética advém da relação feita pelo leitor entre a leitura literária e sua própria vida, de tal forma que este é levado a questionar comportamentos sociais e a pensar possíveis soluções para os problemas de sua vida. Segundo Jauss, “[...] a experiência da leitura logra libertá-lo das opressões dos dilemas de sua práxis de vida, na medida em que o obriga a uma nova percepção das coisas.” (1994, p. 52).

Regina Zilberman (1989, p.57), em *Estética da Recepção e História da Literatura*, apresenta os estudos de Jauss e afirma que, para o autor, a experiência estética compreende três atividades simultâneas e complementares: a *poesis*, a *aisthesis* e a *Katharsis*. A *poesis* aponta para a importância do leitor como coautor da obra literária; a *aisthesis* o prazer estético advindo de uma nova percepção de mundo devido ao novo conhecimento adquirido, e a *Katharsis*, o prazer proveniente da recepção a qual mobiliza novas maneiras de pensar e agir sobre o mundo.

Neste sentido, Jauss acredita que o texto é produto do leitor, que constrói seu sentido no processo da leitura. Processo pelo qual, o leitor tem “prazer de se sentir coautor da obra”; provocado por ela, sente o “feito de renovação da percepção do mundo circundante”; e, é provocado e levado à “transformação de suas convicções” e a “uma visão mais ampla” e crítica do mundo (ZILBERMAN, 1989, p.57). A autora nos lembra ainda que, para a concretização da experiência estética, é imprescindível o processo de identificação do leitor com a obra.

Outro teórico da recepção, Wolfgang Iser (1976), analisa os efeitos da obra literária provocados no leitor, por meio da leitura. Para o autor, “O papel do leitor representa, sobretudo, uma intenção que apenas se realiza através dos atos estimulados no receptor. Assim entendidos, a estrutura do texto e o papel do leitor estão intimamente ligados”. (ISER, 1996, p. 75). Assim, há uma relação dialógica em que o autor fornece pistas que permitem ao leitor deslocar os sentidos do texto, constituindo assim a interpretação deste.

No entanto, a interpretação do texto não é um ato subjetivo, livre de condicionantes

textuais. Os sentidos podem ser muitos, mas não qualquer um. Teresa Colomer nos lembra que,

[...] é certo que o texto está repleto de elementos não ditos, que o leitor deve preencher, mas estes espaços não se oferecem à imaginação arbitrária: o texto tem que ter previsto a interpretação do leitor através de seus próprios mecanismos de geração de sentido. [...] (2003, p. 96)

Nesse sentido, observamos que mesmo com o protagonismo dado ao leitor, ainda há de se considerar os pressupostos textuais para a geração de sentido. Além disso, a autora concorda com Iser (1976, p.75) ao afirmar que a estrutura do texto (leitor implícito) deixa lacunas que serão preenchidas pelo leitor. Quando este interage com o texto literário, torna-se capaz de entender “as pistas” deixadas pelo autor e completar os espaços e lacunas da obra, numa dinâmica de coautoria.

Retomando o papel social da literatura, citado na sétima tese de Jauss, já mencionada, sabemos que ela – a literatura - contribui grandemente na formação humana de nossos alunos, porque, além de proporcionar outros caminhos de se conhecer as coisas, as pessoas e o mundo, o texto literário possui um caráter humanizador, isto é:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2004, p. 180).

Tornar-se mais humano significa compreender a sociedade que nos circunda e saber enfrentar os problemas advindos das relações sociais. A leitura de textos literários pode aguçar a sensibilidade que permite o questionamento do mundo e o desejo de mudança da condição de mediocridade que aflige o ser humano. Ou seja, é o que Antônio Cândido trata por processo de humanização pela arte. Por isso, o texto literário adquire relevância nas atividades de ensino, sendo apresentado como um direito humano, tão fundamental como qualquer outro presente na Constituição.

Diante disso, notamos que a Literatura é capaz de transformar a compreensão de mundo do leitor quando este se identifica com a obra. Por isso, a preocupação de professores em selecionar textos literários significativos para os alunos. Textos que se aproximam da realidade do público leitor, mas que, ao mesmo tempo, acrescenta conhecimento cultural e traga reflexão sobre suas ações e atitudes perante o mundo. Essa relação de identificação com

a obra retoma os estudos de Jauss (1994, *passim*) – supracitados - quando ratifica o papel social da literatura.

Na mesma direção, porém, de forma mais didática, Rildo Cosson questiona como a escola pode trabalhar a literatura de forma que esta cumpra seu papel social no âmbito escolar. Para o autor a leitura literária escolar deve ser sistematizada, pois atende a um objetivo social prático: a formação de leitores.

Essa leitura também não pode ser feita de forma assistemática e em nome de um prazer absoluto de ler. Ao contrário, é fundamental que seja organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar. (2012, p. 23).

Poderíamos, então, nos indagar se esta didatização da literatura poderia “matar” o texto e afastar o leitor aluno do universo literário? O autor responde que:

A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (IBIDEM, 2012, p. 23).

O cuidado de não descaracterizar a literatura no ambiente escolar deve-se ao fato de que, muitas vezes, a leitura literária é pautada em “[...] atividades extraclases, constituídas de resumos, ficha de leitura e debates em sala de aula, cujo objetivo maior é recontar a história lida ou dizer o poema com suas próprias palavras”. Ou seja, os recursos de linguagem próprios do texto literário que foram, cuidadosamente, selecionados pelo autor ao compor a obra de acordo com o efeito pretendido, não são devidamente explorados em sala de aula. Além disso, “[...] predominam as interpretações de texto trazidas pelo livro didático, usualmente feitas a partir de textos incompletos [...]”. (IBIDEM, 2012, p. 22). Quando a atividade de leitura do texto literário não faz uma análise das especificidades desse tipo de linguagem, temos a descaracterização da literatura.

O que o autor propõe é o letramento literário como alternativa para um ensino centrado na formação do leitor e, para isso, o acesso às obras literárias é o primeiro passo, pois, “[...] o letramento literário requer o contato direto e constante com o texto literário [...]”. À escola e ao professor cabem, pois, disponibilizar espaços, tempos e oportunidades para que esse contato se efetive”. (PAULINO; COSSON, 2009, p. 74).

Ou seja, promover a acessibilidade ao material literário é o primeiro passo na direção do letramento literário. Para Paulino e Cosson (2009, p. 67), o Letramento Literário pode ser definido “[...] como o processo de apropriação da literatura como construção literária de sentidos”, ou seja, o letramento “[...] trata-se de apropriação, isto é, um ato de tornar próprio, de incorporar e com isso transformar aquilo que se recebe, no caso, a literatura”. Nesse sentido, questionamos e procuramos refletir sobre como deve ocorrer essa apropriação do literário na escola.

Só se aprende a ler, lendo. Gregorin Filho (2009) comenta sobre a importância de os professores levarem os alunos a terem acesso ao material literário. Para que isso ocorra, a escola e o professor de Língua Portuguesa devem propor atividades que acrescentem poder interpretativo a seus alunos:

Trabalhar com literatura infantil em sala de aula é criar condições para que formem leitores de arte, leitores de mundo, leitores plurais. (...) oferecer e discutir literatura em sala de aula é poder formar leitores, é ampliar a competência de ver o mundo e dialogar com a sociedade. (GREGORIN FILHO, 2009, p. 78).

O contato direto com materiais literários, adequados à idade dos alunos, num ambiente apropriado à leitura – dever da escola, somado ao estímulo necessário para introdução de tais materiais com a finalidade de aguçar a curiosidade e imaginação – dever do professor, constituem pilares edificadores que podem transformar a realidade de leitura dos nossos alunos.

2.3.1 – A poesia

Com a proposta de leitura literária, concebemos a literatura na sua função social e pretendemos proporcionar aos alunos a possibilidade de uma experiência estética diante do texto poético. Para isso, recorremos a Hélder Pinheiro (1995, p. 17) que trata a poesia na sala de aula a partir das reflexões de T.S. Eliot⁶, que diz: “Para o poeta, a função essencial da poesia está em que ‘possamos nos assegurar de que essa poesia nos dê prazer’”. Mais à frente diz,

⁶ O texto citado por Pinheiro é: ELIOT, T.S. A função social da poesia. In: **De poesia e poetas**. Trad. e prólogo Ivan Junqueira. S. Paulo: Brasiliense, 1991, p. 25-37.

Para além de qualquer intenção específica que a poesia possa ter, (...), há sempre comunicação de uma nova experiência, ou uma nova compreensão do familiar ou a expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras – o que amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade. (ELIOT *Apud* PINHEIRO, 1995, p. 17)

A poesia é capaz de “ampliar a consciência” ou “apurar nossa sensibilidade”, diz o autor (p. 17). Nesse sentido, vemos o quanto é falho o trabalho com a poesia em grande parte do ambiente escolar, pois, trabalha-se aspectos meramente pragmáticos de todos os tipos com o texto literário, relegando a fruição, aspecto primordial para o nascimento do prazer de ler. Gaston Bachelard em “Poética do Espaço” (1978) vê a poesia como criação sublime que tem sua origem na imaginação, ou seja, na imagem poética. Para ele, “[...] a poesia tem uma felicidade que lhe é própria, qualquer que seja o drama que ela seja levada a ilustrar.” (BACHELARD, 1978, p. 192). Seja advinda de um poema alegre ou de uma narrativa triste, na poesia sobressai-se o belo, o sublime.

Outro autor que segue essa linha é Otávio Paz que, em “O arco e a lira” (1984, p.15), proclama a poesia como “[...] conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo”. Para o autor, a atividade poética é revolucionária por natureza, pois, é um “exercício espiritual, é um método de libertação interior” (PAZ, 1984, p. 15). A poesia, ainda, revela os mistérios deste mundo ao mesmo tempo em que cria outro. Ela também é capaz de isolar e de unir. É um “Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular” (IBIDEM, p. 15). É expressão histórica de raças, nações, classes. “Em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem.” (PAZ, 1984, p.15). A poesia nos faz viajar através dos meandros da imaginação, constitui alimento para a alma, riqueza de estímulos que aguça a sensibilidade.

Diante de tantas vantagens ao intelecto que a poesia pode proporcionar, cabe à escola mediar o encontro entre a obra e o leitor, aluno, e assim, promover a experiência literária. Segundo Pinheiro (1995, p.18) “A função social da poesia, é bom lembrar; não é mensurável dentre modelos esquemáticos. É uma experiência íntima que muitas vezes captamos pelo brilho do olhar de nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso, pela conversa de corredor” (1995, p. 18)

É esse “brilho no olhar” que todo professor espera ver nos rostos de seus alunos, durante a leitura literária. É um nobre motivo docente poder contribuir para que eles sintam gosto pelo ato de ler e adquiram esse hábito tão vital. Afinal, “É possível, depois de tão acuradas afirmações sobre a função social da poesia, permanecer privando-nos e a nossos

alunos da experiência da leitura de poemas?” (PINHEIRO, 1995, p.19).

2.4 – A tecnologia aliada ao ensino

O uso da tecnologia também compôs nossa didática na aplicação do projeto, pois, entendemos que as constantes mudanças sociais, invariavelmente, desencadeiam novas formas de conceber o ensino e suas propostas metodológicas. Essas transformações pelas quais passa a sociedade trazem consigo novos desafios ao ensino de língua. A escola sente os efeitos e precisa se adaptar a um mundo fluido e tecnológico cada vez mais exigente com ela.

A temática sobre tecnologias no ambiente escolar, não constitui pauta recente na educação, uma vez que foram e ainda são publicados e distribuídos materiais de formação contínua aos professores visando à atualização destes à era digital. Assim, o sistema procura evitar que o abismo escola/aluno seja intransponível. Retroprojetores multimídia, lousa eletrônica, pincéis atômicos (ao invés do velho giz), sala de informática, *tablets* para alunos foram tidos como verdadeira solução para a educação.

Mas, sem entrar no mérito das promessas educacionais, o que sabemos é que querendo ou não, a tecnologia veio para ficar e fazer parte do ensino. Imagina-se que faz parte do universo da maioria dos nossos alunos possuírem um aparelho telefônico celular nas mãos ao invés do livro físico, como o conhecemos. Diante disso, o professor deve dinamizar esforços para se atualizar com a tecnologia, para captar a atenção e o interesse dos estudantes de forma eficiente.

O desafio maior dessa profissão sempre foi e será motivar os alunos para que possam aprender algo. E a tecnologia, uma vez que chama tanta atenção do alunado, pode e deve ser usada a favor da qualidade do ensino, no sentido de deixar as aulas mais atraentes. Há urgência em assimilar as novas demandas socioeducacionais. O tempo urge e não devemos ignorar a tecnologia, como afirma Gregorin Filho:

Não podemos esperar leitores como aqueles do início do século XX, devemos mudar a maneira de ver as necessidades dessa criança leitora de mundo, leitora de múltiplos códigos e até mais competente com essas novas tecnologias do que nós mesmos. (2009, p. 12).

Não há dúvida de que nós, professores, precisamos empregar os recursos tecnológicos em nossas práticas pedagógicas para esse aluno leitor de múltiplos códigos. Não basta um texto verbal. Há de ser um hipertexto com linguagem verbal escrita, verbal oral, não verbal,

imagética e sonora, etc., para chamar a atenção do alunado tecnológico. De acordo com Melo, Oliveira e Valezi (2012),

[...] as práticas de linguagem de alta modernidade, cada vez mais presentes no cotidiano social dos alunos, impulsionam o professor a promover ainda mais mudanças em sua ação docente com vistas a garantir maior motivação e bons resultados no desenvolvimento dos nossos alunos. (p. 148).

De acordo com os autores, esse caminho deve ser construído entre professores e alunos, pois não há fórmula pronta. Por isso, trabalhar com gêneros multimodais pode ser um desafio para o professor, pois, ele necessita, muitas vezes, pesquisar, investir recursos tanto financeiros quanto intelectuais e até comportamentais, atendendo assim às mudanças sociais e as exigências contemporâneas.

Diante dessas mudanças e tentando nos adaptar aos gêneros multimodais - “[...] diferentes gêneros de texto organizados por diferentes modalidades de linguagem” (*Ibidem*, p. 147) – vimos, assim, uma bem-vinda oportunidade de inserir o uso dos aparelhos telefônicos celulares, voltado à ação da fotografia como tecnologia motivadora para nossas práticas pedagógicas com a poesia, em sala de aula.

2.4.1 - A fotografia: fator motivador na escrita de poemas

Percebemos que as imagens visuais constituem grandes atrativos para crianças e adolescentes, e estas ainda são pouco utilizadas no ensino. Segundo Costa (2009, p. 84), “A educação tem tido, em relação à compreensão das imagens visuais, uma atitude ingênua, como se aquilo que se vê fosse dotado de transparência em relação ao que significa e à forma como repercute em nossa mente”. Como vimos, assim como as palavras, a imagem também não é transparente. Ela reclama sentidos. Sentidos estes que são atribuídos pelos olhos de cada espectador. Costa fala do que motiva o espectador diante da imagem:

Quando defendemos a introdução de imagens na educação, estamos pensando no seu potencial emotivo, envolvente e sedutor, naquilo que foge à racionalidade e à precisão da escrita. Estamos pensando nas vantagens que trará sob a forma de motivação, de apelo subjetivo para uma educação que possa abandonar o apego aos cânones positivistas em favor de uma melhor compreensão da interioridade humana. (IBIDEM, p. 97)

A fotografia, além de ser uma arte, assim como a poesia, cumpre hoje um papel social em nossa sociedade, seja como documento histórico, preservação da memória, ou ilustração da realidade. Com o advento da câmera digital, e mais recentemente, desta acoplada ao aparelho celular das pessoas, a fotografia tornou-se cada vez mais parte indissociável da vida moderna.

Para os nossos alunos, ela pode representar instrumento de socialização. O ato de registrar imagens de si e do outro, por meio da fotografia, tem se tornado uma atividade de expressão que coloca em evidência o que sentem e a forma com que querem que o mundo os veja.

Dessa forma, o ato de fotografar pode ser tanto um registro genuíno da realidade, como uma manipulação da mesma. Essa possibilidade de manipulação da realidade é motivadora para os jovens, uma vez que eles podem registrar e compartilhar apenas o que desejam e como desejam, manifestando, assim, uma representação de como querem ser vistos.

Ao desejo de se representar por meio da fotografia junta-se à necessidade de compartilhar essa imagem, de tal forma que o compartilhamento do registro fotográfico em redes sociais é a motivação principal da produção fotográfica deles. De fato, aos nativos digitais, a fotografia é uma maneira que encontraram de manifestar-se.

As fotografias, do modo como as conhecíamos anteriormente, produzidas em máquinas analógicas, não fizeram e nem fazem parte do convívio dos nossos alunos. Eles nasceram na era digital, e esta tem-lhes influenciado de diversas maneiras.

Na contemporaneidade, a intensa e complexa circulação de comunicação e informação implica uma diversidade de mídias [impressa, analógica, digital] e de diferentes modalidades ou semioses [linguística, visual, espacial, gestual, sonora], muitas vezes, entrelaçadas umas às outras, provocando transformações nas formas de funcionamento e na configuração dos discursos. (CUSTÓDIO, 2012, p.212.)

A era digital impõe novas formas de informação e de comunicação e a escola não pode ignorar tais mudanças, as quais podem ser poderosamente positivas, como o uso dos aparelhos digitais e da internet como ferramentas de leitura e pesquisa escolares.

No entanto, o que presenciamos com mais frequência, na escola, é a interdição de vários recursos que poderiam trazer benefícios, se bem usados. Como, por exemplo, o uso do aparelho celular em sala de aula, o que é um fenômeno recente no âmbito escolar. Alguns discentes levam seus aparelhos para a escola e os usam na hora da aula, sem nenhum constrangimento. Os professores interrompem suas aulas, constantemente, para chamar a

atenção do aluno distraído com seu aparelho, e, algumas vezes, veem-se na condição de se indispor com o aluno, pois, este reincide na quebra das regras da escola.

Na concorrência com o aparelho celular, a aula do professor acaba perdendo, em nível de interesse do aluno. É uma concorrência desleal, principalmente, quando se trata de um público alvo pré-adolescente, com pouca maturidade para discernir entre o que é de fato relevante para seu futuro.

Tal situação levou o governo federal a instituir uma lei regulamentando o uso de aparelhos/equipamentos eletrônicos na escola. O uso de celulares, embora proibido aos alunos durante as aulas, pode ser utilizado para fins comprovadamente pedagógicos, conforme determina a Lei Estadual nº 10.232, publicada no Diário Oficial de Mato Grosso em 29 de dezembro de 2014⁷.

Diante disso, o que podemos fazer para o uso do aparelho celular tenha, de fato, um impacto positivo no ambiente escolar? Como usá-lo para fins pedagógicos? Sabemos que, nem todos os estudantes possuem um aparelho telefônico celular, e muito menos acesso à internet. E que, as escolas, que deviam providenciar tal acesso, falham devido aos constantes problemas de ordem tecnológica e de manutenção, tais como, computadores danificados, insuficientes ou inexistentes e a ausência de um serviço de internet eficaz.

Mesmo diante das dificuldades elencadas, o professor pode encontrar meios de realizar um trabalho envolvente que utiliza algum recurso/suporte digital.

Em vez de impedir/disciplinar o uso do internetês na internet (e fora dela), posso investigar por que e como esse modo de expressar por escrito funciona. Em vez de proibir o celular em sala de aula, posso usá-lo para a comunicação, a navegação, a pesquisa, a filmagem e a fotografia. (ROJO, 2012, p.270).

Nesse sentido o uso do aparelho celular dos alunos e do recurso digital da fotografia em nesse trabalho veio para somar o letramento digital ao letramento literário, em que o primeiro serviu como elemento motivador do segundo. E, dessa forma, poder possibilitar experiências de aprendizagem que levem em conta esse sujeito afetado tecnologicamente, a fim de fornecer a ele as mais variadas e diferentes linguagens.

⁷ Disponível em: <<https://www.al.mt.gov.br/storage/webdisco/leis/lei-10232-2014.pdf>>

2.4.2 Motivação auditiva para as atividades de leitura de poemas e motivação visual para a produção escrita

Costa (2009, p. 97) discorre sobre as vantagens dos recursos imagéticos como motivadores na educação. Nesse mesmo sentido, Boaventura (2014, p.32-33) fornece ao leitor sugestões metodológicas direcionadas para o processo gradativo de leituras. Dentre tais sugestões o autor recomenda o uso de textos com recursos pictóricos e auditivos como ponto de partida para outras leituras puramente textuais.

Nesse processo, a didática constitui fator determinante no trato com o objeto a ser estudado em sala de aula. Tal processo valoriza os níveis de leitura, tão heterogêneos na sala de aula, uma vez que permite a todos os alunos desenvolverem sua relação com a leitura de forma gradual, desde a proficiência básica à mais avançada. O autor sugere que iniciar o processo de gradação de leituras com textos não verbais, quais sejam os de recursos visuais e os auditivos podem atrair a atenção dos alunos, motivá-los e prepará-los para a leitura efetiva do texto. Nesse sentido, textos publicitários, gravuras, *charges*, etc., podem ser úteis na exploração de recursos pictóricos, assim como os poemas musicalizados podem ser utilizados como recursos auditivos.

Boaventura chama a atenção para o uso desses materiais extraliterários como motivadores para atividades de leitura literária. Segundo o autor, tais materiais devem ser usados de forma equilibrada e sempre recorrendo a fontes literárias, de forma que façam um paralelo com atividades acerca de poemas (IBIDEM, p. 32 e 33). Após a explanação dos recursos citados acima, e só então, o autor propõe a leitura do texto puramente escrito:

Depois das incursões em textos (predominantemente) visuais e auditivos, podemos chegar àqueles que são elaborados apenas com os códigos da escrita. E assim, dos poemas musicados, é possível fazer a passagem aos poemas não-musicados [...]. (IBIDEM, p.31).

Dessa forma, podemos trabalhar os níveis de leituras, desde a leitura básica à avançada, proporcionando aos alunos um crescimento intelectual significativo no seu processo de formação como leitor.

Vemos que, tanto Costa (2009, p. 97) quanto Boaventura (2014, pp.32-33) tratam da motivação como fator relevante na práxis educacional. Do mesmo modo, Cosson (2012), ao

tratar de letramento literário, também prevê a necessidade de uma fase de pré-leitura denominada por ele de Motivação. Fase esta em que o estudante é levado a se envolver com a obra literária, por meio de atividades que suscitem a curiosidade e a imaginação, de maneira que a atividade de leitura possa fazer sentido para ele. Ela, a motivação, é a força propulsora que move o ser humano para suas conquistas no mundo. Estudantes desmotivados não produzem, mas, sim, reproduzem, copiam, repetem. Preparar os estudantes para a leitura ou escrita efetiva de textos requer todo um processo, uma “gradação de leitura” (BOAVENTURA, 2009), como já foi citado. Cabe ao professor a tarefa de provocar tal motivação, condição indispensável para que se atinja nossos objetivos.

Diante do que foi exposto, nossa prática de leitura e escrita em sala de aula foi ancorada na motivação de que trata os autores. Utilizamos a motivação auditiva para introduzir as atividades de leitura de poemas nos valendo dos aspectos lúdicos dos poemas musicados e letras de música. Com o recurso do aparelho de som, os alunos leram e cantaram poemas musicados de Vinícius de Moraes e José Paulo Paes, e ainda, entoaram as músicas “Aquarela”, de Toquinho, “A cidade” de Chico Science & Nação Zumbi e “Cidadão”, interpretada por Zé Geraldo. A partir dessa estratégia de motivação auditiva das primeiras aulas, fomos inserindo nas aulas posteriores outros poemas mais complexos, quais sejam, poemas de Carlos Drummond de Andrade, Cora Coralina, Roseana Murray entre outros que abordam a temática urbana (temática do nosso projeto).

Além disso, utilizamos ainda, a motivação visual como estratégia para a escrita de textos poéticos pelos alunos. A coleção de fotografias de Sebastião Salgado, trazida para a sala de aula, contribuiu para as aulas de leitura de imagens, pois os alunos se sentiram motivados a escrever seus textos a partir do que viam e sentiam diante das imagens. Do mesmo modo, a motivação visual ao fotografarem a cidade de Primavera do Leste, capturando imagens significativas desta, serviu para trabalhar a criticidade sobre a cidade e inspirá-los na produção de seus poemas finais.

2.5 – Fase preparatória da proposta de intervenção.

A ideia para o projeto de dissertação em usar a fotografia surgiu de uma exposição fotográfica da artista Mari Gemma De La Cruz em homenagem ao poeta cuiabano Silva Freire. A exposição teve como título “Olhar Cuiabá – Cartografia Silvafreireana”.

Observamos com admiração a harmonia entre as fotografias urbanas de Cuiabá (captadas pela artista) e os textos do poeta Silva Freire sobre a cidade cuiabana. A exposição foi inspiradora, e adaptamos para o contexto escolar, de forma que o recurso da fotografia contribuísse com os objetivos de ensino da disciplina de Língua Portuguesa.

Sabemos que as crianças e os adolescentes têm gosto por fotografias, porém, de um tipo específico de fotografia, possibilitado pelo aparelho celular: a *selfie*. O ato de tirar fotos de si mesmo tornou-se tão popular que nas redes sociais vê-se muito essa modalidade de captura de imagens. O ato de fotografar aliado à Internet transformou a vida de indivíduos anônimos em celebridades instantâneas. Fotografa-se tudo e posta-se tudo nas redes sociais, na intenção de mostrar-se para o mundo.

No entanto, não é essa modalidade de captura que planejamos para o projeto. O intuito foi que os alunos capturassem imagens significativas da cidade de Primavera do Leste. Desse modo, explicamos para eles que a *selfie* não serviria ao nosso propósito. Assim, planejamos chamar um fotógrafo profissional para expor técnicas fotográficas e isso serviu para ampliar seus conhecimentos em fotografia. A temática escolhida “a cidade” consolidou o objetivo com a fotografia, e também a proposta de escrita de poemas, por se tratar de um tema comum a todos os alunos e, por isso, elemento facilitador para a composição dos textos.

Os textos trabalhados, trazidos para a sala de aula foram escolhidos levando-se em conta a fase da pré-adolescência dos alunos (12 anos), e a temática do projeto.

Para motivar alunos dessa idade, escolhemos os poemas musicados de Vinícius de Moraes e de José Paulo Paes, além de letras de músicas que tratavam da temática urbana. Depois, adentramos outros poemas não juvenis de Cora Coralina, Roseana Murray, Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, Dom Aquino, entre outros que traziam a temática do projeto “a cidade”.

A aplicação do projeto se deu na Escola Estadual Paulo Freire, no município de Primavera do Leste/MT, numa turma de sétimo ano do Ensino fundamental, durante o primeiro semestre de 2017. Para promover o letramento literário, intuito do projeto, traçamos e seguimos uma metodologia baseada nos aportes teóricos estudados durante o curso Profletras (Mestrado Profissional em Letras) e variadas estratégias de ensino. As estratégias de motivação, tais como, o uso da fotografia e de poemas musicados, além da escolha da temática “a cidade”, foram pensadas a fim de favorecer todo o processo de leitura e escrita de poemas. Além dessas, que são as principais, dispusemos de outras estratégias gerais para as atividades de leitura.

a) Atividades que partem do conhecimento prévio do aluno:

Fundamentadas nos estudos da Recepção, os quais valoriza o leitor da obra como agente colaborador dos sentidos desta, as atividades de leitura seguiram uma evolução dos níveis de leitura de modo que, os alunos melhorassem sua proficiência leitora ao término de cada atividade. Por isso, a primeira atividade foi sondar o que já sabiam sobre poesia. Relembramos as velhas cantigas de rodas e algumas quadrinhas no intuito de mostrar o quanto a literatura oral fez parte da infância de todos nós. Tivemos momentos lúdicos ao relembrar e ao cantar as cantigas de rodas.

Depois, partimos para poemas musicados conhecidos e letras de música e, gradualmente, para poemas mais complexos a respeito da temática urbana. Cabe lembrar que o aspecto lúdico presente tanto nas cantigas de roda, quanto nos poemas musicados e letras de músicas, trabalhados em sala, contribuíram para a criação de um clima propício à receptividade dos alunos diante do conteúdo da aula. Eles conseguiram participar da aula de forma voluntária, sem a percepção da obrigatoriedade das atividades escolares.

b) Rodas de leitura:

A dinâmica das rodas de leitura foi planejada para seguir a estratégia em todas as atividades de leitura, da seguinte forma: distribuímos os textos, lemos na forma de leitura compartilhada, depois, os estudantes foram estimulados a extrair sentidos dos poemas ora lidos e a socializarem suas impressões, entendimento e sensações com perguntas estimuladoras da professora e da folha de atividade.

Rildo Cosson (2014) recomenda fortemente a utilização de rodas de leitura, as quais, segundo ele, “[...] estreita os laços sociais, reforça identidades e a solidariedade entre as pessoas”. E mais que isso, “os círculos de leitura possuem um caráter formativo”. (IBIDEM, p. 139).

Vale ressaltar que os aspectos formais/estruturais do gênero textual poema foram frequentemente trabalhados nas aulas, pois, pretendíamos que os alunos produzissem futuramente seus próprios poemas. Por isso, trabalhamos nas atividades de leitura a interpretação os aspectos poéticos dos textos, também seus aspectos formais, tais como, versos, estrofes, rimas, forma, etc.

Após a roda de leitura e socialização oral das impressões dos alunos sobre os textos lidos, solicitávamos que escrevessem o que havia sido discutido, para fins de registro. Essa parte do registro escrito, geralmente, era morosa, pois os discentes, naturalmente, tinham mais dificuldades em expor no papel o que pensavam do que em compartilhar seus pensamentos, oralmente. Mesmo assim, nem todos os alunos participavam oralmente das discussões, por mais que fossem instigados. Por isso, a opção de escrita como forma de expressão, também era bem-vinda, uma vez que alguns alunos não conseguiram se expressar na forma oral.

Os textos poéticos oferecidos aos alunos foram impressos em papel A4 colorido. Muitas cores foram usadas, sempre na tentativa de chamar a atenção visual aos textos.

c) Comparação entre poema e letra de música:

A ideia de trazer poemas musicados e letras de música para a sala e fazer a comparação entre eles foi não só mostrar a origem histórica comum entre poesia e música (uma vez que os poemas – trovas ou cantigas – eram cantadas e tocadas, na época medieval, em instrumentos musicais, como a harpa e a flauta), como também fazer os alunos perceberem como a literatura, especialmente o poema, está inserida na sua própria realidade, muitas vezes em forma de músicas que ouvem, sem que percebam essa proximidade.

A estrutura rítmica e a disposição dos versos e estrofes são parecidas, portanto, a literatura não é algo distante. Dessa forma, acreditamos que por perceberem tal proximidade, isso os ajudou no processo de escrita, pois puderam tomar como referência estrutural as letras de músicas que gostavam. Notamos, ainda, que foi importante lembrá-los de que nem toda a música que ouvem contém poesia. Por isso, no nosso entendimento, a atividade de comparação entre as duas formas de arte foi válida.

Em todas as aulas, os dicionários eram dispostos na mesa da professora para fins de consulta de palavras desconhecidas.

d) Atividades em duplas ou em grupos:

Após as socializações da roda de leitura, os alunos registravam por escrito as discussões. Nessa etapa, faziam duplas ou pequenos grupos, dependendo do nível de dificuldade da tarefa. Além disso, nas atividades individuais, os alunos que terminavam sua

tarefa com antecedência eram convidados a ajudar os demais que tinham maior dificuldade de elaborar seus argumentos. Vimos o quanto o trabalho colaborativo, além de agilizar a aula, cria um ambiente interativo em que há trocas de conhecimento, e por isso, aprende-se mais.

CAPÍTULO III

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos e analisamos as atividades desenvolvidas durante a aplicação do projeto “Produção de leitura de poemas e de fotografia: a cidade vista pelo olhar estético do aluno”. O trabalho realizado em sala de aula visou à formação de leitores por meio do letramento literário, a partir de atividades com leitura de poemas e de imagens fotográficas.

Esse capítulo foi dividido em três partes, para maior compreensão. A primeira parte “Reflexões didáticas sobre a aprendizagem dos alunos por meio de poemas musicados e letras de música” compreende o trabalho com os aspectos poéticos e estruturais do gênero poema, e ainda, a abordagem da temática “a cidade” em variados poemas. A segunda parte “Leitura de imagens: reflexões sobre os dados aplicados e coletados” aborda a leitura de imagens realizada por meio das fotografias de Sebastião Salgado e a consequente escrita de textos poéticos pelos alunos. E, por último, a parte “Como as atividades de fotografia e o tema “cidade” contribuíram para motivar a escrita de poemas” analisa a atividade de reflexão sobre a cidade, o passeio fotográfico e as produções escritas dos alunos.

3.1 Leitura de poemas - reflexões didáticas sobre a aprendizagem dos alunos por meio de poemas musicados e letras de música

3.1.1 Primeiro contato

Apresentamos o projeto à turma do sétimo ano “A” discorrendo como seriam realizadas as etapas do projeto. Vimos alguns olhos brilhando quando mencionamos as atividades com fotografia. Mas, para as atividades de leitura e escrita não se mostraram muito animados, dada a rotina escolar com essas atividades.

Em nossa primeira roda de leitura, perguntamos aos alunos sobre o seu conhecimento de poesia, se gostavam, se liam frequentemente ou apenas na escola, se conheciam quadrinhas ou cantigas de roda e quais conheciam. No primeiro momento, permaneceram em silêncio, depois, alguém disse que só lia quando o professor pedia, outro aluno argumentou que só lia

na escola porque em casa não tinha livros de poemas. Indagamos, então, quais poemas conheciam e, novamente houve silêncio, então sugerimos uma cantiga de roda, “Se essa rua fosse minha...”, para exemplificar. A partir disso, foram relembando outras cantigas de roda e quadrinhas das suas infâncias. Havia quem cantasse algumas: “a canoa virou...”, “o cravo brigou com a rosa...”, “batatinha quando nasce...”. Uma aluna, impaciente com a cantoria, falou, energicamente: “música de criancinha, você é criança agora?”. Logo, aproveitamos para dizer que tais cantigas fazem parte da literatura popular oral e que desde a primeira infância temos contato com ela.

A literatura não é algo que só se aprende na escola. Ela fez parte das nossas infâncias e está presente no cotidiano, muito mais do que imaginamos. Exemplificamos, também, as letras de música, que podem, assim como uma propaganda ou crônica de jornal, conter poesia. Dessa forma, reiteramos que todos os textos trabalhados no projeto, incluindo as letras de música, são tratados como sendo textos poéticos. Uma vez que apresentam traços de poesia.

A próxima pergunta foi o que era poesia para eles. Pergunta de difícil resposta, mas alguns se arriscaram:

1. “eu acho... que poesia é... escrever um texto bonito”
2. “a professora de português pede pra escrever... ano passado pediu, e a senhora vai pedir também, né, professora?”

Vejamos que a definição de que poesia é um “texto bonito” parece ser tudo o que sabem sobre o que é poesia, também parece não saberem diferenciar esta do gênero poema. A segunda proposição nos deixou pensativos, até porque veio acompanhado de uma expressão facial de tédio, algo enfadonho, pois, sinalizou que o ato de escrever um poema na escola é uma atividade repetitiva. Pode significar, ainda, que a maneira que a literatura é trabalhada na escola não faz sentido para o aluno. É uma reflexão a ser feita.

Na continuidade da nossa conversa, aproveitamos para esclarecer a eles a distinção entre poesia e poema. Em termos simples, a poesia é o sublime, o belo, a inovação dos sentidos, o que emociona e transforma a visão sobre as coisas. Pode estar presente em qualquer lugar, seja numa folha caindo ou numa pintura, seja numa fotografia de um lixão ou num poema sobre a cor amarela. Já o poema é uma forma estruturada, com palavras e versos, onde a poesia se organiza.

A priori, o conceito de poesia, por ser abstrato, pode ser difícil para os estudantes entenderem. Por isso, esses conceitos foram rememorados em aulas posteriores.

Depois, propusemos a formação de uma roda de leitura e distribuimos aos alunos seis poemas impressos, em papel A4, colorido. A turma, organizada em círculo, fez a leitura de um

haicai de Paulo Leminski, seguido dos poemas: “Pescaria” - poema de versos livres de José Paulo Paes, “A casa” - conhecido poema musicado de Vinícius de Moraes, “Amor é uma fogo que arde sem se ver”, soneto de Luís Vaz de Camões, “Marmelo, o jacaré Banguelo”, cordel infantil de Mariane Bígio e, por último, “Pêndulo”, poema concreto de Ernesto Manuel de Melo e Castro⁸.

Perguntamos à turma quem gostaria de ler e alguns alunos se pronunciaram, alguns eram bem articulados, outros demonstravam certa dificuldade com a leitura e dicção, mas pareciam dispostos a superar suas dificuldades. Depois que os alunos terminavam as leituras, a professora declamava os poemas, para que fossem observando o ritmo e a rima dos poemas, bem como a importância da entonação adequada na leitura dos versos.

Quando oferecemos um poema para a criança ler, é importante fazê-la tomar contato com a concretude da palavra poética, isto é, primeiro se observa o trabalho com a palavra, sua sonoridade, seu ritmo e toda a musicalidade que o poema pode proporcionar. (GREGORIN Filho, 2009, p. 75).

Em seguida, começamos um diálogo sobre os textos, indagamos sobre qual poema cada um mais gostou e o porquê. Seguimos em todas as atividades de leitura as sugestões de Cosson (2012, p.26): “Não é possível aceitar que a simples atividade de leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária [...]”, é preciso “[...] ir além da simples leitura do texto literário quando se deseja promover o letramento literário.”. Desse modo, com perguntas norteadoras, os alunos foram levados à interpretação e análise dos textos lidos.

Os poemas que mais lhes chamaram a atenção foram: o haicai, por ser curto; o soneto, pelas rimas e pelo tema “amor”; e o campeão de votos - o cordel “Marmelo, o jacaré Banguelo”. Este poema possui onze estrofes de seis versos cada, contém uma bela e lúdica historinha de um jacaré que ajuda um amigo apaixonado numa missão de conquista da moça, mas no final, a moça se apaixona pelo jacaré Marmelo. A turma gostou tanto que pediu para repetir a leitura do cordel.

Acreditamos que a entonação e ritmo dado à leitura dos versos conferiu uma musicalidade agradável aos ouvidos, instigando o prazer pelos versos. Mas, acreditamos, ainda, que o que fez do poema um sucesso na turma foi o tom lúdico atribuído pela poetisa Mariane Bígio.

⁸ Os poemas citados nessa página estão em Anexo B, pp.121-122.

Texto 1: Fragmento do cordel “Marmelo, O Jacaré Banguelo!” – Mariane Bigio

Um rapaz muito sabido
De codinome Zezinho
Apaixonado arriou-se
Pela filha do vizinho
Pedi socorro ao amigo
Um belo jacarezinho

O jacaré em questão
Era doidinho por doce
Não gostava nem de carne
E adorava algodão-doce
E se visse um picolé
Virge maria, cabosse!

“Marmelo, meu caro amigo”
Disse ele ao jacaré
“Me ajude por favor
Conquistar essa muié
E se acaso eu conseguir
Eu te pago um picolé!”

Também era inofensivo
Pois não tinha um só dente
de tanto chupar confeito
sua boca ficou doente
Assim ele não mordia
nem animal e nem gente! [...]

Fonte: <<https://marianebigio.com/2014/07/28/marmelo-o-jacare-banguelo/>>

Conversamos ainda sobre rima e ritmo, versos e estrofes, exemplificando tais elementos nos poemas lidos. A exposição e explicação desses conceitos foram rememorados frequentemente a cada leitura que fazíamos dos textos, para fixação do conhecimento.

Observamos que a grande maioria dos discentes sabia identificar no texto as palavras rimadas, uma vez que já haviam estudado em anos letivos anteriores. Apenas alguns poucos alunos não conseguiam percebê-las, então em um exercício na lousa explicamos e exemplificamos com letras de músicas conhecidas pelos alunos.

Após a leitura e interpretação oral e coletiva dos textos, os alunos registraram por escrito suas impressões sobre os poemas, levando em conta o que foi debatido na roda de leitura. Mesmo já tendo analisado os poemas, essa etapa era sempre bastante morosa, já que a escrita demanda mais esforço cognitivo.

Durante o registro escrito das impressões sobre os textos lidos, ao dar o visto, também percebemos a escrita de cada um, algumas completamente ilegíveis. Pensamos em pedir um caderno de caligrafia para todos, mas não tínhamos tempo para acompanhar o desenvolvimento dessa atividade.

Além disso, percebemos que as distrações constantes e algumas conversas paralelas dificultava a dinâmica da aula, deixando-a mais lenta, pois tínhamos que repetir os comandos e explicações, constantemente.

A preocupação diante da morosidade do andamento das aulas, fez-nos desenvolver algumas estratégias a fim de ajudar os alunos com dificuldade e agilizar as aulas. Algumas atividades foram realizadas em dupla ou trio. Em outras, os alunos que terminavam suas atividades mais cedo, eram instigados a ajudar um dos colegas com dificuldade. Éramos solicitadas constantemente a ajudar na escrita, mas como havia muitas solicitações, a ajuda de

outros alunos foi bem-vinda. Testemunhamos que, muitas vezes, a interação e a cooperação entre os estudantes, durante as atividades em sala, podem favorecer a aprendizagem mútua. Mesmo assim, alguns poucos alunos, conscientemente, dispersavam-se e não terminavam a atividade, por mais tempo que lhes desse. De todo modo, concluímos que a atividade foi prazerosa e produtiva para os estudantes, como comprovam os enunciados transcritos, abaixo, escolhidos aleatoriamente:

Textos 2, 3, 4, 5 e 6: reações dos alunos acerca dos textos lidos.

Eu gostei do texto Marimão, o jacaré banguela quando o Marimão abriu a boca e a Mara se apaixonou por ele, porque ele foi engraçado.

Eu gostei do poema "Amar é um fogo que arde sem se ver" porque tem rimas e é engraçado e faz de amor.

Eu achei legal e o texto que eu achei mais legal foi Marimão, o jacaré banguela me chamou a atenção que o texto se chama muito esperto mas a mãe não acreditou nele e ela se casou com o jacaré banguela.

Eu gostei do poema "Amar é um fogo que arde sem se ver".
Por que: Ele é muito interessante.
Tem várias rimas.

Eu tenho impressões muito engraçadas, eu achei os textos muito legal e engraçados, as rimas que me chamou mais atenção.
Eu gostei do texto: Marimão o jacaré banguela, porque tem muitas rimas engraçadas e muito divertido.

3.1.2 Os sentidos do texto - poemas musicados e letras de música

Nas aulas seguintes, a turma ganhou mais um integrante, passando a um total de 35 alunos. Damos continuidade às rodas de leitura, trabalhamos a proximidade entre poesia e música. Levamos para a sala de aula um aparelho de som e ouvimos, a princípio, um poema musicado infantil "O pato", de Vinícius de Moraes e a música "Aquarela"⁹, do compositor Toquinho. Todos acompanharam e alguns cantaram com suas fotocópias das letras em mãos.

⁹ Os textos citados nesta página estão em Anexo B, p.129.

O primeiro texto todos conheciam, mas o segundo, apenas metade da turma já tinha ouvido. Após ouvir e cantar, falamos brevemente sobre a origem histórica comum entre o poema e a música e que, na Era Medieval, os poemas eram chamados de trovas ou cantigas, eram cantados e tocados em instrumentos, como a harpa e a flauta.

Depois, os alunos foram levados a lerem os textos, silenciosamente, e foram indagados sobre o que tratava cada texto. Sobre o texto “O pato”, que já conheciam, falaram do pato “bagunceiro” que, de tanto aprontar, foi para a panela. No segundo texto “Aquarela”, percebemos que houve, a princípio, certa dificuldade em entender a metáfora do texto, o que pode ser natural na primeira leitura. Alguns disseram que a letra de música era a descrição de vários desenhos num papel. Por isso, lemos, novamente, buscando avançar e sair do primeiro nível de leitura, até que uma aluna falou que se tratava “da vida, do futuro”. Vimos, assim, que uma segunda ou terceira leitura se faz necessária para o surgimento das possibilidades de sentidos atribuídos ao texto. Logo, ao chegarmos à última estrofe, foram indagados do significado da expressão recorrente “Que descolorirá”. Pensaram mais um pouco até que um aluno, disse com certa insegurança, que achava “que era a vida se apagando... no final”. Outro o interrompeu dizendo que era mesmo “o fim, a morte” e que “um dia todos vão morrer”. Porém, outra aluna ponderou que talvez tal expressão não fosse a morte, o fim da vida, mas, talvez, “o fim de um sonho que não se realizou”. Segundo ela, uma pessoa tem vários sonhos na vida e “colore” os sonhos pensando ser fácil realizá-los, “mas não é”. Achamos bastante interessante as observações da aluna. Outros entraram na discussão dizendo seus pontos de vista.

Para Pinheiro (1995, p.61), é importante “Privilegiar o debate, sobretudo, por ser um instrumento democrático, por ser um momento de todos revelarem, se quiserem, seus pontos de vista, suas discordâncias, certos de que não estão sendo avaliados”. Obviamente, que um tomava o turno de fala do outro e, por vezes, tivemos que interromper a aula e reforçar atitudes de respeito com a fala do outro. Reiteramos que é importante se expressar, falar, mas, também é importante ouvir.

Na continuidade da aula, uma aluna disse: “Mas, a música começa alegre e acaba triste”. Pedimos para que ela explicasse. “Ela fala sobre a vida mesmo, a vida toda”. Ela explicou que a letra da música trata desde a infância feliz até o fim da vida. E que por isso ela iniciava feliz e terminava triste. Outros contribuíram com a fala dela, mostrando no texto suas afirmações.

Vejamos que os níveis de leitura somente são alcançados quando há releitura e consequente reflexão acerca do texto. Os sentidos, muitas vezes, não estão explícitos, deve-se

buscá-los com determinação. Vimos que os estudantes, em sua maioria, não gostam e não têm o hábito de repetir a leitura de um texto. Sempre resistem a isso, fazem expressões de tédio e cansaço. No entanto, sempre há um grupo deles que se sentem curiosos em avançar e saber dos demais sentidos.

Textos 7 e 8: reações dos alunos acerca dos textos lidos

Sim, interessante é a aguarela que é uma música de ritmo

na verdade eu gostei da aguarela por que as letras são da minha infância

Na sequência da nossa conversa, pedimos que encontrassem as semelhanças entre poema e música. Citaram muitas semelhanças, tais como, as rimas, aliás, estas foram facilmente identificadas por eles, nos dois textos, souberam identificar, exatamente, quais os pares de palavras que rimavam entre si. Questionamos, então, qual era a função das rimas no poema ou na música e souberam, novamente, responder com propriedade, como disse um dos alunos: “pra dar ritmo... bom pros ouvidos”. Mencionaram, ainda, a semelhança quanto à forma, como a disposição em versos e estrofes. Ainda relembramos a origem histórica comum entre poema e música, estudado em aulas anteriores.

Para reflexão sobre os aspectos poéticos presentes nos textos, fizemos, em seguida, perguntas norteadoras para discussão: O que demonstra poesia nos textos lidos, além do que já falamos? Onde está a poesia nesses textos? Por que esses textos são considerados poéticos? O que os diferencia de outro, como a receita ou notícia de jornal? Perguntas feitas, estabeleceu-se o silêncio. Entendemos não ser fácil respondê-las. A intenção era fazê-los pensar, mesmo que não conseguissem respostas. Perguntamos, então, de forma mais direcionada, sobre a escolha das palavras, feita pelo autor. Por que essas palavras? Que sentidos possíveis elas remetem? E o sentido figurado? E as metáforas?

Percebemos que os alunos tiveram dificuldade de se expressar acerca do texto. Talvez, pelo fato de não compreenderem conceitos de metáfora, conotação e denotação, muito presente em poemas. Sendo assim, fez-se necessário interromper temporariamente essa atividade e sanar as dificuldades, com explicações, conceitos e exemplos. Trouxemos, então, para a aula dois textos que exemplificariam tais conceitos.

3.1.3 Sentido figurado e a metáfora

Trabalhamos conceitos de sentido figurado e algumas figuras de linguagem, como pré-requisito para as próximas atividades que teríamos dali em diante. Após essa explanação, voltaríamos à interpretação dos textos “O pato” e “Aquarela”. Como são muitas as figuras de linguagem existentes, não nos aprofundamos nesse conteúdo, apenas nos atemos às ocorrências comuns nos textos poéticos, tais como a metáfora, a aliteração, metonímia. Assim, seguiremos a sugestão de Pinheiro (1995, P. 64) quando diz que “(...) é inadequado querer encher alunos de teorias do verso, de figuras de linguagens. Essas coisas podem e devem ser mostradas no texto quando assumirem um significado expressivo, sem a qual a assimilação do texto ficaria comprometida.”.

A ênfase foi dada às palavras e expressões com sentido figurado/conotativo, bastante frequente em poemas. Para tanto, lemos dois textos como exemplo: uma receita comum de bolo e o poema “Receita de ano novo”¹⁰, de Carlos Drummond de Andrade. Questionamos os alunos acerca das semelhanças e diferenças entre os dois textos. Pelas respostas eles entenderam que os dois textos tratavam-se de uma receita, mas que eram diferentes. Mas não sabiam enumerar as diferenças entre eles.

A fim de embasar as ponderações compartilhadas na roda de leitura, partimos, então, para os conceitos de denotação e conotação. As diferenças entre o sentido literal - básico, usual - e o sentido figurado - ampliado ou alterado das palavras e expressões no contexto em que são empregadas, sugerindo ideias que vão além de seu sentido principal. Dito isso, dispomos vários exemplos de expressões idiomáticas comuns, no quadro negro, e voltamos aos textos para esclarecimento das dúvidas.

Na comparação entre a receita de bolo (predominantemente em sentido literal) e a “Receita de ano novo”, de Drummond (predominantemente em sentido figurado/metafórico, e até, intertextual) os alunos puderam apreender que as palavras são mutáveis e podem ganhar novos sentidos, além do usual, dicionarizado. Podemos dizer que o poema “Receita de ano novo” é uma metáfora, na sua totalidade. Uma metáfora da receita de bolo, ao propor uma prescrição de como ter um ano verdadeiramente inovador. No entanto, a genialidade do texto está em ser uma receita (passo-a-passo, guia, roteiro), e ainda assim, em suas linhas, sugerir ao leitor a mudança, a inovação, para que este faça seu próximo ano ser original, autêntico, distinto dos demais: “Para ganhar um Ano Novo/que mereça este nome,/você, meu caro,/tem

¹⁰Em Anexo p.123.

que merecê-lo,/tem que fazê-lo novo, eu sei que não é fácil/mas tente, experimente, consciente./É dentro de você que o Ano Novo/cochila e espera desde sempre.”.

A palavra “receita”, no poema, ganhou novo significado, pois deslocou-se do seu sentido usual e foi usada para um outro propósito. E isso os alunos entenderam com facilidade. Assim, a aula decorreu com a participação de vários alunos, cada qual com seus comentários sobre o texto, e consolidamos o conceito de metáfora para a turma.

Como exercício de fixação, retomamos textos lidos na primeira aula a fim de que os alunos encontrassem neles palavras no sentido figurado ou metáforas. O poema “Pescaria”, de José Paulo Paes, foi o texto mais citado. Encontraram expressões como “cabeça cheia de minhocas”, “cabeça leve como um balão”. O aluno que citou a primeira expressão, ao ser instigado, explicou que “minhocas na cabeça” era “preocupações”, outro aluno já disse que “minhocas” era “bobagens, pensamentos bobos”. Outros colegas acompanharam a discussão, que foi bastante produtiva, visto que percebíamos, ali, o aprendizado acontecendo.

A segunda expressão também foi bem argumentada pelos estudantes:

1. “como ele foi pescar, a cabeça dele estava sem problemas... da vida [...]”
2. “ele só pensava em pegar os peixes e mais nada. Acabou o estresse. Quando eu pesco com minha avó é assim também [...]”

Diante do sucesso da atividade, concluímos reforçando para a turma, que o poeta usa as palavras e locuções em sentido figurado, no seu texto poético, para conferir um significado específico, um novo sentido para o que foi escrito. Dessa forma, as palavras não tem sentido fixo e podem adquirir múltiplos significados quando elas se deslocam do seu sentido usual, as possibilidades de novos sentidos para elas são infinitas. O poema, assim trabalhado, torna-se uma obra de arte aos olhos de quem o lê e atrai a quem se permite o prazer da leitura.

Nota-se que tais conhecimentos, importantes para que entendam o funcionamento da poesia, não serão solidificados com apenas uma atividade, é provável que tenha alunos, que não se manifestaram porque não compreendeu bem o que foi passado. Por esse motivo, todos os conceitos trabalhados durante as aulas, eram lembrados nas aulas posteriores, por meio de perguntas feitas pela professora.

Além disso, a noção de poesia, tratada como o belo, o sublime, o simples que significa, que causa emoção, estranheza é bastante abstrata para alunos dessa idade. O uso criativo das palavras, a arte de escrever de forma a causar emoções é a poesia. Tentamos explicar da maneira mais clara possível, sempre afirmando que a poesia pode estar presente em todo lugar. Porém, percebemos que a noção de sentido figurado e metáfora já se faziam consolidados em alguns alunos que conseguiram captar o que foi explicado, ou já haviam

aprendido nos anos anteriores. Por isso, na exemplificação de poesia, fizemos a associação com palavras e expressões no sentido figurado/conotativo para que pudessem entender melhor um conceito tão complexo.

Após a aula de explicações e exemplificações acerca de sentido figurado, voltamos à análise da letra de música “Aquarela”, de onde paramos. Perguntamos novamente, sobre a escolha das palavras feita pelo autor. Por que essas palavras? Que sentidos possíveis elas remetem? E o sentido figurado? E as metáforas?

Dentre as poucas observações que surgiram, destacamos essas:

1. “muitas palavras bonitas ele usou... castelo, que rima com amarelo... pinguinho de tinta... avião rosa e grená...”
2. “beijo azul... o futuro é uma astronave”

Essas observações dos alunos referem-se à música “Aquarela”, que assim como o poema “Receita de ano novo”, já citado, é uma metáfora em sua unidade textual. Nesse caso, uma metáfora da vida. Por esse motivo, deslocar palavras conotativas da letra de música, fica difícil para os alunos, pois toda ela é um arranjo conotativo complexo. Mesmo assim, conseguiram retirar expressões conotativas bastante interessantes, que nos levaram a concluir que, para esses alunos, um poema é feito de palavras criativas, selecionadas pelo autor (“palavras bonitas”) e que as expressões conotativas, como as metáforas, dão sentidos outros aos versos do poema ou da música. Ao final da atividade, também percebemos que os alunos gostaram bastante da música. Ficamos muito satisfeitas com esse avanço.

No entanto, dos dois textos poéticos trabalhados - “O pato” e “Aquarela” - foi o poema musicado infantil “O pato” o mais comentado por eles, talvez por ser mais simples – mas, também encantador - que a música. Expressões de sentido figurado, como: “Pintou o caneco” e “criou um galo” surgiram entre as falas. Sabiam, exatamente, que “pintar o caneco” significava que o pato era dado à indisciplina, e que “galo”, na expressão citada, indicava que o pato havia se ferido.

Aproveitamos para perguntar se o poeta tivesse escolhido, ao invés dessas expressões conotativas, usar as palavras no seu sentido literal. Como ficaria o poema? E fizemos uma brincadeira de substituir as palavras conotativas pelas denotativas no texto. Eles acharam engraçado, pois ficou bem diferente. Mas, concordaram que “não ficou bonito”. Ainda mais no último verso que diz que o pato “foi pra panela”, que no sentido literal ficou “morreu”. Essa breve atividade foi bem divertida, riram muito, mas entenderam que o poeta faz escolhas no vocábulo que tornam seu texto poético e único. A turma estava de parabéns! Destacamos que mesmo os poucos alunos que estavam alheios ao processo de descoberta dos significados

do texto, gostaram das duas músicas, em especial a “Aquarela”, na qual perceberam a beleza das palavras selecionadas pelo autor.

Textos 9, 10, 11, 12, 13 e 14: palavras e expressões em sentido conotativo encontradas nos poemas lidos:

“Pintou o caneco”, “Grisou um galo”, praticamente a metade do texto.

“Grisou um galo”: “De Jorou um uma chucado

“(Pintou o caneco)” “(Grisou um galo!!)

aos textos?
 “Com minhocas na coleção”, “que sou colega
 ficou nele escrevo um livro”, “amor e um
 fogo que arde sem ser”.

“minhocas na coleção” “sou colega
 colega leu como a história

fogo, ferida, doratima

Textos 15 e 16: respostas sobre as semelhanças entre poema e música:

A música e o poema tem semelhança por que
 tem rimas, estrofes, estrofe etc.

umas, estrofes, versos, ritmos
 a forma de expressar
 poema: declamado, recitado
 música: cantado

a) Um caso a ser mencionado

Convém mencionar algumas respostas à pergunta que fizemos ao final dessa atividade:

“Agora que você já estudou os aspectos poéticos presentes no poema e na letra de música,

converse com seus colegas sobre músicas que vocês conheçam e que considerem haver poesia, como vimos nos textos analisados. Anotem, para depois socializar”. Diante dessa pergunta, os discentes escreveram as músicas que lembraram. Duas anotações curiosas nos surpreenderam. Uma aluna anotou as músicas “Vai embrazando”, de Mc Zaac & Mc. Vigary e “Acordando o prédio”, de Luan Santana¹¹. Escreveu apenas os nomes das músicas e um breve trecho.

Em casa, pesquisamos em *sites* especializados, na Internet, tais letras de música, pois não as conhecíamos. A primeira letra retratava uma festa particular regada a álcool. Termos sensuais, tais como, “pega a catuaba”, “depois de uns corte, ela ficou animada”, “já pode ficar pelada”, “tu tem cara de safada” eram comuns na letra da música repetitiva. A segunda música citada pela aluna “Acordando o prédio” exibia contexto parecido: um casal, na madrugada, “acordando o prédio” todo, assim como retrata o título autoexplicativo. Frases como, “será que tem como a moça gritar baixinho?”, “vamo acordar esse prédio”, “a gente faz amor gostoso” são repetidos insistentemente na letra da música. Ficamos na dúvida se a aluna havia entendido o enunciado da atividade, pois suas referências de poesia não condiziam com o que foi estudado nas aulas. Possivelmente, anotou músicas que gosta e ouve com frequência no seu ambiente familiar ou com amigos. Sentimos o quanto que a escola, assim como a família, tem um papel imprescindível na construção cultural dos seus alunos. Dentre outras competências, a missão de introduzir diferentes tipos de textos, de qualidade, para que, assim, o repertório cultural dos estudantes seja expandido. Muitas vezes, a escola é a única fonte de que essas crianças dispõem para ampliar esse conhecimento.

Felizmente, houve outra aluna que anotou belas músicas carregadas de poesia. Uma delas foi “Felicidade”, de Lupicínio Rodrigues¹². A primeira gravação da música data 1947. Ao longo do tempo, foi regravaada por diversos outros cantores, e por último, virou trilha sonora de novela infantil do canal televisivo SBT. Possivelmente, a aluna teve contato com essa música por meio da novela. A letra da música fala de saudade e é altamente poética, a aluna soube perceber isso. Outra música citada por ela foi a música infantil “Todo Mundo Deve Ser Mais Criança”, de Lucinha Lins¹³. Tocada na novela juvenil “Chiquititas”, de onde, provavelmente a aluna ouviu. A música trata, poeticamente, das brincadeiras da infância e é tão leve quanto a música “Dançando”¹⁴, de Agridoce, também, citada por ela. A música é interpretada pela cantora Pitty, bastante conhecida dos alunos. Enfim, pelo repertório musical

¹¹ Em Anexo p.134.

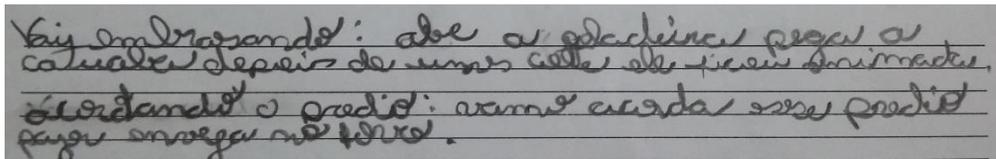
¹² Em Anexo p.133.

¹³ Em Anexo p.133.

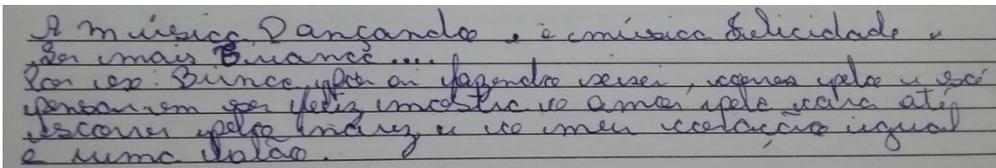
¹⁴ Em Anexo p.132.

escolhido pela aluna, notemos que ela possui noções consistentes do que seja um texto poético. Possivelmente esse conhecimento literário dela, seja anterior às nossas aulas. Mesmo assim, acreditamos que o estudo dos poemas e músicas na sala de aula contribuiu para a consolidação desse conhecimento. O que nos deixa felizes.

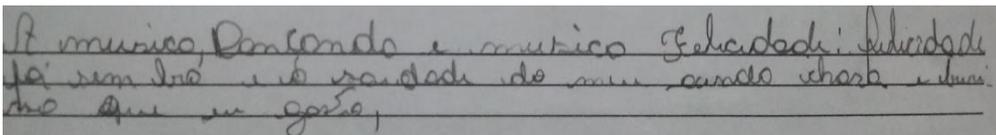
Textos: 17, 18 e 19: respostas da atividade sobre músicas que os alunos conhecem e que considerem haver poesia:



Vai em brincando: abe a polcheira pegu a coluade depois de umas cete de piceu brimade.
Giordano o padre: axome euada seu padre pagu anega no furo.



A musica Dançando e a musica Felicidade e em uma dança...
Por ex. Dance para o fagote seise, agnes pelo u do pensar em ser feliz imetric se amem pelo ucha atig escoveu pelo inary e se imen uctancia igual e uma balao.



A musica Dançando e musica Felicidade: Felicidade de la sem loe e a uidade de meu amdo choso e uma mo que se gote,

3.1.4 A imagem dentro do texto – explorando a temática “cidade”.

Na continuidade das atividades com poemas musicados e letras de música, trouxemos duas músicas sobre o tema cidade, temática do projeto. Distribuímos as fotocópias com a letra e ouvimos as músicas “A cidade”, de Chico Science & Nação Zumbi e “Cidadão”, de Lúcio Barbosa & Zé Geraldo¹⁵. Os alunos não conheciam nenhuma das duas músicas. Ambas trazem muitas imagens exclusivas de centros urbanos. Além disso, são carregadas de crítica às injustiças sociais, comuns nas grandes metrópoles. Por isso foram escolhidas.

Esta atividade foi direcionada de forma a introduzir a temática do projeto. Julgamos ser importante, uma vez que os estudantes iriam, na etapa final, elaborar um poema sobre a cidade de Primavera do Leste. Para isso, direcionamos a discussão com apenas duas perguntas norteadoras. Após ouvirmos as músicas, perguntamos aos discentes: Quais imagens de cidade são retratadas nas letras das músicas? Responderam com facilidade: “pessoas”, “mendigos”,

¹⁵ As letras das músicas “A cidade”, de Chico Science & Nação Zumbi e “Cidadão”, de Lúcio Barbosa & Zé Geraldo encontram-se anexas na página pp.130-131.

“automóveis, motos e metrô”, “edifício”, “trabalhadores”, “policiais”.

A segunda pergunta foi mais complexa: Quais críticas sociais podemos perceber nos textos? Para facilitar, fizemos nova leitura, já procurando palavras que denotassem tais críticas à cidade. Na música “A cidade”, alguns alunos encontraram termos interessantes que denotavam crítica social: “centro das ambições”, “sempre uns com mais e outros com menos”, “o de cima sobe e o de baixo desce”. Mas, o texto que mais lhes chamou a atenção foi a música “Cidadão”, cuja letra retrata um pedreiro que ajudou a construir prédios importantes na cidade, como edifícios colégios e igrejas, mas que depois de pronto, por ser pobre, não pode entrar, apenas na igreja. Os alunos perceberam a injustiça e alguns ficaram indignados com a história do pedreiro, especialmente, na estrofe em que sua filha é impedida de entrar na escola porque está descalça.

Vimos que, ao se colocar na situação do outro, tal fato provocou em alguns alunos o senso de justiça capaz de causar reflexão acerca de valores e padrões morais do comportamento social. Segundo Paulino e Cosson (2009, p. 61), “É assim que a literatura permite que o sujeito viva o outro na linguagem, incorpore a experiência do outro pela palavra tornando-se um espaço privilegiado de construção de sua identidade e de sua comunidade” (PAULINO; COSSON, p. 69. In: ZILBERMAN; RÖSING, 2009).

Aproveitamos e provocamos a turma acerca das injustiças sociais existentes na nossa cidade, a fim de ampliar a incorporação da “experiência do outro pela palavra”, como nos afirma os autores:

A experiência da literatura amplia e fortalece esse processo ao oferecer múltiplas possibilidades de ser o outro sendo nós mesmos, proporcionando mecanismos de ordenamento e reordenamento do mundo de uma maneira tão e, às vezes, até mais intensa do que o vivido. (PAULINO; COSSON, p. 70. In: ZILBERMAN; RÖSING, 2009)

Esse processo de identificação como o outro literário proporciona a experiência estética, esta capaz de trazer reflexão e transformação da visão de mundo do leitor. Deixamos a conversa fluir de forma que foi uma longa e proveitosa socialização de pontos de vista. Falaram dos moradores de rua presentes nas praças e na frente dos bancos, pedindo dinheiro; citaram a situação dos índios da reserva quando vêm à cidade; e até alegaram terem presenciado discriminação com pessoas da família que são pobres. De fato, há muitas situações de injustiça social na cidade. Esta cresceu economicamente e em número de habitantes, mas as mazelas existem, e os alunos expuseram várias delas em suas falas. Como cada um defende o seu ponto de vista, e outros discordam, ouve momentos em que os ânimos

ficavam exaltados e alguns não respeitavam o turno de fala do outro, ou falavam gritando na tentativa de impor seu discurso. Fizemos as devidas interferências, sempre chamando a atenção para o respeito com o colega. Que opiniões divergentes não precisam gerar inimigos. Parece que entenderam. De todo modo, é preciso que esse tipo de troca de opiniões seja bem-vindo na sala de aula, mesmo que gere polêmica e que a aula pareça, por hora, caótica. O professor não precisa controlar tudo o tempo todo e seguir, mecanicamente, os tradicionais e tediosos roteiros de aula. Mas, ter o bom senso de deixar fluir a aula quando isso se faz necessário. Conhecer os alunos e ouvi-los, deixando-os na posição de protagonistas, colocando-os para pensar e se expressar. Avaliamos positivamente as atividades dessa etapa.

Texto 20, 21 e 22: expressões conotativas encontradas nas letras de músicas:

"pedreiros suicidas", "escolheiros", "em liberdade", "raiz de lama",
enfrentar o mundo "ficar sozinho"

Pedreiros suicidas, A cidade se encontra prostituída

na 1ª - "pedreiros suicidas", "tudo bem em um momento",
"o ciclo e sua importância além das coisas". E em
"raiz de lama, enfrentar o mundo".

Texto 23: reação sobre a música "Cidadão", de Lúcio Barbosa e Zé Geraldo:

um caso trabalhado sem direitos.

3.1.5 Os sentidos do texto – a intertextualidade

Recordamos que as aulas alternaram-se entre atividades com poemas e atividades com imagens (fotografias), de forma que, esta atividade, a visita do poeta e os exercícios de recitação foram realizados após as atividades de leitura de fotografias de Sebastião Salgado, constantes na subseção 3.2.2.

Nessa aula, desenvolvemos a atividade acerca de um recurso usual em textos,

inclusive, na poesia: a intertextualidade. Os alunos já haviam estudado diversos aspectos formais e poéticos do poema, tais como, versos, estrofes, rima, ritmo, seleção vocabular, figuras de linguagem, sentidos. Agora, iríamos um pouco mais longe, num assunto que eles, muito possivelmente, não conheciam. Distribuimos dois textos: “Cidadezinha qualquer”, de Carlos Drummond de Andrade e “Cidadezinha”, de Edson Gabriel Garcia¹⁶. O segundo mantém relação de intertextualidade com o primeiro. Dois alunos leram os textos para todos e iniciamos as perguntas norteadoras: O que os textos abordam? Quais semelhanças e diferenças há entre os textos? Há diferenças de sentido? Quais? Alguns alunos responderam:

1. “Os dois falam a mesma coisa, só que de formas diferentes”
2. “Um fala da cidade pequena, parada, e outro da cidade grande, muito movimento...”
3. “Muito interessante. Eles falam da rotina. E o texto dois copia o texto 1”

Notamos que os alunos observaram que ambos os textos tratam do mesmo assunto, a rotina de uma cidade, e o texto dois “copia” o texto um. Um deles observou que essas cidades são diferentes, sendo uma, interiorana, e outra, metrópole, o que faz sentido. Cada um foi dando sua resposta, embora, incompleta. Explicamos, brevemente, que quando um texto possui elementos que recorda outros textos, ocorre intertextualidade. Para que entendessem melhor, perguntamos se sabiam o que era paródia? Se conheciam alguma? Sinalizaram positivamente e deram exemplos de músicas conhecidas parodiadas pelos humoristas *youtubers* Whindersson Nunes, Kéfera e Tirullipa, muito conhecidos do público adolescente. Alguém exemplificou os *memes*¹⁷, o que nos deixou intrigados, pois sabemos que há o fator intertextual na reprodução deles. Pareceu-nos que com essa associação simples, os aprendizes captaram o feito de intertextualidade.

Para consolidação do conhecimento, passamos mais dois exemplos de textos que mantém relação intertextual entre si. Um deles é o conhecido “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade, que inspira os poemas “Até o fim”, de Chico Buarque de Holanda e “Com licença poética”, de Adélia Prado¹⁸, onde os últimos representam releituras do primeiro texto. Ainda, lemos o poema “Paraíso”¹⁹, de José Paulo Paes que faz referência à cantiga popular “Se esta rua fosse minha”. Os discentes não apresentaram dificuldade em perceber as nuances intertextuais presentes nesses poemas.

¹⁶ Os textos “Cidadezinha qualquer”, de Carlos Drummond de Andrade e “Cidadezinha”, de Edson Gabriel Garcia encontram-se anexos na página 125.

¹⁷ Segundo o dicionário *on-line* Priberam, *Meme* é “Imagem, informação ou ideia que se espalha rapidamente através da internet, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração humorística ou satírica de uma imagem.”. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/meme>. Acesso em 23 de junho de 2017.

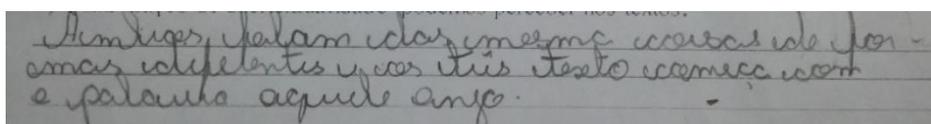
¹⁸ Poemas anexos na p.126.

¹⁹ Em anexo p.132.

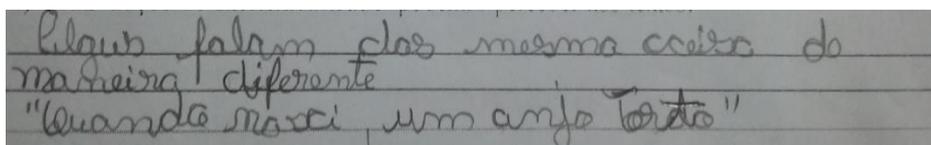
Ao final da atividade de leitura, propusemos uma produção textual poética que fizesse referência a outro texto conhecido. Era a hora de aplicar os conhecimentos adquiridos, mas a atividade trazia certo grau de dificuldade que nem todos conseguiram transpor. A fim de facilitar a escrita, distribuimos os poemas: “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade; “Fadas e bruxas”, de Roseana Murray; “Ou isto ou aquilo”, de Cecília Meireles; e “Cadê”, de José Paulo Paes²⁰. Escolhemos esses poemas por serem infantojuvenis e por apresentarem anáfora, uma figura de linguagem que se caracteriza pela repetição de uma palavra ou várias no início dos versos. Dessa forma, acreditamos, facilitaria o processo de escrita. O aluno escolheria um dos poemas como texto de referência ao seu poema.

A maioria apresentou bastante dificuldade e não conseguiam iniciar a escrita. Compreensível, pois, embora já soubessem o que era intertextualidade, escrever um poema que faz referência a outro texto é bastante difícil, pois depende de outros fatores extratextuais. Obviamente, nós não esperávamos uma produção textual primorosa, mas que a atividade fosse um exercício de compreensão de como um texto pode ser constituído. Que a paródia - uma forma bem-humorada ou sarcástica de intertextualidade - é uma das opções de constituição de um texto. Vários alunos não conseguiram nem mesmo fazer um esboço de um poema, porém, observamos que eles entenderam o funcionamento intertextual dentro do poema. Com a ajuda da professora, surgiram algumas produções interessantes, as quais analisamos na subseção 3.3.3.

Textos 24 e 25: impressões dos alunos sobre Intertextualidade:



Amigos falam das mesmas coisas de forma diferente e usam este texto como referência e falam aquilo ao longo



Alguns falam das mesma coisa de maneira diferente
"Quando nasce um anjo torto"

²⁰ Em Anexo p. 125, exceto “Cadê?” que está na página 132.

3.1.6 Recitação e a visita do poeta

Nas aulas seguintes, desenvolvemos as habilidades de leitura e recitação de poemas. Relembramos aos alunos a importância dessa aula, uma vez que iriam recitar seus poemas num evento da escola. A maioria não gostou da ideia, pois há o medo de se expor. Então, convidamos o poeta local, Luiz Antônio Freitas, para falar com os aprendizes sobre poesia e recitação. Os alunos estavam ansiosos para conhecê-lo, haja vista que desde o início do ano letivo falávamos da sua visita (como também, da fotógrafa que visitou a turma, posteriormente) a fim de criar boas expectativas. Ele ministrou uma aula sobre o tema poesia, leu alguns poemas, discorreu acerca do processo de criação, da seleção de palavras na feitura de um poema, do sentido conotativo das palavras. Além disso, enfatizou sobre os pré-requisitos necessários à recitação de poemas: postura, impostação de voz, emoção e expressões corporais. Ele fazia várias perguntas à medida que discorria o assunto, mantendo, assim, os alunos atentos. A aula foi bastante produtiva e os alunos gostaram, de tal forma que pediram para tirar *selfie* com ele e perguntavam sobre suas redes sociais.

Figuras 1 e 2: Visita do poeta primaverense à turma



Fonte: Arquivo pessoal

Com a finalidade de fechar com “chave de ouro” essa etapa sobre recitação de poemas, escolhemos diversos poemas para apreciação e exercício para a futura recitação em vídeo. Começamos com dois belos poemas: “Convite”, de José Paulo Paes e “Tem tudo a ver”, de Elias José²¹. Ambos tratam da definição de poesia. São altamente poéticos, e mais que isso, são metalinguísticos e didáticos ao mesmo tempo, fazendo, assim, o aluno compreender o

²¹ Em anexo pp.123-124.

sentido de poesia, de maneira tão leve e lúdica. Chamamos atenção da turma para a beleza dos poemas. O poeta José Paulo Paes, mostra-nos que “poesia é brincar com palavras” como se brinca qualquer outra brincadeira da infância. Mas, as palavras não se gastam como os brinquedos, elas se renovam a cada dia “como a água do rio que é água sempre nova/Como cada dia que é sempre um novo dia”. Essa definição reforça os conceitos estudados em aulas anteriores fundamentados na premissa de que as palavras não são transparentes, com sentido fixo. Elas podem deslizar para outros contextos, ganhando assim, novos sentidos, transformando-se em poesia. Esta, a poesia, pode estar em qualquer lugar, como nos diz o poeta Elias José, “A poesia - é só abrir os olhos e ver - tem tudo a ver com tudo.”.

Após comentários sobre os poemas, os alunos sugeriram recitar os demais, em duplas ou trios, o que foi aceito. Distribuímos diversos poemas que tratavam da temática “a cidade”, tais como, “Cidade verde”, de Dom Aquino Corrêa; “Minha cidade”, de Cora Coralina; “Soneto sentimental à cidade de São Paulo”, de Vinícius de Moraes; “Confidência do itabirano”, de Carlos Drummond de Andrade; “Cidadezinha”, de Mário Quintana; “Mapa” e “Primavera”, de Roseana Murray²².

Leram os poemas entre si, desvendaram significações das palavras desconhecidas com os dicionários e responderam à pergunta: Que imagens constitutivas da cidade podemos encontrar nos poemas? Como já haviam feito atividade parecida com as letras de música “A cidade” e “Cidadão”, encontraram com certa facilidade tais imagens nos textos: ruas, muro, igrejas, casas, etc.

Em seguida, ensaiaram, brevemente, para recitar em sala. Ninguém queria ir à frente da sala recitar, mesmo em pequenos grupos, eles temiam errar, gaguejar, tropeçar nas palavras. Entendemos que o medo de errar e ver os colegas zombando disso era maior que a vontade de ler o poema. Pareciam cientes de que, ao se exporem, estariam sob os olhares de julgamento da turma inteira, o que resultava em insegurança. Entendendo isso, deixamos a critério, e apenas dois alunos foram à frente, os demais recitaram em seus lugares. Foi uma experiência produtiva, embora, às vezes, alguns se esqueciam da postura ou da elevação da voz, o que consideramos natural, devido à ansiedade e ao nervosismo que a circunstância remetia.

²² Os poemas encontram-se anexos nas páginas 126-129.

Textos 26 e 27: respostas à pergunta: Que imagens constitutivas da cidade podemos encontrar nos poemas?

ruas estreitas, curvas, indecizas, entrando, saindo,
 ponte de lama, igrejas, velho museu, gasminho,
 casas, muros,

ruas estreitas, igrejas, pontões, telhados, no
 ruímbo, sobre a rua

3.2 – Leitura de imagens: reflexões sobre os dados aplicados e coletados.

Seguindo a metodologia proposta, demos uma pausa nas atividades de leitura de poemas para adentrar na etapa de leitura de imagens, uma vez que nosso projeto contemplava ambas as leituras e optamos trabalhá-las em aulas alternadas, para depois conectá-las num produto final, em que os alunos fariam leituras das próprias fotografias acerca da cidade e produziram poemas sobre ela.

Retomamos a apresentação do projeto, feita no início do ano letivo, para lembrar as etapas para a turma. Iniciamos uma conversa acerca das atividades que ainda faríamos. Falamos das atividades de leitura de imagens, do varal de poemas, da visita do poeta e da fotógrafa, do passeio fotográfico pela cidade e da escrita do poema final que comporia o livro. A maioria dos alunos ficou muito animada com as atividades vindouras, principalmente, enquanto falávamos de fotografia.

O ato de fotografar instigava-os, fortemente, já que possuem a cultura do *selfie* e metade da sala tem seu próprio aparelho celular. Explicamos que as imagens capturadas deveriam ser especiais, significativas para eles. E que iriam retratar aspectos cotidianos da sua cidade, os quais, devido à correria do dia-a-dia, quase ninguém observa. Esclarecemos que não seria necessário que todos tivessem um celular ou câmera digital, pois, os trabalhos poderiam ser feitos em duplas ou grupos para que ninguém fosse excluído. Dissemos, ainda, que teriam um dia específico para o passeio fotográfico pela cidade, mas, que desde já, poderiam trazer-nos fotografias que fossem capturando em horário extraclasse.

3.2.1 A poesia dentro da imagem – explorando a leitura de imagens fotográficas

Após esse momento, mostramos a eles uma coleção de fotografias do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado²³. Todos pararam suas conversas paralelas para vê-las. A coleção era composta por quinze imagens enormes (38x28cm), todas em preto e branco. Intitulava-se “Êxodos”, pois, retratavam, na maioria das imagens, situações de miséria e abandono dos refugiados de guerra de vários países do mundo.

Havia imagens fortes e tristes que chamaram a atenção dos alunos. Distribuímos as imagens, em grupos, avisando que as manuseassem com cuidado e que lessem a legenda para entender o contexto social de cada fotografia. Assim o fizeram. Discorremos sobre o fotógrafo e suas viagens pelo mundo em busca de imagens que denunciavam o horror das injustiças humanas.

Figura 3 e 4: coleção fotográfica de Sebastião Salgado



Fonte: SALGADO, Sebastião. Exposição Êxodos (de 05/04 à 10/06). Espaço Cultural Contemporâneo Venâncio – ECCO. Brasília, 2001. (Coleção pessoal).

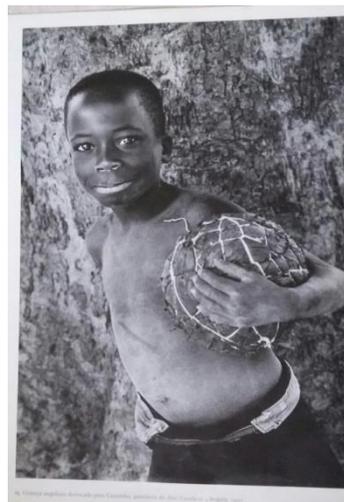
Feito isso, propusemos a roda de leitura. Questionamos cada grupo acerca das fotografias: Gostaram das imagens? Qual delas mais gostaram e por quê? Que emoções e sentimentos as fotografias lhes remetem? Todos disseram gostar da coleção inteira. Alguns queriam até levá-las para casa. Mas, junto à curiosidade e ao entusiasmo, perante as enormes imagens em preto e branco, vinham os olhares de desconforto diante das imagens carregadas de sofrimento. Ouvimos comentários que refletiam suas emoções, como: “o homem sem perna, professora... que tristeza isso [...]”, “essas crianças estão presas, professora? Tem

²³ SALGADO, Sebastião. Exposição Êxodos (de 05/04 à 10/06). Espaço Cultural Contemporâneo Venâncio – ECCO. Brasília, 2001. (Coleção pessoal). Anexo p.143.

arrame farpado cercando elas.”, “muita pobreza e tristeza, devem estar com fome, coitadas, olha o rosto delas”.

Três imagens chamaram ainda mais a atenção deles. Duas delas retratavam um ambiente escolar improvisado. A imagem 6 retratava um professor e seus jovens alunos estudando debaixo de uma árvore frondosa, num campo de refugiados no Quênia, em 1993. A imagem é triste pela precariedade da situação social, mas traz uma ponta de esperança diante da subversiva perseverança dos jovens e seu professor em seguir em frente, apesar da guerra. E a imagem 4, que também retrata uma situação de ensino. Trata-se de uma escola de palha, num acampamento do Movimento Sem-Terra, no Sergipe/Brasil, em 1996. A professora ensinando um grupo de crianças em meio à pobreza. Algumas sentadas no chão, todas usavam chinelos, incluindo a professora.

Figura 5 e 6: fotografias de Sebastião Salgado



Fonte: SALGADO, Sebastião. Exposição Êxodos (de 05/04 à 10/06). Espaço Cultural Contemporâneo Venâncio – ECCO. Brasília, 2001. (Coleção pessoal).

Os alunos argumentaram a escolha das imagens:

1. “bem legal o professor dando aula pros alunos, é bem diferente, e seus alunos querendo aprender e todo mundo bem humilde”
2. “eles estão longe de casa, mas fizeram uma escola pra aprender”
3. “vejo as criancinhas bem pobres... escrevendo e desenhando no caderno”

Nenhum deles falou abertamente sobre a guerra ou sobre o Movimento Sem-Terras, embora soubessem que os personagens das imagens eram refugiados de guerra e crianças sem

lugar para morar. Talvez por serem temas pesados para eles ou por não perceberem e interpretarem a gravidade social ali representada. Mas, diante das argumentações, percebemos que escolheram tais imagens por acharem comovente a ação de ensinar e aprender, mesmo diante de uma situação precária de ensino, marcada pela injustiça social. Além disso, escolheram as fotografias pela proximidade do tema com a sua própria realidade. O ambiente escolar das crianças nas fotografias despertou empatia pela identificação dos alunos com a escola, parte do seu cotidiano.

Esse processo de identificação com o tema da fotografia ocorreu, também, na escolha da imagem 15, a imagem que mais gostaram (mostrada acima). Trata-se de um menino angolano refugiado, segurando sob o braço uma bola de futebol improvisada feita de plásticos e barbantes. Ele está sem camisa e parece feliz, pois, está sorrindo. Nem precisamos dizer o motivo pelo qual vários garotos da turma elegeram essa imagem. Ela é o retrato das suas próprias infâncias. Ainda mais que o menino da fotografia está alegre – porque vai jogar bola – mesmo diante das dificuldades da vida. É esse processo de identificação que esperávamos alcançar dos alunos, quando estes fotografaram sua cidade e escreveram sobre ela.

Na sequência dessas aulas, havíamos planejado pedir uma produção textual logo após a leitura das fotografias. No entanto, diante da reação dos alunos frente às fotografias que mostravam crianças sendo lesadas em seus direitos – escola, moradia, roupas, alimentação, etc., - vimos a necessidade de trazer-lhes mais leituras, e escolhemos um poema infantojuvenil de Ruth Rocha, intitulado “O direito das crianças”²⁴, a fim de complementar os sentidos daquelas imagens. Quando elaboramos o plano de aula não pensamos nessa necessidade óbvia de relacionar um poema às imagens. No entanto, atentamos para isso durante a execução das aulas e incluímos, na aula seguinte, tal poema. O conteúdo do poema quebrou o clima pesado das imagens, apresentando de forma leve e lúdica, com rimas, os direitos de toda criança: brincar, estudar, ser respeitado e não passar pelas dificuldades que as crianças das fotografias passavam.

O poema trouxe uma boa dose de reflexão junto às imagens. Os alunos puderam inferir criticamente sobre os direitos que faltavam àquelas crianças das imagens. Os direitos básicos à vida, proferidos no doce poema de Ruth Rocha, o qual enriqueceu a aula por levar os alunos a expor seus pensamentos sobre um tema importante para eles. Percebemos, assim, que as crianças e os adolescentes desejam ser ouvidos. Eles têm algo a dizer e sentem-se valorizados quando alguém está disposto a ouvi-los. O restante da aula transcorreu dessa

²⁴ Em anexo p. 124.

forma: os alunos falavam e a professora os ouvia. Por vezes, fazíamos um comentário ou outro para instigar ainda mais a conversa entre eles.

Texto 28, 29, 30, 31 e 32: reações dos alunos acerca das fotografias:

te chamou a atenção?
achei muito bom e importante. quem me chamou nos atencas
foi as crianças sendo preso e crianças sofridas.
foto número 3

de retrata pessoas o sentido aqui essas pessoas são refugiado
a situação é de medo

te chamou a atenção?
R = legal gostei do gosto com uma bolacha de
pão, por que eles são pobres.

te chamou a atenção?
Eu achei muito interessante igual as imagens
elas são muito bonitas que retratam crianças velhas
e as crianças que estão pobres e aqui está aqui
com a foto em latim e foto do teatro.

4) Resuma em uma palavra ou frase o que cada imagem representa?

"Sobrevivência."

4) Resuma em uma palavra ou frase o que cada imagem representa?

a sobrevivência e dor

a) Primeira produção textual

Após a análise das imagens junto ao poema “O direito das crianças”, de Ruth Rocha, solicitamos a produção de um texto poético, não necessariamente um poema, mas devia conter traços de poesia. Para tanto, lembramos a eles que já haviam estudado vários aspectos poéticos e formais do poema, quais sejam: seleção vocabular, sentido conotativo, metáfora, rimas, ritmo, versos e estrofes. E que, por isso, eram capazes de escrever um texto poético aplicando o que aprenderam em aulas anteriores. Além disso, o texto seria o produto da leitura individual do aluno acerca da fotografia que escolhera.

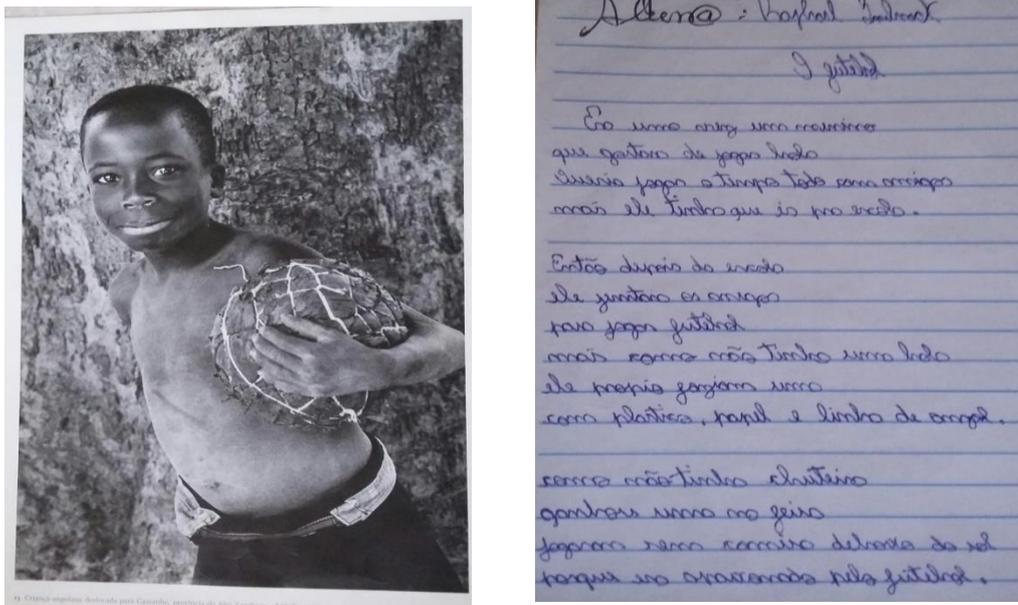
Enfatizamos que não precisavam se preocupar tanto em dar rimas aos versos, dificuldade da maioria, que o poema inteiro poderia ser feito de versos livres. E assim o

fizeram. Os discentes tiveram dificuldade, necessitando da nossa ajuda, constantemente, embora alguns fossem mais autônomos que outros. No entanto, aos poucos, os poemas surgiram e ficaram realmente bons. Alguns ficaram bastante descritivos e/ou narrativos, mas outros traziam traços poéticos. Era a primeira produção deles, então, avaliamos a atividade como satisfatória.

Sendo assim, selecionamos três textos poéticos elaborados pelos alunos nessa atividade. Eles estão lado a lado da imagem correspondente. Vale lembrar que os textos dos alunos, tratados como material de análise nessa dissertação, foram usados na sua forma original e, portanto, contém diversos erros ortográficos. Erros estes que foram, posteriormente, destacados, e, devidamente, corrigidos junto ao aluno para que este percebesse o equívoco. Ressalvamos, também, que não analisaremos aqui o processo de correção ortográfica dos textos, pois, nosso objetivo principal é analisar a escrita como resultado do que foi aprendido nas rodas de leitura de poemas e de imagens. Ou seja, analisaremos os aspectos poéticos e formais dos textos levando em conta o conteúdo semântico (significado) atribuído a eles pelos discentes.

O texto abaixo representa a leitura da imagem ao lado. O aluno escolheu a imagem que mais lhe cativou para escrever poeticamente sobre ela. A legenda trazia: “Criança angolana deslocada para Cazombo, província do Alto Zambeze. Angola, 1997”.

Figura 7 e Texto 33: leitura da imagem fotográfica de Sebastião Salgado

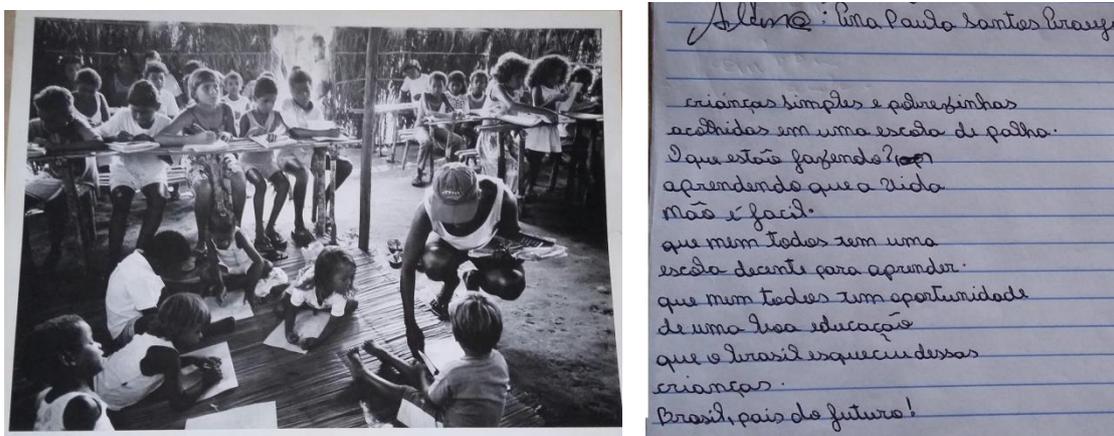


Fonte: Arquivo pessoal

O aluno criou uma história/narrativa para o menino da fotografia, tanto que ele inicia seu texto com um marcador de narrativas dos contos de fadas “Era uma vez ...”, no entanto podemos verificar que se trata de um poema, por conter os aspectos formais comuns a esse gênero textual. O texto é marcado por rimas bem construídas dentro de estrofes estruturadas. O sentido do poema gira em torno da paixão que o garoto sente em jogar futebol com seus amigos. Experiência comum e prazerosa ao próprio aluno-autor e a vários meninos de sua idade. Não por acaso este escolheu tal imagem para criar seu texto. No poema o menino supera a dificuldade de não possuir uma bola de futebol e cria, ele próprio, uma bola composta de “plástico, papel e linha de anzol”. Vemos, assim, que o poema reflete o sentido da imagem, não foge ao que se pode enxergar e inferir, embora, não cite a situação de refugiado do menino.

No próximo texto, a aluna inspirou-se numa imagem que retratava um ambiente escolar improvisado e trazia a seguinte legenda: “Escola para crianças do Movimento Sem-Terra no acampamento de Santa Clara. Sergipe, Brasil, 1996”.

Figura 8 e Texto 34: leitura da imagem fotográfica de Sebastião Salgado



Fonte: Arquivo pessoal

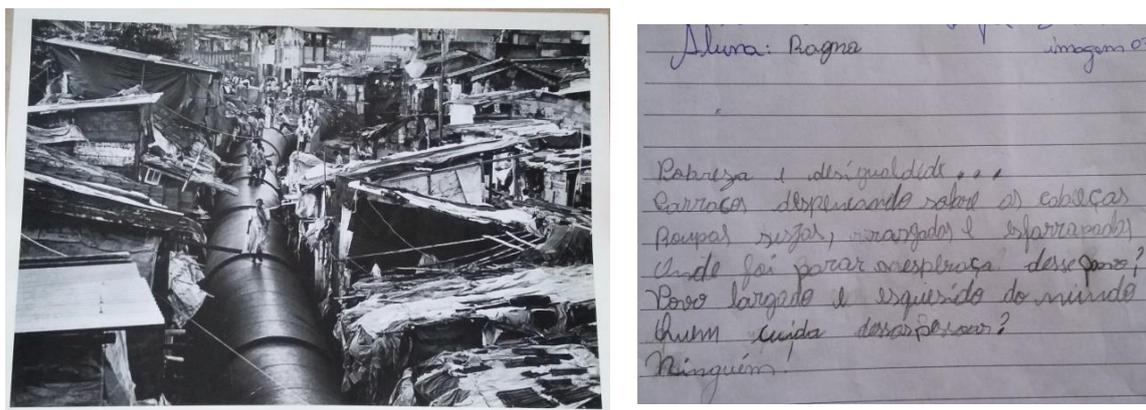
O texto da aluna demonstra desconforto e, até mesmo, indignação diante da situação retratada na imagem. Muitas crianças pobres, numa “sala de aula” feita de palha, com carteiras de madeira bruta, desconfortáveis. A professora ensinando os alunos menores enquanto os demais fazem a tarefa. Numa condição muito diferente da situação da sua escola. O texto contém uma pergunta: “O que estão fazendo?”, a qual é respondida em seguida: “aprendendo que a vida não é fácil”. Essa resposta é extremamente perspicaz, uma vez que as crianças estão na escola para aprender algo, como ler e escrever, matemática, ciência, etc. Mas, tristemente, também estão aprendendo a lição maior, e talvez, a mais importante: “que a

vida não é fácil”, “que nem todos tem uma escola”, “que nem todos tem oportunidade”. A leitura que a aluna fez da fotografia foi de que havia ali uma grande injustiça social. No final do poema ela faz uma ironia primorosa ao revelar sua indignação com a ideia de que “o país do futuro” - jargão político e midiático - não cuida de suas crianças e não valoriza a educação delas. Notamos, também, que a aluna utiliza a repetição da palavra “que”, recurso da figura de linguagem anáfora – a qual consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos.

Assim como essa aluna, outros colegas também ficaram impressionados com essa imagem. Provavelmente, por esta provocar empatia já que retrata um ambiente escolar precário, com personagens crianças, assim como eles.

Já o terceiro texto apresenta uma imagem que tem como legenda: “Tubulação passa pela favela de Mahim, levando água para os bairros mais prósperos de Bombaim. Índia, 1995”.

Figura 9 e Texto 35: leitura da imagem fotográfica de Sebastião Salgado



Fonte: Arquivo pessoal

A aluna, como podemos ver, possui dificuldade com a grafia das palavras, mas interpretou a imagem para além do que é explícito. Até a metade do texto ela faz uma descrição da imagem, para depois, interpretá-la. O texto, assim como o anterior, utiliza o recurso da interrogação, expediente usado pelo poeta José Paulo Paes em todos os quatro poemas que lemos nas rodas de leitura, presentes nos anexos. Ela entende que as pessoas da fotografia vivem em situação de absoluta miséria e que parece não haver esperança naquele lugar. Para a discente, essas pessoas estão abandonadas e o resto do mundo se esqueceu delas. Consideramos que foi uma reflexão bastante evoluída. No final ela fez a última pergunta: “Quem cuida dessas pessoas?” e em seguida respondeu: “Ninguém”. O poema é curto, com erros ortográficos, mas é admirável, tem qualidade poética bastante incomum para alunos tão

jovens.

Acreditamos que o sucesso da atividade deveu-se, em parte, ao conhecimento prévio dos alunos: de sua vivência e do que aprenderam em anos letivos anteriores. No entanto, cremos, também, que as rodas de leitura e as análises e reflexões acerca dos textos poéticos trabalhados, contribuíram, significativamente, para agregar mais conhecimento aos estudantes ou consolidar o conhecimento que já possuíam. Convém ressaltar que essa atividade de leitura de imagens tinha como objetivo preparar o olhar dos alunos para a posterior atividade de leitura das imagens da cidade que fariam durante o passeio fotográfico.

Em seguida, propusemos uma produção textual como parte da leitura de imagens que haviam feito. Os alunos produziram um texto poético sobre a imagem que mais gostaram. Sugerimos que olhassem a imagem escolhida e escrevessem o que viesse à mente, que sentimentos ela lhes passava. A escrita é muito mais complexa que a fala. Muitas vezes, o que eles expressaram oralmente nas rodas de leitura, não conseguiam transpor para o papel, o que é compreensível. Havia alunos mais independentes que com algumas sugestões fluíam no texto, e outros que, não conseguiam desenvolvê-lo. Notamos, também, que a autoestima conta muito para o fracasso escolar. Alguns alunos, por vezes, sentem-se incapazes de desenvolver determinada atividade pedida pela professora e desistem de tentar. Ouvíamos expressões de desânimo, tais como, “não consigo”, “eu não sei fazer isso”, “sou burro”, etc. Pensando nisso, tivemos que compreender, motivar e procurar saber ajudá-los nesse processo usando, constantemente, palavras motivadoras e elogios para cada passo dado. Fazê-los acreditar que são capazes de criar um texto de qualidade foi uma estratégia que surtiu efeito, pois, às vezes, pareceu-nos que desconheciam suas próprias capacidades. Dessa forma, surgiram produções bastante interessantes com traços poéticos.

Depois, montamos um painel com os textos e as fotografias de Sebastião Salgado e expusemos no corredor da escola, para que todos admirassem o trabalho dos alunos. Os estudantes iniciaram a montagem do painel em sala de aula, mas, devido ao tempo, terminamos de montá-lo sem a ajuda deles. Ao verem o painel pronto, exposto no corredor, com os textos poéticos e as imagens correspondentes, percebemos a felicidade de vários deles ao ver seus textos ali. É como nos lembra Hélder Pinheiro (1995, p. 59), “A poesia quando preenche a sala de aula pode transbordar e inundar outros espaços e regar outras experiências significativas”. Os demais alunos, de outras turmas, paravam frente ao painel e admiravam as fotografias e os textos poéticos.

Figura 10: alunas observando a exposição de seus textos no mural



Fonte: Arquivo pessoal

Foi bastante satisfatória essa experiência com eles, pois, demonstrou que eles apreciam quando são valorizados. Depois, distribuimos bombons para todos e enfatizamos o quanto são capazes de fazer algo excelente, como o trabalho que fizeram. E, nas aulas posteriores, voltamos às atividades de leitura de poemas.

3.3 Como as atividades de fotografia e o tema “cidade” contribuíram para motivar a escrita de poemas

3.3.1 Atividade de reflexão sobre a cidade

Como já foi enunciada, a temática do projeto é a cidade, mais especificamente, a cidade de Primavera do Leste. Os poemas que tratam dessa temática, usados na aula anterior, fecharam o ciclo de rodas de leitura de poemas do projeto.

Lemos novamente os poemas na busca de responder às perguntas norteadoras: Que sentimentos e emoções pela cidade (ou lugar) o eu-lírico demonstra no poema? Que imagens/aspectos da cidade podemos encontrar nos poemas? Os alunos não tiveram dificuldade em realizar a atividade e conseguiram discriminar palavras e termos frasais que exemplificavam os sentimentos de saudade, nostalgia, tristeza, pertencimento, orgulho, e até de crítica, que cada autor escreveu sobre sua terra. Como também, encontraram imagens/aspectos da cidade, tais como, “ruas”, “larguinhos”, “becos”, “igrejas”, “sobrados”, “muro”, “casas”, etc. Estavam de parabéns.

Depois, fomos mais específicos e questionamos a turma a respeito dos aspectos da cidade de Primavera do Leste. No que a cidade se destaca e o que sabiam sobre ela. Eles se

lembraram da notoriedade do município como polo do agronegócio, mas conheciam pouco da história do mesmo. Passamos, então, para os alunos imagens antigas da cidade e um vídeo do programa global Globo Repórter, sobre a cidade de Primavera. Conseguimos as fotos antigas no livro digital intitulado “História de Primavera do Leste”, publicado em 2012, disponível no *site* da câmara municipal²⁵. Os alunos ficaram curiosos e entusiasmados ao ver as fotografias antigas da cidade. E à medida que as fotografias iam passando, no retroprojetor, a professora contava, resumidamente, a história da fundação da cidade: sobre os pioneiros, os primeiros estabelecimentos, o loteamento, a primeira escola, as primeiras denominações do distrito, as dificuldades, etc. Já o vídeo, de 2013, trata-se de uma propaganda da cidade, uma pseudo reportagem mostrando apenas as qualidades desta. O vídeo da reportagem, intitulada “Primavera do Leste (MT) é uma terra de oportunidades e de vida tranquila”²⁶, publicado em rede nacional, mostrou uma imagem parcial da cidade. Por exemplo, não mostrou o quanto a população aumentou, e junto a esta, os problemas sociais que se agravaram.

Na continuidade da aula, os alunos comentaram o vídeo e argumentaram sobre os aspectos, tanto positivos, quanto negativos do município. Essa atividade consistia em levar os discentes a pensar sobre sua cidade, de forma crítica: vida social das pessoas, eventos importantes, representatividade econômica, cultura, meio ambiente, política, costumes, problemas sociais, etc. Fomos direcionando, fazendo perguntas e anotando no quadro suas observações. Eles participaram bastante e ficamos satisfeitas com essa atividade. No final, pedimos para que pensassem quais aspectos da cidade gostariam de fotografar. E, para deixá-los curiosos, avisamos que, na próxima aula, receberiam a visita de uma fotógrafa profissional da cidade.

3.3.2 Um olhar estético sobre a cidade - o passeio fotográfico

A proposta da atividade de levar uma profissional em fotografias para visitar a turma era mostrar-lhes como funciona o processo de captura de uma imagem. Afinal, eles próprios com seus aparelhos celulares iriam fotografar a cidade. A fotógrafa deu uma excelente aula sobre técnicas de fotografia para as crianças. Pudemos perceber que elas gostam de receber visitas de pessoas externas ao seu convívio escolar. Ainda mais, se a temática lhes interessa, como foi o caso da fotografia. Ouviram com atenção todas as noções básicas que a fotógrafa

²⁵ <<http://camarapva.com.br/livro.pdf>>

²⁶ Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/03/primavera-do-leste-mt-e-uma-terra-de-oportunidades-e-de-vida-tranquila.html>>. Acesso em 22 de setembro de 2017.

ensinou. Ela conseguiu ser bastante didática, fazendo-lhes perguntas e mostrando imagens para exemplificar o que dizia. Ensinou-lhes alguns recursos, como ângulos e colorimetria.

Figura: Visita da fotógrafa.



Fonte: Arquivo pessoal

Pelas suas expressões faciais, pudemos notar o interesse dos alunos. A fotógrafa foi interativa deixando-os segurar sua câmera profissional e tirarem uma fotografia usando o recurso *zoom* da máquina.

Na aula seguinte, a turma foi dividida em grupos para facilitar o compartilhamento dos aparelhos celulares disponíveis, já que nem todos possuíam um. Mas, cada qual teve a oportunidade de fotografar o que quisesse sobre a cidade. Traçamos com eles o roteiro do passeio fotográfico, as regras a serem seguidas e a entrega do bilhete de autorização aos responsáveis. Além de estabelecermos um limite de vinte imagens para cada aluno. Relembramos, ainda, que fariam poemas inspirados nessas imagens, e que, portanto, elas deviam ser significativas para eles. Por isso, deviam ser criteriosos na captura e, de preferência, usar técnicas aprendidas com a fotógrafa.

No dia marcado para o passeio fotográfico os estudantes estavam motivados e tiraram muitas fotografias. Visitamos vários pontos da cidade como, praças públicas, avenidas principais, câmara dos vereadores, cemitério, lagoa, feira, posto de combustível Barril – primeira instalação comercial – e até, uma plantação de milho. Todos estavam felizes produzindo suas fotografias. Mas, houve momentos de reflexão ao verem muito lixo próximo à rodovia, em terrenos baldios e até em uma praça pública, suscetível ao criadouro do mosquito da dengue. Além disso, na visita à feira municipal, vimos mendigos e cães abandonados e doentes. Os alunos comentaram que aquelas pessoas ficavam nos arredores da feira porque ali havia restos de alimento e, também, porque podiam pedir dinheiro a quem passasse. Comentamos sobre as condições sociais daquelas pessoas e o que poderia ter acontecido a elas, e ainda, o que poderia ser feito para que saíssem daquela situação. Uma das propostas do passeio fotográfico era, exatamente, olhar a cidade em seus mais variados

aspectos, a fim de promover o senso crítico e argumentativo.

Na aula seguinte, após termos reunido as imagens capturadas durante o passeio, projetamos o banco de fotografias, no *datashow*. Foi uma experiência interessante, pois os alunos ao verem as imagens produzidas por eles, no telão, sentiam-se eufóricos, apontavam para elas e faziam comentários entre eles. Entre as imagens tiradas durante o passeio pela cidade, também haviam algumas trazidas pelos alunos, de momentos anteriores ao passeio, as quais julgavam significativas.

Figura: Passeio fotográfico



Fonte: Arquivo pessoal

Depois, demos instruções sobre a seleção das imagens, podendo cada aluno escolher até três imagens, apenas, - das tantas que foram capturadas por eles - nas quais se inspirariam para a escrita do poema sobre a cidade. Esse processo de escolha das imagens foi demorado, mas era preciso restringir a quantidade de imagens dentre as fotografias capturadas.

Após esse momento, solicitamos que eles esboçassem um poema sobre a cidade, inspirado em suas produções fotográficas. Lembramos a eles que esse poema final precisava ser o mais caprichado possível, uma vez que iria para o livro, o qual seria entregue aos pais, em evento da escola. Muitos se empenharam e à medida que iam entregando suas produções textuais, nós fazíamos as devidas considerações sobre elas e chamávamos os alunos, no contraturno, à biblioteca para o aprimoramento de seus poemas.

3.3.3 Produções textuais sobre a cidade

Além das atividades de leitura, três produções textuais foram realizadas ao longo da aplicação do projeto. O esboço das produções era feito em sala de aula com nosso acompanhamento. O processo de aprimoramento e reescrita dos textos se dava na biblioteca da escola. Com a finalidade de que as produções evoluíssem, combinamos os grupos de

alunos que seriam chamados em horário extraclasse, com atendimento individualizado no aprimoramento dos seus textos.

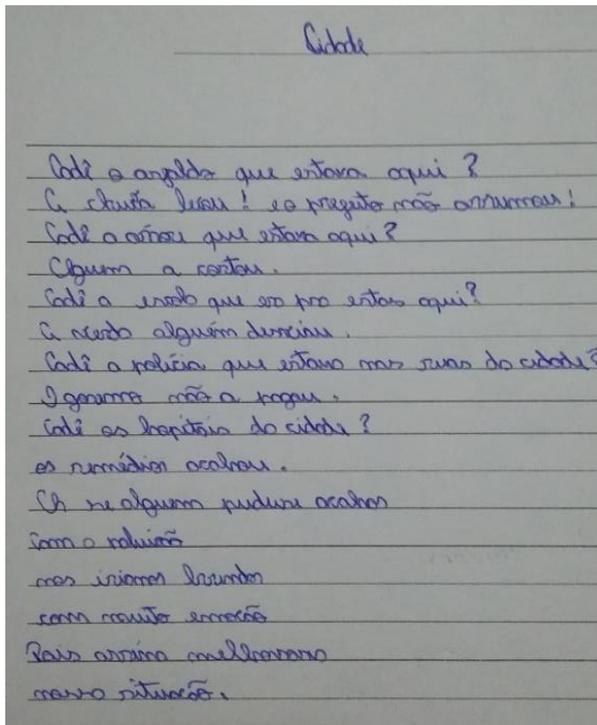
O processo de escrita e reescrita foi trabalhoso, em todas as três produções textuais que fizeram ao longo do semestre. Afinal, escrever exige intenso esforço cognitivo e concentração, até mesmo para adultos graduados em Letras. Para facilitar, fazíamos perguntas, dávamos sugestões e instigávamos os alunos até que surgisse um poema de cada um. À medida que iam surgindo os versos, nós parávamos e líamos o texto para que percebessem o que havia de ser melhorado. Ao final da escrita, líamos o texto poético, novamente, e ressaltávamos o quanto ele havia ficado surpreendente e o quanto eles, os alunos, são capazes de escrever um excelente texto. Assim, sentiam-se valorizados com os elogios.

A primeira produção textual dos alunos foi a correspondente à atividade de leitura das fotografias de Sebastião Salgado, a qual já mencionamos anteriormente, no subitem 3.2.1, alínea A.

A segunda produção textual equivale à atividade sobre os aspectos intertextuais de alguns textos. Comparamos poemas famosos, bastante parodiados, tais como, “Cidadezinha qualquer” e “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade, que inspiraram outros poetas. Depois, pedimos uma produção textual, poema, que utilizasse o recurso estudado. Apresentamos a eles quatro poemas da literatura infantojuvenil que poderiam ser usados como texto-referência dos poemas a serem feitos:

Dos alunos que conseguiram realizar a atividade, selecionamos três textos. O primeiro faz referência à conhecida cantiga infantil “Cadê?”, que possui várias versões, com acréscimos ou decréscimos vocabulares, fenômeno comum à literatura oral, passada por gerações, sem registro escrito. A versão mais comum e antiga que encontramos está ao lado do poema do aluno, citado abaixo. Além das versões, esse poema popular também foi bastante parodiado, como vimos na paródia “Cadê”, de José Paulo Paes, estudada em aulas anteriores desse projeto.

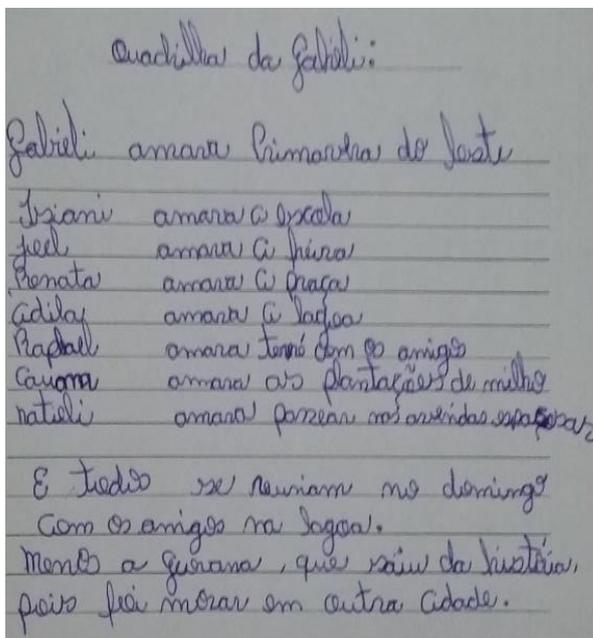
Textos 36 e 37: poema paródia do aluno e o texto de referência.



Cadê? - Cantigas Populares

Cadê o toicinho daqui?
 O gato comeu
 Cadê o gato?
 Foi pro mato
 Cadê o mato?
 O fogo queimou
 Cadê o fogo?
 A água apagou
 Cadê a água?
 O boi bebeu
 Cadê o boi?
 Foi puxar trigo
 Cadê o trigo?
 A galinha comeu
 Cadê a galinha?
 Foi botar ovo
 Cadê o ovo?
 O padre chupou
 Cadê o padre?
 Foi rezar a missa
 Por onde é o caminho da Missa?
 Por aqui...por aqui...por aqui

Textos 38 e 39: poema paródia da aluna e o texto de referência.

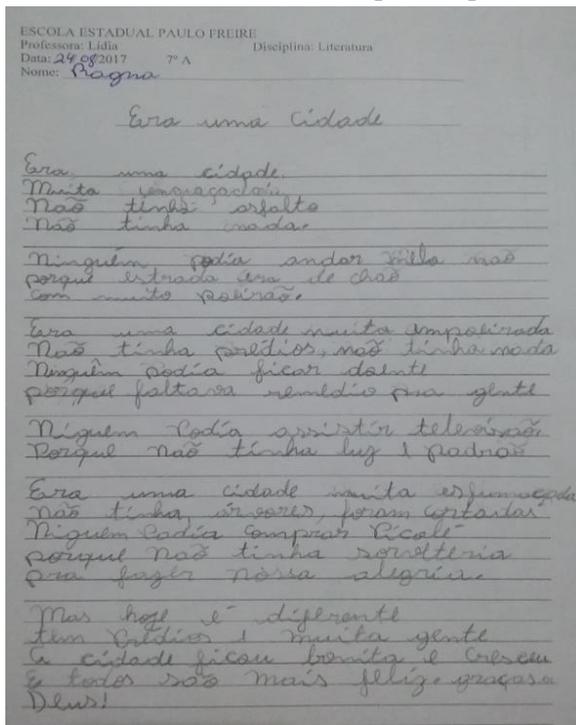


Quadrilha

Carlos Drummond de Andrade

João amava Teresa
 que amava Raimundo
 que amava Maria
 que amava Joaquim
 que amava Lili
 que não amava ninguém.
 João foi para os Estados Unidos,
 Teresa para o convento,
 Raimundo morreu de desastre,
 Maria ficou para tia,
 Joaquim suicidou-se
 e Lili casou com J. Pinto Fernandes
 que não tinha entrado na história.

Textos 40 e 41: poema paródia da aluna e o texto de referência.

**Era uma cidade ...**

Era uma cidade, muito engraçada
Não tinha asfalto, não tinha nada.
Ninguém podia andar nela não
porque a estrada era de chão
com muito poeirão.

Era uma cidade muito empoeirada
Não tinha prédios, não tinha nada
Ninguém podia ficar doente
porque faltava remédio pra gente.

Ninguém podia ver televisão,
porque não tinha luz e padrão.

Era uma cidade muito esfumaçada
Não tinha árvores, foram cortadas
Ninguém podia comprar picolé
Porque não tinha sorveteria
Pra fazer nossa alegria.

Mas hoje é diferente
Tem prédios e muita gente.
A cidade ficou bonita e cresceu
E todos são mais felizes, Graças a Deus!

a) Terceira produção textual – um olhar sobre a cidade

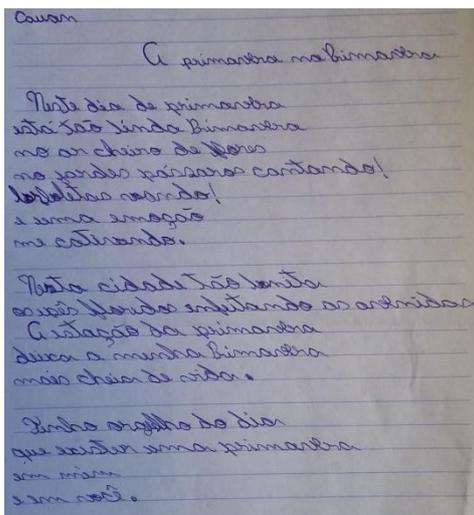
A terceira produção textual dos alunos ocorreu ao final do projeto, após o passeio fotográfico pela cidade e as leituras das fotografias capturadas. Sendo assim, os estudantes realizaram suas produções poéticas inspirados em suas produções fotográficas. Avisamos que, além das imagens capturadas pelos alunos durante o passeio fotográfico, outras fotografias foram trazidas por eles e, portanto, capturadas em outros momentos, como, por exemplo, as fotos tiradas à noite.

Essas produções finais são ainda mais importantes, uma vez que elas compuseram o produto final *e-book*, o qual foi impresso e entregue aos pais dos alunos em evento escolar. Do mesmo modo que ocorreram as atividades de escrita anteriores, nos reunimos no ambiente da biblioteca para aprimoramento dos textos. O atendimento com grupos menores de alunos agilizou o processo de escrita. O ambiente da biblioteca favoreceu a concentração dos alunos, devido à ausência de estímulos dispersores e de ruídos, que surgem em sala de aula. Eles foram instigados a pensar e contribuíamos dando ideias e sugerindo escolhas mais apropriadas das palavras a fim de que os textos ficassem mais poéticos. Não foi tarefa fácil. Nesse instante, vem a pergunta que sempre nos fazemos quando ensinamos literatura: como ensinar aos alunos a percepção de traços poéticos no texto? Como fazê-los escrever poemas com

poesia? Fazê-los compreender conceitos complexos como as metáforas e as aliterações e habilitá-los a desenvolver seus poemas expressando esses recursos, foi tarefa árdua. Mesmo que não usemos tais nomenclaturas, explicar que um texto poético é diferente do texto narrativo em prosa, embora este possa conter traços daquele, é desafiador para uma turma de 7º Ano.

Para facilitar a composição das rimas dos poemas, apresentamos aos discentes um dicionário *on-line* de rimas²⁷. Durante o período de aprimoramento dos textos, distribuímos fotocópias de algumas rimas retiradas do *site* do dicionário, para que escolhessem as palavras que quisessem. Seguem alguns textos poéticos criados a partir das fotografias capturadas por eles, as quais compuseram o *e-book*:

Figura 11 e Texto 42: poema do aluno inspirado na fotografia (flores de ipê na avenida) capturada durante o passeio fotográfico



²⁷ Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/rimas/>>

Figura 12 e Texto 43: poema da aluna inspirado nas fotografias capturadas por ela durante uma festa local.

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE
 Professora: Lídia Disciplina: Literatura
 Data: 1/2017 7ª A
 Nome: Laris Beatriz Viana de Carvalho

Comemoração

A Primavera do Leste é um lugar
 Com muitas cores e sabores.
 E muitas festividades. É a cidade!
 Para todas as pessoas da cidade.

Aos dias as pessoas se reúnem
 De diversão com danças e comida boa.
 Assustam o horror e saltam lagoas.
 Adireta da lagoa.
 E muita diversão que forma a cidade bela.
 E festivo na comemoração das pessoas.

Primavera do Leste é reconhecida por ter um
 Por ter um povo alegre, mas simples.
 E bem humilhado.
 Para isso tem comemorações
 Tem a festa de São Sebastião, Primavera.
 Comemoração da cidade, festas da Primavera e muita mais.
 Em Primavera. É o povo animado!



Figura 13 e Texto 44: poema da aluna inspirado nas fotografias (lagoa da cidade) capturada durante o passeio fotográfico.

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE
 Professora: Lídia Disciplina: Literatura
 Data: 1/2017 7ª A
 Nome: Gabriel Felipe de Sousa

A lagoa

A lagoa é um lugar bonito
 com muitas cores e sabores.
 pessoas se reúnem e saltam lagoas.
 É a cidade da lagoa no meio da cidade.

A lagoa, pássaros voando no céu
 É o ponto alto da cidade.
 Na lagoa nadam lentamente em águas
 do lago. Fui lá com meu amigo.



Os três textos acima foram inspirados nas fotografias tiradas pelos alunos. O primeiro poema foi criado a partir da imagem de um pé de ipê florido, na avenida Minas Gerais. Árvore típica do cerrado, há algumas delas pelos canteiros das avenidas da cidade de Primavera do Leste. O aluno optou por colocar efeito artístico na foto, recurso do *Word*, onde montaram o *e-book*. O seu poema impressiona pelo grau de poesia presente. Podemos notar que ele fez um jogo de palavras entre a “primavera” (estação do ano) e Primavera (nome da cidade). Ele demonstrou ter domínio dos efeitos que as palavras podem adquirir. Dentre

outros efeitos poéticos, a última estrofe não faria sentido, já que o primeiro verbo está no presente (“tenho”) sentindo uma emoção (“orgulho”) de algo que está no futuro (“que existir uma primavera”). No entanto, essa colocação causou um efeito interessante no poema, o que pode demonstrar certa maturidade artística do aluno, com a licença poética ou a ludicidade textual de um poeta iniciante.

No segundo poema, a aluna escolheu, entre as muitas capturadas por ela, duas fotografias de festa ou evento que ela foi com a família. Para ela, o que mais lembra a cidade são as festividades e as pessoas, que segundo ela, são alegres e simples. Nos últimos versos ela enumera as festas típicas do município. Além disso, a aluna faz um esforço para rimar seus versos e até consegue rimas ricas, tais como: boa, lagoa, pessoas (se considerarmos sua pouca idade).

O terceiro poema foi motivado pela imagem da lagoa do município, lugar para a prática de caminhada e ciclismo, além de ponto de encontro das pessoas nos finais de semana. Todos os domingos tem música ao vivo e entretenimento infantil, gratuitamente. Com certeza, esse lugar é significativo para esse aluno. E no poema pudemos perceber o que mais lhe atraiu nesse espaço. Ele citou, não somente as pessoas, mas os peixes, os pássaros e o brilho das águas. Ele não descreveu o ambiente apenas, mas expôs o seu ponto de vista, particular, do que esse espaço representa para ele. Possivelmente, a maioria das pessoas estariam ouvindo as músicas, conversando, caminhando, tomando tererê (hábito comum no local), entretanto, o aluno gosta de observar os pássaros voando e, especialmente, os peixes nadando na lagoa. Ora, entre a letra semi-ilegível e muitos erros de ortografia, podemos enxergar a beleza do poema.

Os textos trazem alguns erros ortográficos, mesmo já estando na segunda ou terceira versão “passada a limpo”. Além disso, a escrita dos discentes é de difícil leitura devido à letra ilegível em alguns trechos dos poemas. Contudo, notamos com satisfação a dedicação dos alunos na tentativa promissora de elaborar um texto poético empregando, na medida do possível, o que aprenderam durante as aulas.

Outros textos igualmente interessantes foram criados pelos estudantes, mas não convém mostrá-los aqui, e podem ser encontrados nos anexos. Entretanto, fragmentos dos mesmos serão mostrados para exemplificar alguns dados que coletamos acerca do conteúdo dos poemas.

Fizemos um levantamento para saber quais aspectos urbanos foram mais mencionados nos textos dos estudantes e que sentimentos e emoções trazem subjacente. Dentro da temática “a cidade”, a ideia de lugar está ligada a alguns sentimentos. Nos vinte e quatro textos finais

encontramos palavras que remetem a sentimentos positivos vinculados à “exaltação/amor pela cidade” como o assunto mais abordado pelos alunos, com o maior número de ocorrência (12). Em segundo lugar, a “agricultura” vista positivamente, com 10 ocorrências, seguida da palavra “flores/ipês” (9) e “amizade/amigos” (7). “Lagoa” e “praça” empatam com seis ocorrências.

Palavras e expressões que remetem a sentimentos negativos ou que trazem alguma crítica, notamos: “meio ambiente/poluição/lixo/cuidar da natureza”, com seis ocorrências; “mendigos”, 3; “crítica ao governo/prefeito” e “violência/medo”, com 2 ocorrências. “Crítica geral” apresentou uma única ocorrência. Observamos que os aspectos positivos da cidade sobressaíram sobre os negativos na escrita dos discentes.

Seguem alguns fragmentos dos poemas dos alunos sobre a cidade de Primavera do Leste, MT. Neles podemos ver elementos poéticos:

Textos 45, 46, 47, 48, 49 e 50: fragmentos de poemas dos alunos sobre a cidade de Primavera do Leste.

Que linda é Primavera
De todos sempre tem fim.
Lembro-me de brincar sobre a
grama do jardim...
Pode a terra ser infinito não
existe nada igual.
As crianças de uma criança
Cosa são espelha...

Primavera tem bailes na praça aos domingos
mas também, na mesma praça tem mendigos
Primavera tem criança no parquinho
mas também, tem roubos e violência
Primavera tem muita plantação
mas também, tem drogas que causa destruição
Primavera tem muitas festas
mas também, desigualdade

mesmo com a infância
A desigualdade a falta de carinho
mas todo esse lugar acorda
E ele se ilumina
Um sol, um lindo céu
Que te dá um lindo sorriso
E como um sorriso, um lindo sorriso
Quando ali se a panela, quer
Raízes e luz e pássaros cantando.

Olha a Primavera
Tão linda e tão bela
Branco quando
Branco quando
Praça da Fumaca
Chão de grama

Minha praça de Primavera
 muitas coisas acontecem
 ilha e céu lindo e celeste
 a alegria que ela oferece
 Flores arvores e sol
 pessoas jogando futebol
 passares cantando
 e muitas pessoas brincando

Exaltação/amor à cidade:

Textos 51, 52, 53, 54 e 55: fragmentos de poemas dos alunos.

Quem fala de Primavera
 sem ter dado um sorriso
 não sabe o que é vida
 em uma cidade tão bonita...
 Tão cheia de vida.
 Que vive todos
 de braços abertos.

Quem ama o mato grosso
 quem ama Primavera
 quem ama a cidade
 sempre sorri.
 Quem ama o milho
 quem ama o algodão
 vem admirar a plantação

Como é bela cidade de
 Primavera
 formada por fazenda e animais
 e gente boa que caminha pela a
 lagoa.
 Terrenho fértil com grande
 produção milho e soja e
 algodão. É a meu coração

Aqui a amizade floresce
 Venha pra minha cidade
 Que aqui tudo que se planta cresce
 É a nossa maior riqueza
 Nosso povo merece
 Viva Primavera de festa!

Quem conhece
 Primavera de festa
 sempre agradece
 pelo que ela oferece.

Críticas gerais:

Textos 56, 57, 58 e 59: Fragmento de poemas dos alunos.

Mas cantaram os anjos
 Para o agricultor
 O cerrado murmurou
 E subiu o temperatura

Fui fotografar a cidade
 fotografei a desigualdade
 mais que tristeza
 fotografei os lixos
 na natureza
 Olhei a penúria
 mais que a indelicadeza

no do lugar para tristeza
 de ante de tanto beleza
 das águas das lagoas
 E assim o tempo voa
 comtemplando a natureza

Em primavera do sexta
 tem mais a praças
 mais eu fico sem graça
 porque tem gente que passa
 e fica jogando lixo
 nos ruas e nas praças

3.4 Alegrias e percalços no caminho

Ao propormos à turma as atividades com leitura de poemas, alguns alunos reagiram com enfado e tivemos trabalho em persuadi-los de que uma aula de literatura poderia ser inovadora e interessante. De todas as atividades propostas, a ideia de escrever um poema e declamá-lo foi desanimadora para eles, inicialmente. Por esse motivo, acreditamos que tal desânimo desses alunos em relação ao andamento da aula, dificultou a agilidade das atividades da roda de leitura, pois, já se comportavam com expressão explícita de tédio no início das aulas e mostravam-se resistentes às propostas.

As rodas de leitura e interpretação se alongaram mais do que planejamos, pois, vários alunos tinham dificuldade de se expressar em público, ou não sabiam formular uma hipótese ou uma argumentação acerca das leituras. A parte de registrar por escrito as discussões da leitura foi morosa, pois, a escrita deles era bastante restrita. No entanto, à medida que todos nós, alunos e professora, fomos nos adaptando, gradativamente, ao modelo do nosso projeto, as aulas foram se desenvolvendo e ganhando ritmo.

Além disso, a sala de aula pequena somada à quantidade de alunos desfavorecia a formação do círculo para as rodas de leitura. Houve muitos alunos que participaram ativamente de todas as atividades propostas, no entanto, alguns realizavam-nas, parcialmente, ou se recusavam a realizá-las. Aliás, a questão da indisciplina é um grande problema numa sala de aula, pois, ela atrapalha todo o andamento da aula. As conversas paralelas e as

dispersões impedem a adequada compreensão dos enunciados/comandos proferidos pelo professor, fazendo, assim, parte da turma solicitar, frequentemente, a repetição dos mesmos, travando o ritmo da aula.

Os alunos indisciplinados foram poucos (geralmente 2 ou 3 indivíduos), porém, conseguiam atrapalhar a atenção de todos os colegas e, conseqüentemente, o desenvolvimento das atividades. Insistiam na conversa paralela; levantavam-se e caminhavam pela sala; irritavam os colegas mais próximos; escondiam ou furtavam o material de colegas; mexiam no aparelho celular, enfim, sua motivação parecia estar em desafiar a autoridade do professor, constantemente. Vimos o quanto o professor deve ter flexibilidade para encarar tais situações e procurar envolver o aluno indisciplinado nas atividades, mas nem sempre isso é possível, dado o número de alunos que também precisam de atenção.

As tarefas para casa não tiveram sucesso, conforme prevíamos, dado o perfil desse público pré-adolescente. Parece-nos que, nessa idade, não há mais cobrança dos pais em relação às tarefas de casa, fator que pode dificultar o andamento da aula seguinte, caso tais tarefas estejam dependentes ao conteúdo dessa aula. Nós pedimos pesquisas e esboço de poemas para casa, mas, na aula seguinte dois ou três alunos traziam a tarefa feita.

Outro motivo importante, dito por alguns, era o fato de não se sentirem capazes de realizar a tarefa solicitada, sozinhos, sem a ajuda de alguém. E esse argumento faz bastante sentido se observarmos o comportamento dos alunos frente às atividades em sala: solicitavam a ajuda da professora, constantemente, mesmo em atividades de baixo nível de complexidade em que poderiam ser autônomos.

Esse aspecto de não se sentirem capazes tem associação com a baixa autoestima (exceto em alguns casos em que o aluno quer procrastinar, propositalmente), questão que foi trabalhada por nós por meio da motivação constante. Pudemos presenciar que palavras motivacionais, por parte do professor, podem gerar ótimos resultados nas produções dos alunos.

A dificuldade de escrita é outro fator comum nas escolas brasileiras. Alunos que chegaram ao Ensino Fundamental II (7º ao 9º anos) com visível lacuna no processo de alfabetização: letras ilegíveis e erros ortográficos não equivalentes à idade do aluno.

O calor das salas de aula, as quais possuem dois ventiladores ruidosos, atrapalhou o fluxo da aula devido aos recorrentes pedidos de saída para beber água e ir ao sanitário. Para lermos os poemas era necessário desligar os ventiladores, devido ao ruído, e tínhamos dificuldade para ouvirmos uns aos outros durante as rodas de leitura, se eles estivessem ligados. Como a escola não tem sala de leitura e a biblioteca não comporta toda a turma, além

de não possuir laboratório de informática e computadores para os estudantes, toda a edição das fotografias e a montagem do *e-book* foram realizadas em pequenos grupos por meio do nosso *notebook* pessoal e dos celulares dos alunos, sem uso da internet. Alguns discentes realizaram a edição e a montagem das filmagens da cidade em suas casas. Todo esse procedimento foi moroso porque não tínhamos computadores à nossa disposição, na escola.

As alegrias advindas da aplicação do projeto e seus resultados superaram, amplamente, os obstáculos pelo caminho. Assim que as produções textuais foram surgindo, como resultados das aulas de rodas de leitura, pudemos presenciar o empenho dos alunos em dar o melhor de si no processo de escrita. Eles queriam elaborar seus textos poéticos, mas sentiam insegurança nisso. As atividades de leitura de poemas, em que aprenderam aspectos poéticos e formais do gênero poema, trouxeram, a nosso ver, mais confiança na escrita dos estudantes. Não cabia mais sentir vergonha do texto, mas olhá-lo no todo e ver o que poderia ser melhorado ali. Explicamos que o texto não é escrito de uma única vez. Mas, sim, um trabalho de tessitura em constante aprimoramento.

O processo envolve correção, seleção e substituição das palavras, coesão e coerência das ideias, escolha das rimas e impressão de ritmos, etc., e isso envolve dedicação. É como a construção de uma casa, em que, primeiramente, lançam-se as bases (a ideia principal do poema), depois os tijolos, um a um, que darão a forma da casa (as palavras selecionadas) e, por último, o acabamento da casa que dará beleza para a construção (correções e aprimoramentos).

Dessa forma, os alunos que antes viam seu primeiro texto (esboço) como algo pronto e acabado, passaram a vê-lo como uma ideia no papel passível de construção e melhoramento. E assim, puderam, sentir-se confiantes de que seu texto poderia ficar bastante atraente aos olhos do leitor, e que, bastava eles - os alunos - dedicarem-se no processo de reescrita. O público leitor de seus poemas era, além da professora, seus próprios familiares, o que motivou-os, ainda mais, na dedicação com a escrita. O resultado dessa dedicação pode ser avaliada no livreto impresso com os poemas deles, nos anexos desta dissertação, por amostragem.

No evento de culminância do projeto, os alunos e seus pais compareceram porque queriam muito ver o livreto impresso com seus poemas e suas imagens fotográficas da cidade. Ao manusearem o livro com suas produções, os alunos expressaram contentamento diante do que viram. E acreditamos que sentiram orgulho de si diante do que foram capazes de fazer. O brilho no olhar e a admiração dos seus familiares fizeram aquele dia valer a pena todo o esforço empenhado até ali. O evento escolar compreendeu a apresentação das atividades do

projeto, em *datashow*, aos pais; exposição das fotografias com os poemas escritos pelos alunos; declamações de algumas alunas; mesa de autógrafos e serviço de comidas e bebidas. A mesa de autógrafo, como nossa orientação, foi sucesso absoluto entre os alunos, os quais nunca haviam visto ou participado desse ato. Pelo que observamos em seus semblantes, autografar os livretos dos colegas de turma e dos familiares fez com que se sentissem importantes e valorizados, orgulhosos de si. E nós, também sentimos satisfação por eles e por nós, pelo trabalho realizado até ali.

Figura 14 e 15: Evento de culminância do projeto: familiares e mesas de autógrafos.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 16 e 17: os alunos com seus livretos e alunas declamando seus poemas.



Fonte: Arquivo pessoal

a) Avaliação dos alunos sobre o projeto

Passamos um questionário para que as crianças avaliassem as atividades realizadas durante a aplicação do projeto, incluindo a pergunta sobre o passeio fotográfico: As imagens te ajudaram na criação do seu poema sobre a cidade? De que forma elas te ajudaram? O passeio fotográfico e as imagens capturadas por você ajudou-o na elaboração do seu poema?

Vejam algumas respostas:

Textos 60, 61, 62 e 63: respostas acerca da avaliação do projeto.

4) As imagens te ajudaram na criação do seu poema sobre a cidade? De que forma elas te ajudaram?

Sim elas me ajudaram a fazer o poema
mas ele encheu a auto do poema
de muita forma.

As imagens te ajudaram na criação do seu poema sobre a cidade? De que forma elas te ajudaram?

Sim mostrando a cidade ficou mais fácil

4) As imagens te ajudaram na criação do seu poema sobre a cidade? De que forma elas te ajudaram?

Sim elas me ajudaram muito a ter inspiração

4) As imagens te ajudaram na criação do seu poema sobre a cidade? De que forma elas te ajudaram?

sim. pensar nel que eu ia
escrever.

Observamos que os alunos acreditam que a atividade de captura de fotografias urbanas e posterior leitura das mesmas favoreceu o processo de escrita do seu poema sobre a cidade. Dessa forma, nossa proposta em associar poesia e fotografia os ajudou na motivação, criatividade, percepção e criação, processo que se desenvolveu à medida em que enxergavam os espaços urbanos em seus mais diversos aspectos.

O produto final *E-book*:

Figura 18 e 19: produto final, o livro de poemas.



Fonte: Arquivo pessoal

CONCLUSÃO

Na presente dissertação abordamos a aplicação de uma proposta de ensino que priorizou a formação do leitor de texto literário, com enfoque na leitura e produção de poemas sobre a temática “a cidade”, e empregando o recurso da fotografia como elemento motivador da produção escrita. O trabalho procurou atender a uma das preocupações escolares mais importantes, a formação de leitores. Dessa forma, buscamos ampliar a competência leitora dos alunos através do gosto pela leitura, já que a deficiência nessa formação afeta o processo de ensino-aprendizagem como um todo, inclusive das demais disciplinas escolares.

O uso de letras de músicas e poemas musicados, na sala de aula, chamou a atenção dos alunos convidando-os a se abrirem para as demais atividades, serviu assim como motivação para a leitura de poemas fora da modalidade infantojuvenil, tais como os poemas de Carlos Drummond, Cecília Meireles, Cora Coralina, Dom Aquino, Mário Quintana e outros, todos de temática urbana. Notamos que os alunos aprovaram essa metodologia de ensino ao observarmos a participação na leitura e discussões nas rodas de leitura. Acreditamos que as atividades das rodas de leitura vieram ao encontro do método recepcional, teorizado por Jauss, sobre o qual o leitor é considerado elemento fundamental no processo da leitura (*passim*, 1994), porque a interpretação que este dará ao texto lido estará vinculada à sua experiência de vida e à sua experiência como leitor. Notamos também que as diferentes reações diante da leitura do mesmo texto foram determinadas pelo “horizonte de expectativas” de cada discente, dado o fato de que cada um aciona seu conhecimento prévio e, portanto, suas expectativas acerca do texto serão diferentes e estas podem tanto serem reafirmadas, como rompidas (JAUSS, 1994, p. 31). Além disso, as aulas com as rodas de leituras, em que os alunos puderam se expressar livremente, estratégia incomum na escola, fizeram com que se sentissem valorizados ao serem ouvidos.

Durante a aplicação do projeto, os discentes foram capazes de cantar, ler coletivamente, argumentar, interpretar, produzir textos poéticos, trabalhar em duplas ou grupos, declamar, fotografar, filmar e editar imagens e vídeos. Acreditamos que todas as atividades que proporcionaram tais ações serviram para o desenvolvimento gradual do gosto pela poesia - gosto por ler e interpretar; gosto por produzir o seu próprio texto poético. E, certamente, aprenderam muito, sem que percebessem, sem sentirem o peso das obrigações escolares. É interessante concluir que pessoas motivadas fazem coisas que antes julgavam impossíveis. Perceber que foram capazes de elaborar tarefas complexas como a produção de um texto poético também foi motivador para eles.

Os elementos facilitadores desse processo, tais como, a temática urbana, o uso dos aparelhos celulares e do recurso fotográfico contribuíram, decisivamente, para o sucesso desse trabalho. Todos esses elementos serviram de motivação por serem do interesse dos estudantes, e por isso, motivacionais para eles, uma vez que desfrutam de poucas aulas que fugiram da tradicional aula expositiva em que são sujeitos passivos, receptores de conteúdo. De acordo com Hélder Pinheiro, a primeira condição indispensável para que o trabalho com a poesia seja promissor “[...] é que o professor seja realmente um leitor”. E a segunda condição “[...] é que haja sempre uma pesquisa sobre os interesses dos alunos” (1995, p. 22). Ou seja, fazer um diagnóstico certo quanto ao interesse dos alunos pode ajudar no processo ensino-aprendizagem se o professor souber usar tais interesses a seu favor. Assim, partimos daquilo que conheciam, que tinham familiaridade, do que despertava a atenção. Pudemos concluir que o sucesso de uma atividade escolar é mais bem sucedido quanto maior é a motivação dos alunos. Estudiosos citados nessa dissertação – Costa (2009), Boaventura (2014), Cosson (2012) - nos afirmam isso. E a nossa prática pedagógica, durante o projeto, atestou a funcionalidade da teoria.

As produções dos alunos atenderam às expectativas iniciais e, em alguns casos, superou-as dada a motivação com que realizaram as atividades propostas e as produções textuais, apesar de suas limitações com a língua escrita. Percebemos que os alunos compreenderam as características da linguagem poética e tentaram empregá-la em seus textos, e que a familiarização com esse tipo de linguagem acontece aos poucos quanto maior a exposição deles aos textos literários.

Acreditamos que as atividades de leitura de imagens (fotografias de Sebastião Salgado) e a leitura que fizeram das imagens da cidade de Primavera do Leste, capturadas pelos estudantes, forneceram incentivo às suas produções, de forma que desejaram dar o melhor de si.

“[...] Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”, afirmou Paulo Freire (1996, p. 25). Nós, como professores, estamos em constante formação, aprendendo a cada dia com a docência, seja com as teorias educacionais dos programas de formação continuada, seja com nossos alunos em sala de aula. Esse nobre ofício, por vezes desprestigiado socialmente, tem o poder de transformar vidas. E, como pessoas suscetíveis aos acertos, mas também, às falhas, devemos, frequentemente, realizar uma reflexão crítica acerca da nossa prática pedagógica. Todo trabalho de inovação requer dedicação e a consciência de que algumas práticas podem dar certo, e outras, nem tanto, devido a inúmeros fatores que permeiam o âmbito escolar. As condições que se encontra a educação básica, na

atualidade, é um verdadeiro desafio diário para o professor.

Nesse sentido, podemos comemorar a superação das dificuldades inerentes à profissão e termos a consciência de que podemos aprimorar essa proposta nas próximas edições, criar outras como esta, em projetos escolares futuros. Sempre numa atitude reflexiva diante do processo de ensino, tendo em mente que a dedicação do professor em se atualizar e promover melhoramentos em sua prática pedagógica é o cerne do sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Diante disso, destacamos a importância do programa de mestrado Profletras para nossa formação profissional. O programa constituiu como um “divisor de água” na nossa caminhada docente. Vários professores talvez não tenham a oportunidade de embasar seus projetos teoricamente como nós o fizemos ao cursar o Mestrado, mesmo assim, sempre há como aperfeiçoar as práticas, apesar das limitações que o sistema escolar nos impõe. Seguramente, o mestrado trouxe conhecimentos relevantes para aprimorarmos nossas práticas pedagógicas, por isso a importância do programa Profletras na formação do profissional da educação. Com base nisso, podemos afirmar que o poder público estará na direção certa se investir cada vez mais na formação contínua dos profissionais da educação por meio de cursos de especialização, mestrado e doutorado.

Dado os resultados positivos alcançados nessa proposta, sentimo-nos com imensa motivação em criar e implementar novos projetos como esse na escola.

Em suma, como resultado final das análises, pudemos notar que as atividades de leitura, interpretação, explanação de conceitos, pesquisas fotográficas, entre outros, contribuíram positivamente nas produções textuais dos alunos. A outra situação diz respeito ao uso da fotografia como meio motivador do processo de escrita do poema, sobre o qual pudemos inferir que os alunos, realmente, sentiram entusiasmo nas atividades de passeio fotográfico, tendo em vista que iriam escrever sobre as imagens capturadas por aparelhos celulares. Ao observarmos, tanto a produção imagética, quanto a produção poética dos educandos, sentimos que o trabalho realizado atingiu os objetivos propostos. E, ancoradas nas análises do material obtido, e após as reflexões teóricas e literárias, podemos afirmar com certa propriedade aos possíveis leitores desta dissertação que unir a tecnologia ao ensino de língua pode favorecer e melhorar o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa nas escolas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Receita de ano novo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- _____. **Alguma poesia**. Rio de Janeiro: Record, 2001. Disponível em: <<http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond01.htm>>. Acesso em 13 de janeiro de 2018.
- A VOZ DA POESIA. **Aquarela – Toquinho**. Vídeo MP4 (4min 46s). 02 mar 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7j7dioVII0A>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.
- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: _____. **Filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Trad. Antônio da Costa Leal e Lídia do Vale Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 181-354.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- BÍGIO, Mariane. **Marmelo, o Jacaré Banguelo!**. (28 jul 2014). Disponível em: <<https://marianebigio.com/2014/07/28/marmelo-o-jacare-banguelo/>> . Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.
- BOAVENTURA, Roberto. **Gradação de leituras no ensino literário**. 2 ed. Tangará da Serra: Ideias, 2014.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998).
- CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004.
- CAVALHERO, Aymê. **Poesia infantil - José Paulo Paes**. 25 abril 2016. Disponível em: <<http://literaturainfantilpoesia.blogspot.com.br/2016/04/jose-paulo-paes-paraiso.html>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2017.
- CORALINA, Cora. **Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1965.
- COLOMER, Tereza. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- _____. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.
- CORDEIRO, Felipe. **"A Cidade" - Chico Science & Nação**. Vídeo MP4 (4min 46s). 25 jun 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hBJNHTyG_6E>
- COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____; PAULINO, Graça. Letramento literário: para viver a literatura. In: ZILBERMAN, Regina, ROSING, Tania M. K. orgs. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. Coleção Leitura e formação.

COSTA, Maria Cristina Castilho. A leitura das imagens. In: ZILBERMAN, Regina, ROSING, Tania M. K. orgs. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. (Coleção Leitura e formação)

CUSTÓDIO, Melina Aparecida. Documentário e pichação: a escrita na rua como produção multissemiótica. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Dicionário de rimas**. (2006). Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/rimas/>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2017.

ELIOT, T.S. A função social da poesia. In: **De poesia e poetas**. Trad. e prólogo Ivan Junqueira. S. Paulo: Brasiliense, 1991, p. 25-37.

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/pdf-pedagogiadautonomia-paulofreire%20(1).pdf>. Acesso em: 13 de janeiro de 2018.

FIGURELLI, Roberto. **Hans Robert Jauss e a estética da recepção**. Revista Letras. Curitiba (UFRR), v.37. p. 265-285, 1988.

GARCIA. Edson Gabriel. **Textos – poemas**. (s.d.). Disponível em: <<http://www.escretoresongabriel.com.br/poemas.html>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2017.

GLOBO.COM. **Primavera do Leste (MT) é uma terra de oportunidades e de vida tranquila**. (01 mar 2003). Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/03/primavera-do-leste-mt-e-uma-terra-de-oportunidades-e-de-vida-tranquila.html>>. Acesso em: 22 de setembro de 2017.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

HUNHOFF. Elizete Dall' Comune. Literatura e leitura - concepções sobre o ensino de literatura e a formação do leitor. **Revista Ecos**. Cáceres/MT, volume 11, nº 2. p.31, 2011.

_____. **Tempo e Identidade: estudo da poética de Florbela Espanca e Cecília Meireles**. Cáceres/MT: Editora UNEMAT, 2010.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 4ª edição (2015). Disponível em: <prolivro.org.br/home/.../2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>

ISER, Wolfgang. Problemas da teoria da literatura atual. In: LIMA, Luiz Costa (Org). **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

_____. La Jouissance esthétique. Les expériences fondamentales de la poiesis. de l'aisthesis et de la catharsis. **Poétique**. 10<3>:261-74. 1979.

JOSÉ, Elias. **Segredinhos de amor**. 2ª ed. São Paulo, Moderna, 2002.

LIMA, Gleiton Luiz de. **História de Primavera do Leste**. Londrina: Maxiprint, 2012. Mato Grosso. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações Curriculares: Área de Linguagens**. – Cuiabá: Gráfica Print, 2012. Disponível em: <<http://camarapva.com.br/livro.pdf>>. Acesso em 12 de março de 2017.

LITERA INFANTIL. **Convite, José Paulo Paes**. 07 mai 2010. Disponível em: <<http://literainfanto.blogspot.com.br/2010/05/convite-jose-paulo-paes.html>>. Acesso em: 11 de maio de 2017.

LITERATURA MATOGROSSENSE. **Dom Aquino Corrêa**. (s.d.). Disponível em: <<http://literaturamatogrossense.blogspot.com.br/2009/04/dom-aquino-correia.html>>. Acesso em: 21 de março de 2017.

MATO GROSSO. Lei Estadual nº 10.232, de 29 de dezembro de 2014. **Torna defeso, para uso não pedagógico, o uso de aparelhos/equipamentos eletrônicos em sala de aula do ensino fundamental e médio do Estado de Mato Grosso**. Diário Oficial de Mato Grosso. Disponível em: <https://www.al.mt.gov.br/storage/webdisco/leis/lei-10232-2014.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2-17.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. Objetivos de aprendizagem para escolas de ensino fundamental 2017. In: **Orientativo Pedagógico 2017**. Disponível em: <<http://cos.seduc.mt.gov.br/upload/permanente/Arquivo/ORIENTATIVO%20PEDAG%C3%93GICO%20201661242977566625.pdf>>. Acesso em: 12 de maio de 2017.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1987.

MELO, Edsônia de Souza Oliveira; OLIVEIRA, Paulo Wagner Mura de; VALEZI, Sueli Correia Lemes. Gêneros poéticos em interface com gêneros multimodais. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MEYER. Ivanise. **Poemas de José Paulo Paes**. (22 abril 2010). Disponível em: <baudashistoriasepoemas.blogspot.com/2010/04/poemas-de-jose-paulo-paes>

MIRANDA. Antônio. **E. M. de Melo e Castro**. (maio 2017). Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_visual/e_m_de_melo_castro.html>. Acesso em: 02 de junho de 2017.

MORAES, Vinícius de. **A arca de Noé**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 1991.

MURRAY, Roseana. **Pêra, uva ou maçã?**. São Paulo: Scipione, 2005.

NOGUEIRA JÚNIOR, Arnaldo. **Poemas de Dezembro - Carlos Drummond de Andrade**.

(s.d.). Disponível em: <http://www.releituras.com/drummond_dezembro.asp>. Disponível em: 10 de outubro de 2017.

PAES, José Paulo. **Poemas para brincar**. 12ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

PAULO EDUARDO. **Cidadão (Zé Geraldo)**. Vídeo MP4 (3min 39s). 18 de jun de 2007 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XxipzhpjtY>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PINHEIRO, Hélder (org.). **Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões**. São Paulo: Duas cidades, 2000.

_____. **Poesia na sala de aula**. João Pessoa: Ideia, 1995.

PINTO, Marta pontes. **O gênero lírico**. 19 mai 2010. In: Portal do professor. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=20057>>. Acesso em: 28 de maio de 2017.

POEMAS DE PAULO LEMINSKI. **“Amar é um elo”**. (13 abril 2010). Disponível em: <www.poesiaspoemaseversos.com.br/paulo-leminski-poemas>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2017.

PRIETO, Heloisa.(org.). **Conversa de Poeta**. 1ed. São Paulo: Salamandra, 2003. (Coleção literatura em minha casa; v.1. Poesia)

ROCHA, Fabio. **Carlos Drummond de Andrade - Poemas**. 06 set 2006. Disponível em: <<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/cidadezinha-qualquer-drummond/>> . Acesso em: 10 de fevereiro de 2017.

ROCHA, Ruth. **O direito das crianças**. São Paulo: Cia das letrinhas, 2002.

ROJO, Roxane. Protótipos didáticos para os multiletramentos. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SALGADO, Sebastião. Exposição Êxodos (de 05/04 à 10/06). Espaço Cultural Contemporâneo Venâncio – ECCO. Brasília, 2001. (Coleção pessoal).

SONETO SENTIMENTAL À CIDADE DE SÃO PAULO – Vinícius de Moraes

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ANEXOS

ANEXO A – PROJETO E PLANO DE AULA

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

LÍDIA TAGARRO COSTA PEREIRA

PRODUÇÃO DE LEITURA DE POEMAS E DE FOTOGRAFIA: A CIDADE VISTA PELO OLHAR
ESTÉTICO DO ALUNO

LÍDIA TAGARRO COSTA PEREIRA

PRODUÇÃO DE LEITURA DE POEMAS E DE FOTOGRAFIA: A CIDADE VISTA PELO OLHAR
ESTÉTICO DO ALUNO

Projeto apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientação: Profª. Dra. Elizete Dall’Comune Hunhoff.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
OBJETIVOS	6
Objetivo geral.....	6
Objetivos específicos.....	6
JUSTIFICATIVA	8
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
METODOLOGIA	16
CRONOGRAMA DO DESENVOLVIMENTO DA INTERVENÇÃO	20
REFERÊNCIAS	22
ANEXOS	23

INTRODUÇÃO

Ainda hoje, presenciamos escolas que não possuem biblioteca ou um espaço reservado à leitura, como é o caso da escola onde aplicaremos o projeto ora em desenvolvimento. No entanto, entendemos que não basta ter tal lugar, é preciso ali desenvolver atividades de leitura para que o acesso seja atrativo e garantido. O papel da família no processo de aquisição do gosto pela leitura é importante e imprescindível na medida que, ainda muito pequenas, as crianças têm contato com o universo das palavras e veem a leitura como natural, ato que faz parte da vida e que pode ser prazeroso. No entanto, sabemos que a realidade de muitas delas equivale a não possuir um único livro em casa e nunca veem um adulto lendo, muito menos, para ela.

Com esse cenário, o papel da escola se faz primordial nesse primeiro contato das crianças com os livros. Afinal, é dever da família e do Estado – através da instituição escolar – prover a educação. Se a família não possui condições de prover as bases da primeira educação, a escola se sobrecarrega, como vemos hoje. Por isso, a realidade reserva grandes desafios para a escola, e o principal deles é superar o fato de que o Brasil é um país de proporções continentais que possibilitam inúmeras realidades distintas de acesso à leitura. Por vezes, numa mesma cidade, há escolas equipadas com bibliotecas, salas de leitura, auditório, sala de informática, laboratório de ciência, etc. e outras bem precárias, que convivem até com a falta de água e outros recursos básicos, como um só ventilador de teto. Além disso, a heterogeneidade das turmas exige do profissional da educação certa flexibilidade didática, dinamismo intelectual e pragmático em suas aulas, a fim de atender a todos nos seus mais variados níveis de aprendizagem.

O acesso à leitura fora da escola é ainda um fator complicado para a maioria dos estudantes, haja vista o valor financeiro elevado que afugenta os pais, ou a falta de cultura da compra de livros aos filhos. A leitura *on line*, que poderia ser uma alternativa em tempos de grandes avanços tecnológicos, também é desigual na medida que o acesso não chegou a todos. Além do mais, os alunos precisam ser estimulados e direcionados na difícil tarefa de selecionar leituras pertinentes dentro de um redemoinho de informações soltas na Internet.

Como podemos ver, a grande maioria das escolas públicas enfrenta desafios no processo de acessibilidade à leitura e à escrita para seus educandos. Na Escola Estadual Paulo Freire, onde lecionamos e desenvolveremos nosso projeto de intervenção e pesquisa, o cenário não é diferente. A Escola Estadual Paulo Freire está localizada no município de Primavera do Leste, MT, à 230 Km da capital do Estado. Possui aproximadamente setecentos e cinquenta estudantes, oriundos de variadas localidades do município, incluindo a zona rural. Atende ao 3º Ciclo do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio. A escola é relativamente nova, foi fundada em 2010 com a promessa governamental de instalações próprias futuras, por isso, seu funcionamento se deu, por cinco anos, no complexo de salas de uma universidade particular da cidade. Sem prédio próprio, nos dois últimos anos, funcionou dividida com salas anexas em duas outras escolas. Nessa trajetória errante, o governo estadual, no ano 2016, construiu, em um outro bairro, uma escola provisória com treze salas, as quais não comportam o contingente de alunos que recebia anteriormente. Diante disso, além dessas salas, a escola, novamente, terá que funcionar em salas anexas de outra escola.

Durante esses anos, desde a sua fundação, a escola não possuía um local apropriado e convidativo à prática de leitura, como uma biblioteca ou sala de leitura. Os poucos livros literários que possuía, acomodados em caixas de papelão, eram levados pelas professoras para a sala de aula, lidos e, depois, recolhidos. Vemos que as dificuldades de acesso à leitura literária não são locais, é uma realidade brasileira, principalmente nas

localidades mais retiradas dos grandes centros urbanos, porém, consoante a muitos especialistas, entendemos que a escola não deve negar ao aluno o direito à literatura (CÂNDIDO, 2004, p. 169–191).

Diante disso, a proposta de trabalho aqui, em desenvolvimento neste projeto, consistirá na apresentação de textos que promovam a leitura, a interpretação e a escrita literárias, com ênfase em poemas, cuja temática é a cidade, retratada pelos alunos, em textos verbais e não verbais – a fotografia, cujas abordagens textuais e interpretativas poderão ser intertextuais e interdisciplinares, pela grande contingência de subtemas que aborda: moradia, estresse, emprego, desemprego, saneamento, etc. Será aplicada no primeiro semestre de 2017. Fará parte do projeto de intervenção deste mestrado uma turma do 7º Ano do Ensino Fundamental, composta por trinta alunos, conforme as matrículas na folha de chamada, da Escola Estadual Paulo Freire, como já enunciamos, localizada no município de Primavera do Leste, Mato Grosso.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Proporcionar, aos alunos do Ensino Fundamental, possibilidades de formação literária, a partir de leituras, interpretações e produções orais e escritas de textos poéticos, com ênfase na literatura infantojuvenil, abordagens textuais verbais e não verbais e tendo como temática “a cidade”.

Objetivos específicos:

- Propor aos alunos exercícios reflexivos de leitura que os levem a exercitar a habilidade de leitura literária;
- Procurar fazer com que os alunos socializem oralmente as interpretações dos poemas lidos em classe, de autores contemporâneos, regionais ou não, e ao motivá-los a exporem oralmente e por escrito as próprias impressões, projetem imagens interpretativas acerca de suas subjetividades;
- Mostrar aos alunos, com textos exemplares, como analisar a interação entre poemas e imagens – propondo aos educandos leituras interpretativas das linguagens verbal e o não-verbal, denotativa e conotativa;
- Mostrar aos discentes os elementos poéticos presentes no texto, tais como: ritmo, versos rimados ou livres, seleção do vocabulário, forma, metáforas e seus efeitos de sentidos junto à imagem, visando a identificarem seus conceitos e importância na produção de significado;
- Fazer com que os alunos possam comparar o gênero poema, em versos e em prosa, com outros gêneros artísticos, como a letra de música, a fotografia, a pintura, a escultura;
- Propor condições para o desenvolvimento do prazer estético pelo ato de leitura, de textos verbais e não verbais
- a fotografia, instigando a curiosidade e a criatividade por meio de perguntas estimuladoras acerca dos conteúdos dos poemas que serão apresentados;
- Promover situações que estimulem os alunos a exercitarem a declamação de poemas, na classe e extraclasse, visando a que desenvolvam a linguagem corporal e linguística: postura, dicção, comunicação e interação;
- Conduzir os alunos a passeio(s) pela cidade com a finalidade de observar e fotografar imagens inspiradoras de poesia, estimulando no aluno um olhar estético e ao mesmo tempo crítico da cidade;
- Incentivar e organizar a produção de poemas associados às imagens fotografadas da cidade, visando à produção de leitura e de escrita;

- Procurar divulgar as produções literárias e fotográficas dos alunos em diversos varais literários, com os poemas e as fotografias produzidos por eles em espaços públicos da escola e outros que possam acolher as produções discentes;
- Propor aos discentes a confecção de um *e-book* com os poemas e as fotografias criados por eles, bem como, a montagem de um *slideshow* no *software Movie Maker* contendo as declamações e fotos. Ambos serão publicados no *blog* da escola e na página do *Facebook*.
- Promover, com os estudantes, uma exposição pública de poemas autorais, em painéis, e com recitação, jogral, encenação e música, em que a produção dos alunos será exposta à comunidade escolar.

JUSTIFICATIVA

Temos percebido que nas séries escolares, iniciais, as crianças têm contato com a literatura, principalmente a oral, e parecem se divertir com essa forma de linguagem, sem saberem o que é e para que serve. São motivadas a cantarem cantigas de rodas, canções folclóricas, parlendas, ouvirem causos, adivinhas, lerem e recitarem poematos. No entanto, por alguma razão, nas séries seguintes, aos poucos tal motivação se esvai de forma que, ao chegarem às classes de aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, tais atividades já parecem esvaziadas de sentido.

Mas, o que acontece nas séries seguintes, quando já são maiores, emerge um certo desencanto no gosto pelo texto literário? De acordo com Graça Paulino e Rildo Cosson:

As crianças parecem ser mais felizes no processamento escolar e familiar em sua relação com a literatura, quando nem sabem o que é isso e apenas se entregam aos prazeres rítmicos de poemas, aos suspenses de tramas às vezes milenares que lhes chegam, sem cobranças, e à invenção de palavras que misturam sons e sentidos mal compreendidos, sem “atividades” pedagógicas, na educação infantil. (*Apud* ZILBERMAN; RÖSING, 2009, p. 73).

Parece-nos que, na educação infantil, o prazer literário existe porque não há cobranças e atividades pedagógicas enfadonhas que minam a possibilidade de fruição. Assim, podemos compreender que, nas séries finais do Ensino Fundamental, “o caráter de obrigação das tarefas disciplinares” acaba por boicotar “o prazer da descoberta do mundo encenado na literatura” (PAULINO; COSSON, 2009, p 73). Há uma lacuna entre as séries iniciais e as finais a ser preenchida de forma a superar esse afastamento do aluno e o texto literário. Segundo Zilberman, nesse processo,

[...] a escola pode ou não ficar no meio do caminho: se cumprir sua tarefa de modo integral, transforma o indivíduo habilitado à leitura em um leitor; se não o fizer, arrisca-se a alcançar o efeito inverso, levando o aluno a afastar-se de qualquer leitura. (ZILBERMAN, 2009, p. 30).

Muitas vezes o aluno compreende bem o código linguístico e é leitor proficiente em tipos de textos outros, mas parou no meio do percurso, pois não possui, ainda, o letramento literário necessário para um tipo de leitura diferenciada que exige mais maturidade do leitor.

Além de a literatura geral ser trabalhada de forma ineficiente e precária em sala de aula, por uma grande maioria de profissionais, vemos a situação particular da poesia ser pouco estimulada, nesse âmbito. Tem-se

percebido que a leitura de poemas com a prática de atividades que visam a experiência estética é, muitas vezes, negligenciada nas aulas de Língua Portuguesa nas escolas, parece haver uma preferência entre os professores em trabalharem com narrativas em prosa, uma vez que nestas os aspectos estruturais são mais assimiláveis, tais como o narrador, as personagens, o enredo, etc. Os elementos da narrativa, geralmente, são considerados mais visíveis e assimiláveis aos alunos. A poeticidade, no entanto, é mais abstrata, livre, sensitiva, não se deixa limitar, abre portas para a subjetividade do leitor desenvolver sua imaginação, sua criatividade, seu encanto. Por isso, para ser trabalhada na sala, exige certa competência e preparo didático-pedagógico prévio do professor para ser o elo entre o texto poético e o receptor – o aluno.

A nossa preocupação, ao propor o conteúdo deste projeto, é possibilitar aos alunos reflexões acerca do texto literário por meio da oferta e convivência com textos estéticos, também com a finalidade de proporcionar a eles experiências literárias, ampliando os sentidos de leitura e, ao mesmo tempo, minimizar os efeitos dos processos de didatização da literatura, pelos quais esta, muitas vezes, é usada como pretexto curricular.

A intenção maior é propiciar a oportunidade de o aluno perceber a poeticidade por meio da experiência estética, em linguagem verbal e não verbal, evocada pela leitura do texto literário. Permitir ao leitor acessar sua subjetividade e deixá-lo extrair significado próprio ao texto são objetivos ainda pouco explorados nas atividades pedagógicas de leitura no meio escolar, ao que observamos. Em detrimento disso, vimos que as atividades superficiais ao crescimento intelectual, ou de enfoque conteudista, lideram no trabalho com a literatura. Sobre isso, Colomer (2007, p.64) comenta: “Em geral, nós docentes dedicamos muito pouco tempo para saber que autoimagem, como, leitores, têm os alunos e como lhes afetam as obras que leem.” É mais a frente pondera, “[...] ensina-se a dar respostas objetivas e a ocultar a subjetividade, passando à imagem do enlace do texto com o mundo do leitor”. Assim, a escola acaba por interditar o acesso a uma verdadeira experiência literária.

Diante disso, a escolha por trabalhar com a poesia pareceu-nos imensamente pertinente. Pois, de acordo com Helder Pinheiro:

A experiência que o poeta nos comunica, dependendo do modo como é transmitida ou estudada, pode possibilitar (ou não) uma assimilação significativa pelo leitor. O modo como o poeta diz – e o que diz – ou comunica – sua experiência, permite um encontro íntimo entre leitor-obra que aguçará as emoções e a sensibilidade do leitor. (1995, p. 18).

Assim, como proposta pedagógica, buscamos trabalhar a poesia pela fruição estética e não apenas como pretexto de cunho curricular.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A leitura se constitui por propiciar ao leitor uma maneira de ele fazer parte do mundo civilizado, de participar ativamente do seu contexto, exercer efetivamente a cidadania e lutar pelos direitos. Ser letrado é uma forma de se representar no mundo. Segundo Zilberman e Rösing (2009, p. 30), “Compreendida de modo amplo, a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca”. Dessa forma, a leitura pode servir para informação utilitária, conhecimentos científicos, históricos e culturais, leitura do mundo e também para o prazer. Como competência das mais valorizadas pela sociedade, o ato de ler, para quem não o possui, pode significar exclusão social. Podemos ler para escolher o ônibus, para nos informar, para entretenimento, para adquirir conhecimento, ter acesso aos bens culturais, bem como, ler o olhar ou o

comportamento das pessoas, ter percepção do que lhe rodeia.

No contexto do ambiente escolar, a leitura compreende competência primordial a ser desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) destinados ao Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental prevê a seguinte proposição em relação à leitura:

No processo de leitura de textos escritos, espera-se que o aluno: leia, de maneira autônoma, textos de gêneros e temas com os quais tenha construído familiaridade; compreenda a leitura em suas diferentes dimensões, o dever de ler, a necessidade de ler **e o prazer de ler**. (PCN, 1998, p. 50 – 51). (grifos nossos).

Isso é reforçado pelo que recomenda as Orientações Curriculares (OC) para o Estado de Mato Grosso para o 3º Ciclo do Ensino Fundamental:

O desenvolvimento de capacidades de leitura e de escrita é indispensável no processo da compreensão da realidade para o exercício da cidadania como uma das condições para a transformação social. Pela leitura, o estudante tomará contato não apenas com conhecimentos produzidos à sua volta, podendo construir um panorama da realidade em que vive, e empregá-los nos textos que vier a produzir, **mas também com o prazer estético proporcionado pelos textos literários**". (2012, p.44). (grifos nossos).

Vejamos que nas duas citações dos documentos acima, dentre critérios igualmente pertinentes, como capacidade linguística e exercício da cidadania, o prazer de ler também é destacado, pois constitui agente motivador para as práticas de leitura em sala de aula. Trabalhar o texto literário de forma inovadora, deixando para trás velhas práticas pedagógicas que “matam” o texto e afasta o leitor aluno do universo literário é o grande desafio do professor de literatura, hoje. Além disso, no trato com o texto literário podemos cair na armadilha de usá-lo na sala de aula como pretexto, dada a didatização do conhecimento literário ainda arraigado por décadas no âmbito escolar. Por esse motivo, abrir espaço para mudanças se faz necessário. Nesse sentido, as Orientações Curriculares para o estado de Mato Grosso alerta para que:

[...] a leitura, principalmente de textos literários deixe de ser cobrada, pontuada com perguntas que enfocam a localização de informações explícitas no texto e não exploram outras capacidades importantes como compreender, entender, inferir, construir hipóteses e estabelecer relações, entre outras. (2012, p.44).

Para que tais capacidades previstas pelos documentos acima sejam concretizadas, a socialização das opiniões e a interação entre os estudantes poderão ajudar no processo de compreensão, reflexão e assimilação dos sentidos possíveis ao texto. Nesse sentido,

[...] antes de mais nada, o letramento literário requer o contato direto e constante com o texto literário [...]. À escola e ao professor cabe, pois, disponibilizar espaços, tempos e oportunidades para que esse contato se efetive” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 74).

Ou seja, promover a acessibilidade ao material literário é o primeiro passo na direção do letramento literário. Para Paulino e Cosson (2009, p. 67), o Letramento Literário pode ser definido “[...] como o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”, ou seja, o letramento “[...] trata-se de apropriação, isto é, um ato de tornar próprio, de incorporar e com isso transformar aquilo que se recebe, no caso, a literatura”. Nesse sentido, questionamos e procuramos refletir sobre como deve ocorrer essa apropriação do literário na escola.

Só se aprende a ler, lendo. Gregorin Filho (2009) comenta sobre a importância de os professores

levarem os alunos a terem acesso ao material literário. Para que isso ocorra, a escola e o professor de Língua Portuguesa devem propor atividades que acrescentem poder interpretativo a seus alunos:

Trabalhar com literatura infantil em sala de aula é criar condições para que formem leitores de arte, leitores de mundo, leitores plurais. (...) oferecer e discutir literatura em sala de aula é poder formar leitores, é ampliar a competência de ver o mundo e dialogar com a sociedade. (GREGORIN FILHO, 2009, p. 78).

O contato direto com materiais literários, adequados à idade, num ambiente apropriado à leitura – dever da escola, somado ao estímulo necessário para introdução de tais materiais com a finalidade de aguçar a curiosidade e imaginação – dever do(a) professor(a), constituem pilares edificadores que podem transformar a realidade de leitura dos nossos alunos.

Desse modo, como a proposta de leitura literária desse projeto, concebe a literatura na sua função social e pretende proporcionar aos alunos a possibilidade de uma experiência estética diante do texto poético, trazemos Hélder Pinheiro (1995, p. 17) que trata da poesia na sala de aula a partir das reflexões de T.S. Eliot, diz: “Para o poeta, a função essencial da poesia está em que ‘possamos nos assegurar de que essa poesia nos dê prazer’”. Mais à frente diz,

Para além de qualquer intenção específica que a poesia possa ter, (...), há sempre comunicação de uma nova experiência, ou uma nova compreensão do familiar ou a expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras – o que amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade. (PINHEIRO, 1995, p. 17)

A poesia é capaz de “ampliar a consciência” ou “apurar nossa sensibilidade”, diz o autor (p. 17). Nesse sentido, vemos o quanto é falho o trabalho com a poesia em grande parte do ambiente escolar. Trabalha-se aspectos meramente pragmáticos de todos os tipos com o texto literário, relegando a fruição, aspecto primordial para o nascimento do prazer de ler. Gaston Bachelard em *Poética do Espaço* (1978), vê a poesia como criação sublime que tem sua origem na imaginação, ou seja, na imagem poética. Para ele, “[...] a poesia tem uma felicidade que lhe é própria, qualquer que seja o drama que ela seja levada a ilustrar.” (BACHELARD, 1978, p. 192). Seja advinda de um poema alegre ou de uma narrativa triste, na poesia sobressai-se o belo, o sublime.

Outro autor que segue essa mesma linha é Otávio Paz que, em *O arco e a lira* (1984, p.15), proclama a poesia como “[...] conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo”. Para o autor, a atividade poética é revolucionária por natureza, pois, é um “exercício espiritual, é um método de libertação interior” (*Ibid*, p. 15). A poesia, ainda, revela os mistérios deste mundo ao mesmo tempo em que cria outro. Ela também é capaz de isolar e de unir. É um “Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular” (*Ibid*, p. 15). É expressão histórica de raças, nações, classes. “Em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem.” (PAZ, 1984, p.15). A poesia nos faz viajar através dos meandros da imaginação, constitui alimento para a alma, riqueza de estímulos que aguça a sensibilidade. Nessa mesma perspectiva da recepção do leitor, Regina Zilberman (1989, p. 60 e 61), a partir das reflexões de Hans Jauss, assegura que o prazer estético compreende a *Poiesis* - o leitor sente-se coautor da obra, uma vez que ele é quem dá sentido ao texto; a *Aisthesis* – o prazer diante do “efeito provocado pela obra de arte, de renovação da percepção do mundo circundante” (p. 61); e *Katharsis* – “identificação” com a obra que faz o leitor questionar condutas sociais. Essas três atividades reforçam o caráter social da literatura.

Por esses aspectos, pensamos ser pertinente trabalhar a literatura como fruição literária, a fim de levar o

aluno a desenvolver o gosto pela leitura literária.

Nesse processo, a didática constitui fator determinante no trato com o objeto a ser estudado em sala de aula. Nesse mesmo sentido, Boaventura (2014, *passim*) fornece ao leitor sugestões metodológicas direcionadas para o processo gradativo de leituras. Tal processo, valoriza os níveis de leitura, tão heterogêneos na sala de aula, uma vez que permite a todos os alunos desenvolverem sua relação com a leitura de forma gradual, desde a proficiência básica a mais avançada. O autor sugere que iniciar o processo de gradação de leituras com textos não verbais, quais sejam os de recursos visuais e os auditivos podem atrair a atenção dos alunos, motivá-los e prepará-los para a leitura efetiva do texto. Nesse sentido, textos publicitários, gravuras, *charges*, etc., podem ser úteis na exploração de recursos pictóricos, assim como os poemas musicalizados podem ser utilizados como recursos auditivos. O autor, ainda, nos chama a atenção para o uso desses materiais extraliterários como motivadores para atividades de leitura literária. Segundo Boaventura, tais materiais devem ser usados de forma equilibrada e sempre recorrendo a fontes literárias, de forma que façam um paralelo com atividades acerca de poemas (*ibid.*, p. 32 e 33). Após a explanação dos recursos citados acima, e só então, o autor propõe a leitura do texto puramente escrito:

Depois das incursões em textos (predominantemente) visuais e auditivos, podemos chegar àqueles que são elaborados apenas com os códigos da escrita. E assim, dos poemas musicados, é possível fazer a passagem aos poemas não-musicados [...]. (p.31).

Dessa forma, podemos trabalhar os níveis de leituras, desde a básica à avançada, proporcionando aos alunos um crescimento intelectual significativo no seu processo de formação como leitor.

O uso da tecnologia também compõe nossa didática neste projeto, pois, entendemos que as constantes mudanças sociais, invariavelmente, desencadeiam novas formas de conceber o ensino e suas propostas metodológicas. Essas transformações pelas quais passa a sociedade trazem consigo novos desafios ao ensino de língua. A escola sente os efeitos e precisa se adaptar a um mundo fluído e tecnológico cada vez mais exigente com ela. A temática sobre tecnologias no ambiente escolar, não constitui pauta recente na educação, uma vez que foram e ainda são publicados e distribuídos materiais de formação contínua aos professores visando à atualização deste à era digital. Assim, o sistema procura evitar que o abismo escola/aluno seja intransponível. Retroprojetores multimídia, lousa eletrônica, pincéis atômicos (ao invés do velho giz), sala de informática, *tablets* para alunos foram tidos como verdadeira solução para a educação. Mas, sem entrar no mérito das promessas educacionais, o que sabemos é que querendo ou não, a tecnologia veio para ficar e fazer parte do ensino de língua. Imagina-se que faz parte do universo da maioria dos nossos alunos possuem um aparelho telefônico celular nas mãos ao invés do livro físico, como o conhecemos. Diante disso, o professor deverá dinamizar esforços para se atualizar com a tecnologia, para captar a atenção e o interesse dos estudantes de forma eficiente. Confiamos que isso não será uma luta perdida.

O desafio maior dessa profissão sempre foi e será motivar os alunos para que possam aprender algo. E a tecnologia, uma vez que chama tanta atenção do alunado, pode e deve ser usada a favor da qualidade da educação, no sentido de deixar as aulas mais atraentes. Há urgência em assimilar as novas demandas socioeducacionais. O tempo urge e não devemos ignorar a tecnologia, como afirma Gregorin Filho:

Não podemos esperar leitores como aqueles do início do século XX, devemos mudar

a maneira de ver as necessidades dessa criança leitora de mundo, leitora de múltiplos códigos e até mais competente com essas novas tecnologias do que nós mesmos. (GREGORIN FILHO, 2009, p. 12)

Não há dúvida de que nós, professores, precisamos empregar os recursos tecnológicos em nossas práticas pedagógicas para esse aluno leitor de múltiplos códigos. Não basta um texto verbal. Há de ser um hipertexto com linguagem verbal escrita, verbal oral, não verbal, imagética e sonora, etc., para chamar a atenção do alunado tecnológico. De acordo com Melo,

[...] as práticas de linguagem de alta modernidade, cada vez mais presentes no cotidiano social dos alunos, impulsionam o professor a promover ainda mais mudanças em sua ação docente com vistas a garantir maior motivação e bons resultados no desenvolvimento dos nossos alunos. (MELO, *et al*, p. 148, *apud* ROJO; MOURA, 2012, p. 148)

Diante dessas mudanças e tentando nos adaptar aos gêneros multimodais - “[...] diferentes gêneros de texto organizados por diferentes modalidades de linguagem” (*Ibidem*, p. 147) – vimos, assim, uma bem-vinda oportunidade em inserir a fotografia como tecnologia motivadora para nossas práticas pedagógicas com a poesia, em sala de aula. Percebemos que as imagens visuais constituem grandes atrativos para crianças e adolescentes, e estas ainda são pouco utilizadas no ensino. Segundo Costa (2009, p. 84), “A educação tem tido, em relação à compreensão das imagens visuais, uma atitude ingênua, como se aquilo que se vê fosse dotado de transparência em relação ao que significa e à forma como repercute em nossa mente.” (COSTA, *apud* ZILBERMAN; RÖSING, 2009, p. 84). Como vimos, assim como as palavras, a imagem também não é transparente. Ela reclama sentidos. Sentidos estes que serão atribuídos pelos olhos de cada espectador. Costa fala do que motiva o espectador diante da imagem:

Quando defendemos a introdução de imagens na educação, estamos pensando no seu potencial emotivo, envolvente e sedutor, naquilo que foge à racionalidade e à precisão da escrita. Estamos pensando nas vantagens que trará sob a forma de motivação, de apelo subjetivo para uma educação que possa abandonar o apego aos cânones positivistas em favor de uma melhor compreensão da interioridade humana. (COSTA *apud* ZILBERMAN; RÖSING, 2009, p. 97)

De acordo com a autora, esse caminho deve ser construído entre professores e alunos, pois não há fórmula pronta. Por isso, trabalhar com gêneros multimodais pode ser um desafio para o professor, pois, ele necessitará, muitas vezes, pesquisar, investir recursos tanto financeiros quanto intelectuais e até comportamentais, atendendo assim às mudanças sociais e as exigências contemporâneas.

Boaventura (*op. cit.* p. 32 e 33) sugere o uso de textos com recursos pictóricos e auditivos como ponto de partida para outras leituras puramente textuais. Costa (*op. cit.*, p. 97), na mesma linha, discorre sobre as vantagens dos recursos imagéticos como motivadores na educação. Ambos autores tratam de motivação como fator relevante na práxis educacional. Do mesmo modo, Cosson (2014), ao tratar de letramento literário, também prevê a necessidade de uma fase de pré-leitura denominada por ele de Motivação. Fase esta em que o estudante é levado a se envolver com a obra literária, por meio de atividade que suscitem a curiosidade e a imaginação, de maneira que a atividade de leitura possa fazer sentido para ele. Ela, a motivação, é a força propulsora que move o ser humano para suas conquistas no mundo. Estudantes desmotivados não produzem, mas, sim, reproduzem, copiam, repetem. Preparar os estudantes para a leitura ou escrita efetiva de textos requer todo um processo, uma “gradação de leitura” (BOAVENTURA, 2009), como já foi citado. Cabe ao professor a tarefa de provocar tal

motivação, condição indispensável para que se atinja nossos objetivos.

METODOLOGIA

Para a aplicação do projeto consideraremos o calendário do 1º Semestre de 2017, da escola referenciada. Serão dezoito encontros de cem minutos (duas aulas, semanais).

No primeiro encontro com os alunos, a professora, após se apresentar, apresentará à turma, brevemente, a proposta do projeto literário a ser realizado durante o primeiro semestre e enviará, por meio dos alunos, solicitação de autorização aos pais, em parceria com a gestão escolar, para a participação dos estudantes no projeto. Em seguida, a professora promoverá uma interação aluno-professor, instigará cada um a falar de si e de sua experiência com a leitura: se gostam ou não de ler, sobre o que leem, para que leem, se sabem o que são poema e poesia, quais poemas conhecem, e com o auxílio de um aluno monitor, fará as anotações exemplares, na lousa ou em folha, conforme for o ambiente naquele momento. Isso se dará porque achamos fundamental conhecer a história de leitura de cada aluno, e de suma importância para o desenvolvimento das atividades futuras.

Nessa etapa, o aluno entrará em contato inicial com poemas de variados formatos, tais como soneto, poema concreto, poema em prosa, cordel e haicai, letra de música. O objetivo é que o aluno leia e perceba as formas que um poema pode adquirir. A professora indagará quais as semelhanças e diferenças entre os tipos de poemas, o que lhes caracterizam como tal e conceituará poesia e poema. A ideia dessa atividade é fazer com que o aluno conte o que percebeu acerca dos elementos que dão poeticidade ao texto. Ainda nessa fase, dispostos em círculo, os estudantes serão estimulados a extrair sentidos dos poemas ora lidos e a socializarem suas impressões, entendimento e sensações com perguntas estimuladoras, previstas em planos de aula.

Nas aulas subsequentes, a professora levará letras de música e indagará sobre as diferenças e semelhanças entre esta e o poema. Mostrar-se-á que muitos poemas se tornaram músicas, como alguns de Vinícius de Moraes, de Florbela Espanca, Cecília Meireles, Camões, etc., e há músicas que contêm fortes traços poéticos. A professora pedirá aos alunos para que tragam e socializem letras de canções que conheçam e que pensam haver aspectos poéticos, preferencialmente que tratem da temática urbana, cujo tema será visto neste projeto e desenvolvido em toda a sua intertextualidade, discursividade e pluralidade possíveis. A intenção dessa atividade é conhecer o que eles entendem por poeticidade, e também conhecer suas referências.

Outros gêneros textuais em prosa, como a notícia e a propaganda, serão levados à sala de aula a fim de comparação com o poema. Perguntas instigadoras farão o aluno discernir os gêneros, como: quais diferenças estruturais você percebe entre a notícia e o poema, por exemplo? Além dos aspectos estruturais, que outras diferenças há entre os gêneros? O que faz um poema ser um poema? Qual a diferença entre um texto escrito em prosa e um escrito em verso? Numa notícia ou propaganda pode haver poesia?

Convém lembrar que, possivelmente, os alunos não saberão responder a tais questionamentos, devido à complexidade das questões, no entanto, pretende-se estimulá-los a pensar, isso é o objetivo dessa atividade. Posteriormente, após ouvi-los, a professora responderá aos questionamentos feitos e conceituará prosa e poesia com exemplaridade, deixando claro que ambas podem se imbricar.

À medida que os estudantes forem se familiarizando com os textos poéticos, a professora trabalhará com mais profundidade o haicai, a poesia em prosa, o poema concreto, o soneto, o acróstico e o cordel, com os

alunos. Sempre estimulando-os a exporem suas impressões acerca dos poemas, nas rodas de conversa.

Trabalharemos os elementos poéticos presentes no texto, tais como: ritmo, versos rimados ou livres, seleção do vocabulário, forma, metáforas e seus efeitos de sentidos nos poemas. Além disso, exercícios de declamação envolvendo a linguagem corporal e linguística: postura, imitação de voz e expressão corporal, provocando, a princípio os alunos voluntários, os mais extrovertidos, até cativar os mais tímidos; possibilitando que pratiquem a expressão oral. Para consolidar os exercícios de declamação, chamaremos uma contadora de histórias local para recitar poemas à turma.

Ainda nessa fase, os alunos criarão seu primeiro poema, com tema livre, com ou sem rima, da forma que desejarem. A professora acompanhará a todos, ajudando-os na elaboração, bem como, estimulará os alunos a declamarem seus poemas para a turma, conforme a linguagem corporal e linguística estudada. A turma, ainda, construirá um varal literário com os poemas e os exporá no pátio da escola, e outros lugares públicos que possam ser relevantes à divulgação das produções.

As atividades de leitura de variados poemas, em roda, e exploração dos sentidos se manterão por todo semestre. Serão trabalhados poemas de escritores brasileiros, tais como, José Paulo Paes, Cecília Meireles, Roseana Murray, Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes, Cora Coralina, Carlos Drummond de Andrade, Maria Müller, Dom Aquino, entre outros, além de poemas musicados e letras de música. Mostraremos poemas concretos e poemas relacionados a imagens e a fotografias. A relação entre texto e imagem será explorada por meio de perguntas norteadoras. A conceituação entre verbal e não-verbal será efetivada e demonstrada. A professora proporá a atividade “A poesia pode estar em tudo” a fim de aguçar o olhar estético do aluno, usando, principalmente, a poesia presente nas imagens e fotografias que serão mostradas pelo projetor multimídia. Perguntas, tais como: o que você vê nesta imagem? Quais suas impressões sobre ela? O que ela o faz lembrar? Que sensação ela lhe traz? Que sentimentos ela remete? Quem a retratou utilizou quais recursos que a tornaram bela aos olhos do receptor? O ângulo utilizado na captação influenciou a estética da imagem? O objetivo dessa atividade será propiciar a percepção estética, aguçar os sentidos e mostrar que, seja a imagem de um lírio ou de uma rosa, a poesia pode estar presente em quase tudo, dependerá do olhar estético que foi dado a ela.

Convém esclarecer que entendemos que as crianças, pela pouca experiência e conhecimento, poderão não corresponder aos objetivos da atividade, uma vez que a emoção estética é uma experiência íntima, particular, subjetiva (T. S. ELIOT, 1991, *apud* PINHEIRO, 1995). Portanto, não se ensina ou aprende, pois é uma experiência, precisa ser vivida. O que os professores podem e devem fazer é dar acesso à leitura literária e incentivar seus alunos por meio de atividades que os levem a pensar e a sentir a obra. Por isso, a proposta é válida na medida em que oferece ao aluno a oportunidade de pensar a obra, de socializar as impressões e escrevê-las. Desse modo, com o direcionamento da professora, a imagem poderá ajudá-lo a escrever um poema. Esses poemas também serão expostos em varais literários.

Como a temática do projeto será “A cidade”, a professora indagará os alunos sobre a cidade: se gostam ou não, o que conhecem, o que gostariam de conhecer, quais as vantagens e os problemas, cujos assuntos poderão ser desenvolvidos intertextualmente: emprego, desemprego, estrutura social dos habitantes da cidade, estresse, saneamento, política, etc.. Aqui, esperamos que a conversa evolua de tal forma que os alunos pensem na e sobre a cidade, em seus variados aspectos: físico, histórico, cultural e social e que, gradualmente, descrevam criticamente os espaços da cidade. Letras musicadas que tratam da temática serão levadas aos alunos, tais como, “A cidade”, de Nação Zumbi, “Soneto à cidade de São Paulo”, de Vinícius de Moraes, “Itabira”, de Carlos

Drummond, “Cidadão”, de Zé Geraldo, “Tô cansado”, de Titãs, “Cidade maravilhosa” de Daniel Leite, “A cidade”, de Chico Science, “A cidade dos artistas”, de Chico Buarque, entre outras. Ainda, nessa etapa, um fotógrafo profissional, convidado oficialmente pela escola, fará uma explanação sobre fotografia com a proposta de mostrar o olhar aguçado a cerca do objeto fotografado. O percurso histórico da fotografia, os recursos contemporâneos, o olhar fotográfico, conceitos sobre fotografia e arte fotográfica serão assuntos explorados nessas aulas. O objetivo é fazer os alunos perceberem que a fotografia é o olhar do fotógrafo, assim como a poesia é o olhar do poeta. Tudo dependerá do ângulo utilizado no processo. Esperamos, assim, que essa atividade ajude os alunos a enxergarem aspectos da cidade que, frequentemente, não são observados devido a correria do cotidiano e, dessa forma, captem imagens significantes da cidade, durante passeios fotográficos, com autorização prévia dos responsáveis pelos educandos (pais e coordenação escolar).

Após essa(s) aula(s), proporemos passeios pela cidade em busca de imagens que significam para os alunos, previamente combinado. A professora orientará os estudantes, de forma individual e em grupos, a fotografarem e a captarem a poesia presente na imagem, conforme estudado nas aulas anteriores. É importante salientar que teremos o Plano B, contendo textos e atividades escritas, referentes aos conteúdos, para os alunos que, por acaso, algum pai não autorize à sua saída da escola.

As fotografias serão apresentadas na aula, no projetor multimídia, e a professora indagará a cada discente o motivo que o levou a fotografar aquela imagem, o que lhe chamou a atenção, que sentimento ela lhe traz. Os alunos escreverão suas impressões sobre a imagem fotografada. Em seguida, a professora e os alunos farão, juntos, o esboço de um poema, no quadro, baseados numa imagem escolhida pela professora. Será um poema compartilhado em que os estudantes darão suas sugestões e aperfeiçoarão cada verso e estrofes, até que fique bonito aos olhos de todos. A intenção dessa atividade é mostrar ao aluno que criar um poema não é tarefa tão difícil e, que o processo de correção, melhoramentos e reescrita faz parte da elaboração de um bom texto.

Após a experiência do passeio fotográfico, os alunos irão criar um poema, inspirados nas imagens que fizeram no passeio. O importante é que todos argumentem criticamente sobre as imagens e, em seguida, produzam textos orais e escritos. Nessa fase, a professora ajudará nas produções escritas, individualmente, a aprimorarem ao máximo seu poema. Entendemos que esse processo pode ser longo e cansativo para os alunos, porque demanda reescritas, no entanto, faz-se necessário. Nas aulas seguintes, os alunos irão digitalizar seus textos no *Word*, junto às imagens fotografadas, no laboratório de informática da escola. Depois montarão a apresentação gráfica/layout do *E-book* que será publicado nas redes sociais e impresso como livreto. Além disso, em equipes e individualmente, farão uma gravação em que declamam e encenam seus poemas. Posteriormente, essa gravação será integrada à montagem de um *slideshow* com as fotografias e os poemas gravados, através do *software Movie Maker*.

A fase final será a preparação para o Sarau Literário, onde se exibirá os poemas impressos, declamados e filmados (*slideshow*) pelos alunos. O Sarau Literário deve ocorrer junto a um evento programado da escola, se houver; ou independentemente, sob nossa coordenação, com apoio da comunidade escolar. Nesse dia, os alunos terão a oportunidade de mostrar à comunidade escolar suas produções literárias, com a apresentação de atividades artísticas na exposição e, em seguida, haverá a distribuição dos livretos e sessão de autógrafos.

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO

MÊS/2017	ATIVIDADE	ESTRATÉGIAS
----------	-----------	-------------

<p>Março (6 aulas)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação do projeto à turma 2. Leitura de variados tipos de poemas. 3. Rodas de leitura. 4. Produções orais e escritas. 5 – Explanação sobre a arte fotográfica, feita por um fotógrafo profissional, previamente convidado. 	<p>Será enviado solicitação de autorização aos pais, em parceria com a gestão escolar, para os alunos participarem do projeto. Checagem das experiências de leitura da turma.</p> <p>Contato inicial com a leitura de poemas de variados formatos, tais como soneto, poema concreto, poema em prosa, cordel e haicai, letra de música. Após leitura, comentários dos elementos de poeticidade, exploração dos possíveis sentidos e socialização das impressões, entendimento e sensações. Registro escrito das impressões.</p>
<p>Abril (8 aulas)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Comparação entre poema e outros gêneros textuais. 2. Conceituação entre poesia e prosa, linguagem conotativa e denotativa-sentido real e figurado. 3. Leitura e interpretação de textos poéticos: haicai, a poesia em prosa, poema concreto, o soneto, o acróstico e o cordel. 4. Roda de leitura. 5. Produções orais e escritas. 	<p>Comparação entre poema e outros gêneros, como a letra de música, a notícia e a propaganda. Comentar as características prosódicas e poéticas dos textos.</p> <p>Trabalharemos com mais profundidade o haicai, a poesia em prosa, poema concreto, o soneto, o acróstico e o cordel.</p> <p>Socialização e registro escrito das impressões.</p> <p>Atividade de escrita e reescrita no laboratório de informática.</p>
<p>Maior (10 aulas)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elementos poéticos 2. Declamação 3. Criação de poema e recitação 4. Criação do varal literário 5. Poemas e imagens: verbal e não-verbal 6. Escrita de poemas 7. Leitura de textos diversos relacionados à temática “A cidade”. 8. Fotografar a cidade. 	<p>Trabalho com os elementos poéticos, tais como: ritmo, versos rimados ou livres, seleção do vocabulário, forma, metáforas e seus efeitos de sentidos nos poemas.</p> <p>Atividade de recitação de poemas</p> <p>Visita de uma contadora de história que recitará poemas.</p> <p>Elaboração do primeiro poema e recitação. Confecção do varal literário.</p> <p>Análise de variados poemas e imagens. Relação entre verbal e não-verbal. Atividade “A poesia pode estar em tudo”. Escrita de poemas intimistas.</p> <p>Os alunos fotografarão imagens pela cidade que servirão de inspiração para a escrita.</p>
<p>Junho (8 aulas)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elaboração de poemas 2. Processo de refinamento dos poemas. 3. Filmagem das declamações e montagem das fotografias. 4. Digitação dos poemas para E-book 	<p>Escrita e reescrita de poemas sobre a temática “A cidade”.</p> <p>Treinamentos para recitação individual, jogral e canto.</p> <p>Elaboração do <i>Slideshow</i>.</p> <p>Digitação, elaboração gráfica e publicação final do <i>E-book</i>.</p>
<p>Julho (4 aulas)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elaboração e impressão do E-book 2. Realização do Sarau Literário 	<p>Impressão do <i>E-book</i>. Ensaio final para as declamações. Montagem do Sarau.</p> <p>Exposição dos poemas na forma impressa, recitada e filmada.</p>

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: _____. **Filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Trad. Antônio da Costa Leal e Lídia do Vale Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 181-354.

BOAVENTURA, Roberto. **Gradação de leituras no ensino literário**. 2 ed. Tangará da Serra: Ideias, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998).

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. Ed., 4ª impressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. PAULINO, Graça. Letramento literário: para viver a literatura. In: ZILBERMAN, Regina, ROSING, Tania M. K. orgs. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. Coleção Leitura e formação.

COSTA, Maria Cristina Castilho. A leitura das imagens. In: ZILBERMAN, Regina, ROSING, Tania M. K. orgs. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. Coleção Leitura e formação.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

Mato Grosso. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações Curriculares: Área de Linguagens**. – Cuiabá: Gráfica Print, 2012.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. João Pessoa: Ideia, 1995.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

Futuras leituras:

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

HUNHOFF, Elizeth D.C. Literatura e leitura - concepções sobre o ensino de literatura e a formação do leitor. **Revista Ecos: Literatura, língua e ensino**, Cáceres, v. 11, n. 2, p.31-39, 2011.

HUNHOFF, Elizeth D.C. **Tempo e Identidade: estudo da poética de Florbela Espanca e Cecília Meireles**. Cáceres/MT: editora UNEMAT, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. Brasília: Editora Brasiliense, 1983. Coleção Primeiros Passos 103.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012. Coleção Como eu ensino.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & cia**. São Paulo: Ática, 2000.

ANEXOS

Alguns poetas que serão trabalhados:

José Paulo Paes, Cecília Meireles, Roseana Murray, Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes, Cora Coralina, Carlos Drummond de Andrade, Marta Cocco, Mário Quintana.

Algumas letras musicadas:

A cidade, de Nação Zumbi; *Soneto à cidade de São Paulo*, de Vinícius de Moraes; *Itabira*, de Carlos Drummond; *Cidadão*, de Zé Geraldo; *Tô cansado*, de Titãs; *Cidade Maravilhosa*, de marchinha de carnaval; *Luar do meu sertão*, de Luiz Gonzaga.

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
ASSESSORIA PEDAGÓGICA DE PRIMAVERA DO LESTE

Escola: Escola Estadual Paulo Freire
Professora: Lídia Tagarro Costa Pereira
Turma: 7º Ano - 1º bimestre – 2017
Aula: 20/03/2017 - 2 aulas de 50min

Disciplina: Língua Portuguesa

PLANO DE AULA - 02	
CONTEÚDO	Proximidade entre poesia e música. Poemas musicados. Introdução à temática “a cidade”, com música.
OBJETIVOS	<p>Objetivo geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Levar os alunos a perceberem a estreita relação entre poema e música. • Levar o aluno a refletir sobre sua cidade. <p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mostrar aos alunos semelhanças entre poema e letra de música. • Compreender os recursos sonoros utilizados na produção de poemas. • Iniciar a temática “Cidade” através de músicas sobre a cidade. • Instigar nos alunos a reflexão sobre aspectos de sua cidade.
METODOLOGIA	<p>1º. Momento: 45min. – Fazer chamada, organizar a turma em círculo. A professora distribuirá cópias de um poema musicado, “O pato”, de Vinícius de Moraes, e uma música, “Aquarela”, de Toquinho. O poema musicado será lido e cantado. A música será ouvida por meio do aparelho de som. Através da atividade de leitura, os alunos serão indagados se conhecem os textos e quais aspectos poéticos que encontraram neles: ritmo, rimas, figuras de linguagem, etc. Serão, ainda, incitados a observar as semelhanças entre poema e letra de música. Depois, responderão por escrito, em folha A4 pautada. A ideia de comparar poema e letra de música é fazer os alunos perceberem as semelhanças e, assim, desmistificar o conceito pré-concebido de que a poesia não faz parte do seu universo de adolescente. Ao contrário, a poesia está presente em muitas formas de arte, como algumas letras de música que tanto gostam.</p> <p>2º. Momento: 20min. – Nesse momento partiremos para uma breve conversa sobre a origem histórica comum entre poesia e música por meio da leitura de um pequeno texto.</p> <p>3º. Momento: 35min. – E como forma de introduzir os alunos na temática do projeto, esse terceiro momento trata-se da leitura e questionamentos acerca de duas músicas sobre temática urbana: “A cidade”, de Nação Zumbi” e “Cidadão”, de Zé Geraldo. Será a hora de reflexão sobre a temática proposta pelo projeto. Pensar a cidade em toda sua plenitude: aspectos naturais; estruturais/físicos; sociais; ambientais e, até, econômico e político.</p>
RECURSOS UTILIZADOS	Fotocópias coloridas com os poemas. Aparelho de som.
AVALIAÇÃO	A atividade de leitura será avaliada conforme a participação e interação dos alunos.
REFERÊNCIAS	
<p>Atividades adaptadas da aula “A estreita relação entre Poema e Música”, do autor Rogerio de Castro Ângelo, disponível no site <i>Portal do Professor</i> <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=58295> Poemas: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia>; <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=58295> Vídeos dos poemas musicados e músicas: Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=fEW7wd4fAnY>; <http://www.youtube.com/watch?v=-Gsdp2zSCjY>; <http://www.youtube.com/watch?v=z8-yWOXXJ4Y>.</p>	

ANEXO B – POEMAS E LETRAS DE MÚSICAS TRABALHADOS EM SALA

1 - Amar é um elo
entre o azul
e o amarelo.

(Paulo Leminski)

Disponível em: <www.poesiaspoemaseversos.com.br/paulo-leminski-poemas>

2 - PESCARIA – José Paulo Paes

Um homem
que se preocupava demais
com coisas sem importância
acabou ficando com a cabeça cheia de minhocas.
Um amigo lhe deu então a ideia
de usar as minhocas numa pescaria
para se distrair das preocupações.
O homem se distraiu tanto
pescando
que sua cabeça ficou leve
como um balão
e foi subindo pelo ar
até sumir nas nuvens.
Onde será que foi parar?
não sei
nem quero me preocupar com isso.
Vou mais é pescar.

Disponível em: <baudashistoriasepoemas.blogspot.com/2010/04/poemas-de-jose-paulo-paes>

3 - A CASA – Vinícius de Moraes

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela, não
Porque na casa
Não tinha chão

Ninguém podia
Dormir na rede
Porque na casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali

Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos Bobos
Número Zero

Disponível em: <www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/>

4 - AMOR É UM FOGO QUE ARDE SEM SE VER – Luís Vaz de Camões

Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se e contente;
É um cuidar que ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=20057>>

5 - MARMELO, O JACARÉ BANGUELO! – Mariane Bigio

Um rapaz muito sabido
De codinome Zezinho
Apaixonado arriou-se
Pela filha do vizinho
Pedi socorro ao amigo
Um belo jacarezinho

“Marmelo, meu caro amigo”
Disse ele ao jacaré
“Me ajude por favor
Conquistar essa muié
E se acaso eu conseguir
Eu te pago um picolé!”

O jacaré em questão
Era doidinho por doce
Não gostava nem de carne
E adorava algodão-doce
E se visse um picolé
Virge maria, cabosse!

Também era inofensivo
Pois não tinha um só dente
de tanto chupar confeito
sua boca ficou doente
Assim ele não mordida
nem animal e nem gente!

“Nosso plano é o seguinte:
Você irá atacar
A moça durante a noite
E eu venho pra salvar
Feito um herói valente
E seu amor conquistar

Você se finge de morto
Ou então pode fugir
Mas não esqueça uma coisa
A boca não pode abrir
Disponível em: <<https://marianebigio.com/2014/07/28/marmelo-o-jacare-banguelo>>

Pois se você fizer isso
tudo ela vai descobrir!”

E assim eles fizeram
Lá se foi o jacaré
Entrou correndo na casa
A moça estava de pé
Deu grito e defendeu-se
E nem precisou do Zé!

Com um cabo de vassoura
Ela bateu no bichinho
Que num berro abriu a boca
“é banguelo, o coitadinho!”
E o jacaré gritou:
“foi ideia do Zezinho!”

O rapaz explicou tudo
Mas moça não gostou
E foi pelo jacaré
que ela se apaixonou
o Zezinho fez de tudo
só que nada adiantou

Ela cuidou do bichinho
que levou uma paulada
levou ele no dentista
fez uma “chapa” arrumada
e o Zezinho até hoje
procurando namorada

E assim essa história
Teve um final singelo
O rapaz se achando esperto
perdeu tudo pro Marmelo
E a moçinha se casou
Com o Jacaré Banguelo!

6 - PÊNDULO - E. M. de Melo e Castro

P Ê
P Ê N
P Ê N D U L O
P Ê N D U L O
P Ê N D U L O
P Ê N D U L O
P Ê N D U L O

Disponível em: <<http://arteonline.arq.br/museu/ensaios/ensaiosantigos/jorge/pendulo.jpg>>

7 - RECEITA DE ANO NOVO - Carlos Drummond de Andrade

Para você ganhar belíssimo Ano Novo
 cor do arco-íris, ou da cor da sua paz,
 Ano Novo sem comparação com todo o tempo já
 vivido
 (mal vivido talvez ou sem sentido)
 para você ganhar um ano
 não apenas pintado de novo, remendado às
 carreiras,
 mas novo nas sementinhas do vir-a-ser;
 novo
 até no coração das coisas menos percebidas
 (a começar pelo seu interior)
 novo, espontâneo, que de tão perfeito nem se nota,
 mas com ele se come, se passeia,
 se ama, se compreende, se trabalha,
 você não precisa beber champanha ou qualquer
 outra birita,
 não precisa expedir nem receber mensagens
 (planta recebe mensagens?
 passa telegramas?)

Disponível em: <http://www.releituras.com/drummond_dezembro.asp>

Não precisa
 fazer lista de boas intenções
 para arquivá-las na gaveta.
 Não precisa chorar arrependido
 pelas besteiras consumadas
 nem parvamente acreditar
 que por decreto de esperança
 a partir de janeiro as coisas mudem
 e seja tudo claridade, recompensa,
 justiça entre os homens e as nações,
 liberdade com cheiro e gosto de pão matinal,
 direitos respeitados, começando
 pelo direito augusto de viver.

Para ganhar um Ano Novo
 que mereça este nome,
 você, meu caro, tem de merecê-lo,
 tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil,
 mas tente, experimente, consciente.
 É dentro de você que o Ano Novo
 cochila e espera desde sempre.

8 - CONVITE – José Paulo Paes

Poesia
 é brincar com palavras
 como se brinca
 com bola, papagaio, pião.

Só que
 bola, papagaio, pião
 de tanto brincar
 se gastam.

As palavras não:
 quanto mais se brinca
 com elas
 mais novas ficam.

como a água do rio
 que é água sempre nova.

como cada dia
 que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

Disponível em: <<http://literainfanto.blogspot.com.br/2010/05/convite-jose-paulo-paes.html>>

9 - TEM TUDO A VER - Elias José

A poesia
tem tudo a ver
com tua dor e alegrias,
com as cores, as formas, os cheiros,
os sabores e a música
do mundo.

A poesia
tem tudo a ver
com o sorriso da criança,
o diálogo dos namorados,
as lágrimas diante da morte,
os olhos pedindo pão.

A poesia
tem tudo a ver
com a plumagem, o voo e o canto,
a veloz acrobacia dos peixes,
as cores todas do arco-íris,
o ritmo dos rios e cachoeiras,
o brilho da lua, do sol e das estrelas,
a explosão em verde, em flores e frutos.

A poesia
- é só abrir os olhos e ver -
tem tudo a ver com tudo.

Disponível em: < <http://pornovosleitores.blogspot.com.br/2011/05/poesia-tem-tudo-ver.html>>

10 - O DIREITO DAS CRIANÇAS – Ruth Rocha

Toda criança no mundo
Deve ser bem protegida
Contra os rigores do tempo
Contra os rigores da vida.

Criança tem que ter nome
Criança tem que ter lar
Ter saúde e não ter fome
Ter segurança e estudar.

Não é questão de querer
Nem questão de concordar
Os direitos das crianças
Todos tem de respeitar.

Tem direito à atenção
Direito de não ter medos
Direito a livros e a pão
Direito de ter brinquedos.

Mas criança também tem
O direito de sorrir.
Correr na beira do mar,
Ter lápis de colorir...

Ver uma estrela cadente,
Filme que tenha robô,
Ganhar um lindo presente,
Ouvir histórias do avô.

Descer do escorregador,
Fazer bolha de sabão,
Sorvete, se faz calor,
Brincar de adivinhação.

Morango com chantilly,
Ver mágico de cartola,
O canto do bem-te-vi,
Bola, bola, bola, bola!

Lamber fundo da panela
Ser tratada com afeição
Ser alegre e tagarela
Poder também dizer não!

Carrinho, jogos, bonecas,
Montar um jogo de armar,
Amarelinha, petecas,
E uma corda de pular.

<https://www.pensador.com/frase/MTA0NjMyMw/>

11- QUADRILHA - Carlos Drummond de Andrade

João amava Teresa
 que amava Raimundo
 que amava Maria
 que amava Joaquim
 que amava Lili
 que não amava ninguém.
 João foi para os Estados Unidos,
 Teresa para o convento,
 Raimundo morreu de desastre,
 Maria ficou para tia,
 Joaquim suicidou-se
 e Lili casou com J. Pinto Fernandes
 que não tinha entrado na história.
 Disponível em: < [https://www.lettras.mus.br/
 carlos-drummond-de-andrade/460652/](https://www.lettras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/460652/)>

12 - FADAS E BRUXAS – Roseana Murray

Metade de mim é fada,
 a outra metade é bruxa.
 Uma escreve com sol,
 a outra escreve com a lua.
 Uma anda pelas ruas cantarolando baixinho,
 a outra caminha de noite dando de comer à sua
 sombra.
 Uma é séria, a outra sorri;
 uma voa, a outra é pesada.
 Uma sonha dormindo,
 a outra sonha acordada.
 MURRAY, Roseana. Pêra, Uva ou Maçã. Editora
 Scipione:
 São Paulo, 2007. Disponível em: <
[http://bosquedapoesia.
 blogspot.com.br/2009/01/fadas-e-bruxas.html](http://bosquedapoesia.blogspot.com.br/2009/01/fadas-e-bruxas.html)>

13- OU ISTO OU AQUILO - Cecília Meireles

Ou se tem chuva e não se tem sol
 ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
 ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
 quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa
 estar ao mesmo tempo em dois lugares!

Disponível em: < <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ceci28.html>>

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
 ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
 e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
 se saio correndo ou fico tranquilo.

Mas não consegui entender ainda
 qual é melhor: se é isto ou aquilo.

14 – CIDADEZINHA QUALQUER - Carlos Drummond de Andrade

Casas entre bananeiras
 mulheres entre laranjeiras
 pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
 Um cachorro vai devagar.
 Um burro vai devagar.
 Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

Disponível em: < <http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/cidadezinha-qualquer-drummond/>>

15 - CIDADEZINHA – Edson Gabriel Garcia

Um ônibus lotado
 um taxista estressado
 um celular clonado
 um sinal fechado
 uma rua alagada.

Aqui não há roubo de galinhas
 porque galinhas não há;
 aqui não há conversa de varanda

porque varandas não há;
aqui não há promessas de novenas
porque novenas não há.

Não há.
Então...tá.
“Eta vida besta, meu Deus!”
Disponível em: <<http://www.escritoredsongabriel.com.br/poemas.html>>

16 - POEMA DE SETE FACES - Carlos Drummond de Andrade

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.
[...]
Disponível em: < <http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond01.htm>>

17 - ATÉ O FIM - Chico Buarque de Hollanda

Quando nasci veio um anjo safado
O chato do querubim
E decretou que eu estava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim
(...)
Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45110/>>

18 - COM LICENÇA POÉTICA - Adélia Prado

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
(...)
Disponível em: <<http://poesiaescrita.blogspot.com.br/2012/06/intertextualidade-na-poesia.html>>

19 - CIDADE VERDE – Dom Aquino Corrêa

Sob os flabelos reais de mil palmeiras,
Tão verdes, sombranceiras
E lindas como alhures não as há,
Sobre alcatifas da mais verde relva,
Em meio a verde silva,
Eis a ‘cidade verde’: Cuiabá!

Guardam-na, frente a frente, quais gigantes
Eternamente amantes,
Os seus dois morros, e tão verde são,
Que até refletem plácidos verdores
Nos lares cismadores,
Que encham do vale a plácida mansão.

Muita vez, na amplidão do céu ridente,
Que tão macramente,
Sobre ela curva o céu matiz,
Passa a nuvem dos verdes periquitos,
Gárrulos e infinitos,
Qual chusma de esperanças infantis.

Passa!... e na calma do horizonte verde,
Que além no azul se perde,
Ela adormece ao ósculo fugaz
Centrando a barcarola
Infinita dos beijos e da paz.

Disponível em: < <http://literaturamatogrossense.blogspot.com.br/2009/04/dom-aquino-correia.html>>

20 - MINHA CIDADE – Cora Coralina

Goiás, minha cidade...
 Eu sou aquela amorosa
 de tuas ruas estreitas,
 curtas,
 indecisas,
 entrando,
 saindo
 uma das outras.
 Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
 Eu sou Aninha.

Eu sou aquela mulher
 que ficou velha,
 esquecida,
 nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
 contando estórias,
 fazendo adivinhação.
 Cantando teu passado.
 Cantando teu futuro.
 Eu vivo nas tuas igrejas
 e sobrados
 e telhados
 e paredes.

Eu sou aquele teu velho muro
 verde de avencas
 onde se debruça
 um antigo jasmineiro,
 cheiroso
 na ruína pobre e suja.
 Eu sou estas casas
 encostadas
 cochichando umas com as outras.
 Eu sou a ramada
 dessas árvores,
 CORALINA, Cora. Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais. (1965).
 Disponível em: < http://www.avozdapoesia.com.br/obras_1er.php?obra_id=3780>

sem nome e sem valia,
 sem flores e sem frutos,
 de que gostam
 a gente cansada e os pássaros vadios.

Eu sou o caule
 dessas trepadeiras sem classe,
 nascidas na frincha das pedras:
 Bravias.
 Renitentes.
 Indomáveis.
 Cortadas.
 Maltratadas.
 Pisadas.
 E renascendo.

Eu sou a dureza desses morros,
 revestidos,
 enflorados,
 lascados a machado,
 lanhados, lacerados.
 Queimados pelo fogo.
 Pastados.
 Calcinados
 e renascidos.
 Minha vida,
 meus sentidos,
 minha estética,
 todas as virações
 de minha sensibilidade de mulher,
 têm, aqui, suas raízes.

Eu sou a menina feia
 da ponte da Lapa.
 Eu sou Aninha.

21 - SONETO SENTIMENTAL À CIDADE DE SÃO PAULO – Vinícius de Moraes

Ó cidade tão lírica e tão fria!
 Mercenária, que importa - basta! - importa
 Que à noite, quando te repousas morta
 Lenta e cruel te envolve uma agonia

Não te amo à luz plácida do dia
 Amo-te quando a neblina te transporta
 Nesse momento, amante, abres-me a porta
 E eu te possuo nua e fugidia.

Sinto como a tua íris fosforeja
 Entre um poema, um riso e uma cerveja
 E que mal há se o lar onde se espera

Traz saudade de alguma Baviera
 Se a poesia é tua, e em cada mesa
 Há um pecador morrendo de beleza?

Disponível em: < <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/soneto-sentimental-cidade-de-sao-paulo>>

22 - CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO – Carlos Drummond

Alguns anos vivi em Itabira.
 Principalmente nasci em Itabira.
 Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
 Noventa por cento de ferro nas calçadas.
 Oitenta por cento de ferro nas almas.
 E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
 vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
 é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
 esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil,
 este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
 este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
 este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
 Hoje sou funcionário público.
 Itabira é apenas uma fotografia na parede.
 Mas como dói!

Disponível em: < <http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/confidencia-do-itabirano/>>

23 - CIDADEZINHA – Mário Quintana

Cidadezinha cheia de graça...
 Tão pequenina que até causa dó!
 Com seus burricos a pastar na praça...
 Sua igreja de uma torre só...

Nuvens que venham, nuvens e asas,
 Não param nunca nem um segundo...
 E fica a torre, sobre as velhas casas,
 Fica cismando como é vasto o mundo!...

Eu que de longe venho perdido,
 Sem pouso fixo (a triste sina!)
 Ah, quem me dera ter lá nascido!

Lá toda a vida poder morar!
 Cidadezinha... Tão pequenina
 Que toda cabe num só olhar...
 Mario Quintana In A Rua dos Cataventos, 1940
 Disponível em: < http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=16585>

24 - MAPA – Roseana Murray

Entrar numa cidade
 é como desvendar as linhas
 misturadas de um bordado.
 A cada virar de esquina
 uma trama desconhecida
 espreita.

Quantos amores
 flutuam no vento,
 quantas invisíveis pegadas,
 sussurros,
 mortes, nascimentos?

Para cada um
 a cidade é distinto mapa.
 Ao cair da tarde,
 como um pescador
 Apanha as redes,
 há que recolher
 as sílabas das pedras.
 PRIETO, Heloisa.(org.). Conversa de Poeta. 1ed. São Paulo:
 Salamandra, 2003. (Coleção literatura em minha casa; v.1.
 Poesia)

25 - PRIMAVERA - Roseana Murray

A cidade e sua oscilante
geografia.
Tantas outras cidades
Flutuando dentro desta
Como antigas fotografias.

É primavera.
Não se sabe se as ruas
Estão feitas de concreto ou de luz.
As mãos querem tocar
o começo da vida
e se tingem de verde.

Nessa fabricação contínua
de música e flores
a cidade se desprende do chão
para que nela caibam
confortavelmente
os amantes e os palhaços.

PRIETO, Heloisa.(org.). Conversa de Poeta. 1ed. São Paulo: Salamandra, 2003. (Coleção literatura em minha casa; v.1. Poesia)

Poemas musicados e letras de músicas:

1 - O PATO - Vinícius de Moraes

Lá vem o pato
Pata aqui, pata acolá
Lá vem o pato
Para ver o que é que há.
O pato pateta
Pintou o caneco
Surrou a galinha
Bateu no marreco
Pulou do poleiro
No pé do cavalo
Levou um coice
Criou um galo
Comeu um pedaço
De jenipapo
Ficou engasgado
Com dor no papo
Caiu no poço
Quebrou a tigela
Tantas fez o moço
Que foi pra panela.

Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/o-pato>>

2 - AQUARELA - Vinicius de Moraes, Toquinho, Guido Morra, Maurizio Fabrizio

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
E se faço chover com dois riscos tenho um guarda-chuva
Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu

Vai voando, contornando
 A imensa curva norte-sul
 Vou com ela viajando
 Havaí, Pequim ou Istambul
 Pinto um barco a vela branco navegando
 É tanto céu e mar num beijo azul
 Entre as nuvens vem surgindo
 Um lindo avião rosa e grená
 Tudo em volta colorindo
 Com suas luzes a piscar
 Basta imaginar e ele está partindo
 Sereno indo
 E se a gente quiser
 Ele vai pousar

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida
 Com alguns bons amigos, bebendo de bem com a vida
 De uma América a outra consigo passar num segundo
 Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo
 Um menino caminha e caminhando chega num muro
 E ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está

E o futuro é uma astronave
 Que tentamos pilotar
 Não tem tempo nem piedade
 Nem tem hora de chegar
 Sem pedir licença muda nossa vida
 E depois convida a rir ou chorar
 Nessa estrada não nos cabe
 Conhecer ou ver o que virá
 O fim dela ninguém sabe
 Bem ao certo onde vai dar
 Vamos todos numa linda passarela
 De uma aquarela que um dia enfim
 Descolorirá

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
 Que descolorirá
 E se faço chover com dois riscos tenho um guarda-chuva
 Que descolorirá
 Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo
 Que descolorirá...

Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/musica/cancoes/aquarela>>

3 – A CIDADE – Chico Science & Nação Zumbi
 O Sol nasce e ilumina as pedras evoluídas,
 Que cresceram com a força de pedreiros suicidas.
 Cavaleiros circulam vigiando as pessoas,
 Não importa se são ruins, nem importa se são boas.

E a cidade se apresenta centro das ambições,
 Para mendigos ou ricos, e outras armações.
 Coletivos, automóveis, motos e metrô,
 Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs.

A cidade não pára, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce.
 A cidade não pára, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce.

A cidade se encontra prostituída,
 Por aqueles que a usaram em busca de saída.
 Ilusora de pessoas e outros lugares,
 A cidade e sua fama vai além dos mares.

No meio da esperteza internacional,
 A cidade até que não está tão mal.
 E a situação sempre mais ou menos,
 Sempre uns com mais e outros com menos.

A cidade não pára, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o debaixo desce.
 A cidade não pára, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o debaixo desce.

Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu
 Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tú.
 Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus. (haha)
 Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu
 Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tú.
 Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus. (ê)

Num dia de Sol, Recife acordou
 Com a mesma fedentina do dia anterior.

A cidade não pára, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o debaixo desce.
 A cidade não pára, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o debaixo desce.

Letra da música disponível em <<https://www.vagalume.com.br/nacao-zumbi/a-cidade.html>>
 Vídeo da música "A cidade", de Nação Zumbi <https://www.youtube.com/watch?v=hBJNHTyG_6E>

4 – CIDADÃO – Lúcio Barbosa /Zé Geraldo

Tá vendo aquele edifício moço?

Ajudei a levantar

Foi um tempo de aflição

Eram quatro condução

Duas pra ir, duas pra voltar

Hoje depois dele pronto

olho pra cima e fico tonto

Mas me chega um cidadão

e me diz desconfiado, tu tá aí admirado

ou tá querendo roubar?

Meu domingo tá perdido

vou pra casa enrustecido

Dá vontade de beber

E pra aumentar o meu tédio

eu nem posso olhar pro prédio

que eu ajudei a fazer

Tá vendo aquele colégio moço?

Eu também trabalhei lá

Lá eu quase me arrependo

Pus a massa fiz cimento

Ajudei a rebocar

Minha filha inocente

vem pra mim toda contente

Pai vou me matricular

Mas me diz um cidadão

Criança de pé no chão

aqui não pode estudar

Esta dor doeu mais forte

por que que eu deixei o norte

eu me pus a me dizer

Lá a seca castigava mas o pouco que eu plantava

tinha direito a colher

Tá vendo aquela igreja moço?

Onde o padre diz amém

Pus o sino e o badalo

Enchi minha mão de calo

Lá eu trabalhei também

Lá sim valeu a pena

Tem quermesse, tem novena

e o padre me deixa entrar

Foi lá que Cristo me disse

Rapaz deixe de tolice

não se deixe amedrontar

Fui eu quem criou a terra

enchi o rio fiz a serra

Não deixei nada faltar

Hoje o homem criou asas

e na maioria das casas

Eu também não posso entrar

Fui eu quem criou a terra

enchi o rio fiz a serra

Não deixei nada faltar

Hoje o homem criou asas
e na maioria das casas

Eu também não posso entrar

Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/nacao-zumbi/a-cidade.html>>

5 - PARAÍSO - José Paulo Paes

Se esta rua fosse minha,
eu mandava ladrilhar,
não para automóveis matar gente,
mas para criança brincar.

Se esta mata fosse minha,
eu não deixava derrubar.
Se cortarem todas as árvores,
onde é que os pássaros vão morar?

Se este rio fosse meu,
eu não deixava poluir.
Joguem esgotos noutra parte,
que os peixes moram aqui.

Se este mundo fosse meu,
Eu fazia tantas mudanças
Que ele seria um paraíso
De bichos, plantas e crianças.
Disponível em: <<http://literaturainfantilpoesia.blogspot.com.br/2016/04/jose-paulo-paes-paraiso.html>>

6 - CADÊ – José Paulo Paes

Nossa! que escuro!
Cadê a luz?
Dedo apagou.
Cadê o dedo?
Entrou no nariz.
Cadê o nariz?
Dando um espirro.
Cadê o espirro?
Ficou no lenço.
Cadê o lenço?
Dentro do bolso.
Cadê o bolso?
Foi com a calça.
Cadê a calça?
No guarda-roupa.
Cadê o guarda-roupa?
Fechado a chave.
Cadê a chave?
Homem levou.
Cadê o homem?
Está dormindo
de luz apagada.
Nossa! que escuro!
Disponível em: <<http://versosdecrianca.blogspot.com.br/2008/12/cad-jos-paulo-paes.html>>

Letras de músicas citadas pelos alunos como sendo poéticas:

7 - DANÇANDO - Agridoce

Eu sei que lá no fundo
Há tanta beleza no mundo
Eu só queria enxergar

As tardes de domingo
O dia me sorrindo
Eu só queria enxergar

Qualquer coisa pra domar
O peito em fogo
Algo pra justificar
Uma vida morna

O mundo acaba hoje e eu estarei dançando
O mundo acaba hoje e eu estarei dançando
O mundo acaba hoje e eu estarei dançando com você. 2X

Não esqueço aquela esquina

A graça da menina
Eu só queria enxergar

Por isso eu me entrego
À um imediatismo cego
Pronta pro mundo acabar

Você acredita no depois?
Prefiro o agora
Se no fim formos só nós dois
Que seja lá fora

O mundo acaba hoje e eu estarei dançando
O mundo acaba hoje e eu estarei dançando
O mundo acaba hoje e eu estarei dançando com você. 2X
Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/pitty/1718140/>>

8 - FELICIDADE – Lupicínio Rodrigues

(Artistas: Caetano Veloso, Zezé de Camargo e Luciano, Adriana Calcanhoto. E na
Novela infantil do SBT, Carinha de anjo)

Felicidade foi se embora
E a saudade no meu peito ainda mora
E é por isso que eu gosto lá de fora
Porque sei que a falsidade não vigora

A minha casa fica lá de traz do mundo
Onde eu vou em um segundo quando começo a cantar
O pensamento parece uma coisa à toa
Mas como é que a gente voa quando começo a pensar

Felicidade foi se embora
E a saudade no meu peito ainda mora
E é por isso que eu gosto lá de fora
Porque sei que a falsidade não vigora

A minha casa fica lá de traz do mundo
Onde eu vou em um segundo quando começo a cantar
O pensamento parece uma coisa à toa
Mas como é que a gente voa quando começo a pensar
Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/lupicinio-rodrigues/felicidade.html>>

9 - TODO MUNDO DEVE SER MAIS CRIANÇA - Lucinha Lins

(cantado em Chiquititas)
Todo mundo deve entrar na banda
tocar bumbo e brincar de ciranda
amarelinha, seu bobo, polícia e ladrão
de chicotinho queimado dá muita confusão
ficar por aí fazendo xixi.

Todo mundo deve ser mais criança
ir bem fundo e botar pé na dança
correr pelos cantos da casa
e só pensar em ser feliz
mostrar o amor pela cara
até escorrer pelo nariz
e o seu coração, igual a um balão
subir..

Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/lucinha-lins/1112591/>>

10 - VAI EMBRAZANDO – Mc Zaac part. Mc. Vigary

Se juntou com a amiga
 E foi lá pra casa
 Abre a geladeira
 Pega a catuaba

Depois de uns corte, ela ficou animada
 Depois de uns corte, ela ficou animada
 Fiquei sabendo que você é malcriada

Então para
 Já pode ficar pelada
 Não repara
 Que a casa tá bagunçada

Se tá travada, no meu som ela destrava
 Ainda mais que tu tem cara de safada
 A noite é uma criança, daqui a pouco vamo aí
 Mas aproveitando que o esquentado é aqui

Vai embrazando. 5X

Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/mc-zaac/vai-embrazando.html>>

11- ACORDANDO O PRÉDIO - Luan Santana

Aonde foi parar o seu juízo?
 Já são quatro da manhã
 Daqui a pouco liga o síndico
 Será que tem como a moça gritar baixinho?

Sei que tá bom, mas as paredes têm ouvido
 E era pra ser escondido, já que não é mais

Vamo acordar esse prédio
 Fazer inveja pro povo
 Enquanto eles tão indo trabalhar
 A gente faz amor gostoso de novo. 2X

Deixa o mundo saber, baby, como você é
 E os problemas a gente resolve depois, né?
 Porque quando você desce a Lua também desce pra ver
 Já me ganhou, agora é só me levar pra você

Vamo acordar esse prédio
 Fazer inveja pro povo
 Enquanto eles tão indo trabalhar
 A gente faz amor gostoso de novo. 6X

Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/luan-santana/acordando-o-predio/>>

ANEXO C – AMOSTRA DAS ATIVIDADES DA RODA DE LEITURA

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE

Professora: Lídia Tagarro Costa Pereira

Disciplina: Língua Portuguesa

Data: / /2017

Nome: _____

ATIVIDADE DE LEITURA DOS POEMAS

Comente com os colegas sobre os textos poéticos lidos e, em seguida, registre suas impressões.

1) Quais suas impressões sobre os textos: o que achou? O que mais lhe chamou a atenção? De qual texto mais gostou? Por quê?

2) Quanto à forma: como são os versos, as rimas, as estrofes dos poemas lidos?

3) Quanto à linguagem: Quais palavras estão em seu sentido figurado? O que dá poeticidade aos textos?

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE

Professora: Lídia Tagarro Costa Pereira

Disciplina: Língua Portuguesa

Data: / /2017

Nome: _____

Atividade de leitura CONOTAÇÃO E DENOTAÇÃO

1) Compare o primeiro texto com os dois últimos: quais as diferenças e semelhanças entre eles?

2) Quais palavras e expressões foram usadas em sentido figurado?

3) Que outros sentidos adquire a palavra “receita” nos dois últimos textos?

4) Que sentidos as duas últimas receitas tem para você?

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE

Professora: Lídia Tagarro Costa Pereira

Disciplina: Língua Portuguesa

Data: / /2017

Nome: _____

Atividade de leitura

1) O que você achou de cada imagem? Qual delas você mais gostou? Por quê? O que mais te chamou a atenção?

2) O que o autor retrata nas imagens? Que sentidos podemos extrair delas? Que fatos históricos e situações vêm a sua mente ao olhar para a fotografia?

3) Que emoções e sentimentos as fotografias nos remete? Por que elas estão em preto e branco?

4) Resuma em uma palavra ou frase o que cada imagem representa?

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE

Professora: Lídia

Disciplina: Língua Portuguesa

Data: / /2017

Nome: _____

Atividade de leitura – Intertextualidade

1) O conjunto de letras de música que você leu trata da temática “cidade”. Compare as letras de música da Atividade 1 e responda: O que achou dos poemas? Quais as semelhanças e diferenças entre os textos?

2) Quais traços de intertextualidade podemos perceber nos textos?

3) A letra da música “Paraíso”, de José Paulo Paes faz referência a qual outro texto? Essa música faz intertextualidade com qual outra? Comente os traços de intertextualidade presente nesse texto.

4) Com base nos textos poéticos que você leu e no que aprendeu sobre intertextualidade produza um poema que utiliza esse recurso. Alguns textos foram selecionados para te inspirar a escrever o seu. Escreva-o no caderno, e após mostrar para a professora, reescreva-o em folha pautada.

ATIVIDADE DE REFLEXÃO SOBRE A CIDADE DE PRIMAVERA DO LESTE:

- ✓ Converse com seus colegas sobre cada aspecto da cidade de Primavera do Leste.

1) O que se sabe sobre Primavera do Leste?

Representatividade econômica: (no estado e no país) Agronegócio: plantações de soja, milho e algodão.

Meio Ambiente: desmatamento total; erosão, assoreamento dos rios, agrotóxicos.

Social: desemprego na cidade, emprego nas lavouras, criminalidade, drogas, lixo (aterro sanitário), festas, mendigos, lazer, escolas, população crescente, custo de vida, etc.

Ícones culturais: A vida social: a praça, a pista de caminhada, a logoa, a avenida Porto Alegre, os bares e restaurantes, os parques.

Costumes: o tereré, o baile na praça, o aniversário da cidade, as festas juninas, o Réveillon na Lagoa, etc.

2) Pense em quais aspectos da cidade você gostaria de fotografar durante o semestre. Faça isso! De hoje em diante você vai fotografar com seu celular tudo o que deseja mostrar da sua cidade. Seja os aspectos bons ou ruins da cidade. Escolha fotografar as coisas simples, do cotidiano, que geralmente ninguém observa na cidade, devido à correria do dia a dia. Faça fotos bonitas e depois, traga para a sala de aula para socializar com os colegas e a professora. Podemos ainda escolher as mais bonitas e expor no pátio da escola para que todos vejam como você sabe fotografar bem! Não é o máximo?!

ANEXO D – AMOSTRA DE POEMAS ESCRITOS PELOS ALUNOS

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE
 Professora: Lídia Disciplina: Literatura
 Data: 23/08/2017 7º A
 Nome: Natália Souza da Silva

Lembranças de Primavera

Que linda é Primavera
 De ruelas (campo) sem fim.
 Lembranças-me de brincar sobre a
 grama do jardim...
 Pude o dia do infinito mãe
 Existe nada igual.
 Ao sorriso de uma criança
 Casa tá especial...

Quem falou de Primavera
 sem ter dado um sorriso
 Não sabe o que é viver
 em uma cidade tão bonita...
 Tá cheia de vida.
 Que não todo
 de drogas e ódio.

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE
 Professora: Lídia Disciplina: Literatura
 Data: 26/06/2017 7º A
 Nome: Isami de Souza de Miranda

Nóis e o Sol

Na cidade existe um pó de cor
 Que todos se encantam
 Das montanhas de caputim
 O amor que existe caputim
 De viver: Nós e o sol os mais lindos!

mesmo com a desigualdade
 A desigualdade a vida que existe
 mas tá o que tá aí aí
 E tá o sol e o vento
 Um dia, um dia de cor
 Que tá o sol e o vento
 E como um vento um dia de cor
 Quando tá o sol e o vento
 Nossas e o sol e o vento cantando.

O que tá cantando em Primavera o sol e o vento?
 Em finais de semana todos se encontram
 Na praça para os jogos cantando
 Dançando e tá o sol e o vento.

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE
 Professora: Lídia Disciplina: Literatura
 Data: 12/04/2017 7º A
 Nome: Renata Camelo

Primavera tem um lindo período
 Mas também, o medo quando as luz apaga

Primavera tem dança na praça as crianças
 Mas também, na mesma praça tem mendigos

Primavera tem crianças no parquinho
 Mas também, tem violência

Primavera tem muitas plantas
 Mas também, tem drogas que causa destruição

Primavera tem muitas festividades
 Mas também, desigualdade

mesmo assim, gosto de morar aqui
 Porque nessa cidade bonita eu cresci

Aus pessoas alegre se divertem
 Na jovem primavera do este

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE
 Professora: Lídia Disciplina: Literatu
 Data: 12/07/2017 7º A
 Nome: Raphael Sallback

Cidade

Olho a Primavera
 Que a natureza linda
 Que me dá
 Se ela continuar tão linda
 Mas cantando os outros
 Para o crescimento
 E o mundo mudar
 E o mundo o crescimento

Na natureza eu tenho sinto
 Vou voltar a ter grandezas
 E o mundo vai mudar
 Os outros de Primavera
 Tá linda, tá linda
 Cheio de flores e cheio de cores
 Tá cheio de cores.

E enquanto os outros florescem
 e não se divertem
 E o mundo agradece!

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE
 Professora: Lídia Disciplina: Literatura
 Data: 32/04/2017 7º A
 Nome: Ellim Rodrigues meireles

Fotografando a cidade.

Fui fotografar a cidade
 Fotografei a desigualdade
 mais que tristeza
 Fotografei os laços
 na natureza
 Olhei e pensei
 mais quanto indelicadeza.

Fotografei a agricultura
 nossa para cultura
 Olhei os milhos e algodões
 e admirei a plantação
 Olhei as flores, mais que amores.

Primavera do Leste
 cada vez mais cresce
 a galera chegando
 A cidade aumentando

Porque aqui na cidade
 tem as festividades
 pessoas de bondade
 e bastante tranquilidade.

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE
 Professora: Lídia Disciplina: Literatura
 Data: 1/2017 7º A
 Nome: Joel Felipe de Sousa

A lagoa

A lagoa é um lugar bonito
 verde, fresco e a linda lagoa
 pessoal se alham apreciando a paisagem
 E o silêncio da água se reflete na bela
 natureza.

A lagoa, pássaros voando em círculos
 E o vento abanando as águas admiradas
 Na lagoa nadam lindamente E as crianças
 mais ficam fascinados sem seu ruído.

Cauan

A primavera na primavera

Neste dia de primavera
 está tão linda primavera
 no ar cheio de flores
 no jardim passaros cantando!
 borboletas voando!
 e uma alegria
 me cativando.

Nesta cidade tão bonita
 corações floridos espalhando os aromas
 A estação da primavera
 deixa a minha primavera
 mais cheia de vida.

Linhas verdes do dia
 que existe uma primavera
 em mim
 e em você.

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE
 Professora: Lídia Disciplina: Literatura
 Data: 1/2017 7º A
 Nome: Calliny Vitória de Sousa Albuquerque

A cidade de Primavera

A cidade é um lugar que tem festividades
 e as festas são muito felizes
 Com comida não preparados os festas
 ilhas, celebração e amizade.

No cidade também há bondade,
 Mas também há maldade,
 tem pessoas que não tem respeito
 com desigualdade.

No cidade tem pessoas com dificuldade
 mas depois de está com felicidade
 Tem pessoas que não umas celebridades
 e que não passam por dificuldades

No cidade tem tranquilidade
 mesmo quando há bondade
 Podemos dizer que somos felizes de cidade
 Mas não cidade pequena.
 Não se esqueça cidade!

ANEXO E - AMOSTRA DE FOTOGRAFIAS DAS ATIVIDADES DO PROJETO





Algumas imagens fotográficas capturadas pelos alunos:

